

GABRIEL ROCHA VARGAS

**LAZER E PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO DE
PRATICANTES DE ESCALADA**

Leisure and participation on a climbing practitioners group

Campinas

2012

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

GABRIEL ROCHA VARGAS

**LAZER E PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO DE
PRATICANTES DE ESCALADA**

Orientadora: Silvia Cristina Franco Amaral

Leisure and participation on a climbing practitioners group

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física, área de concentração Educação Física e Sociedade.

Dissertation presented to the Post Graduation Programme of the School of Physical Education of State University of Campinas to obtain the Master's degree in Physical Education. Concentration area: Physical Education and Society.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO GABRIEL ROCHA VARGAS, E ORIENTADA PELA PROF^a. DR^a. SILVIA CRISTINA FRANCO AMARAL


Orientadora

Campinas, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA UNICAMP

V426c Vargas, Gabriel Rocha, 1987-
Lazer e participação em um grupo de praticantes de escalada /
Gabriel Rocha Vargas. - Campinas, SP: [s.n], 2013.

Orientador: Silvia Cristina Franco Amaral
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física,
Universidade Estadual de Campinas.

1. Lazer. 2. Escalada. 3. Participação social. 4. Esportes
Sociedades. 5. Grupo de Escalada e Montanhismo da Unicamp. I.
Amaral, Silvia Cristina Franco. II. Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para a Biblioteca Digital:

Título em inglês: Leisure and participation on a climbing practitioners group.

Palavras-chaves em inglês:

Leisure

Climbing

Social participation

Sports – societies

Grupo de Escalada e Montanhismo da Unicamp

Área de Concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora:

Silvia Cristina Franco Amaral [orientador]

Simone Aparecida Rechia

Jocimar Daolio

Data da defesa: 25-02-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

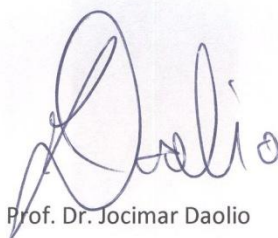


Prof. Dra. Silvia Cristina Franco Amaral

Orientadora



Prof. Dra. Simone Aparecida Rechia



Prof. Dr. Jocimar Daolio

Agradecimentos

À minha orientadora, Silvia, pela oportunidade, confiança e paciência;

À banca, Simone e Jocimar, que trouxeram bons conselhos durante o exame de qualificação;

Aos colegas Dirceu, Viviane e demais membros do nosso grupo de estudos, aos quais sou grato pela companhia, incentivo, grandes ajudas, pela “Chica da Silvia” (nossa cafeteira) e por outros momentos não acadêmicos que também resultaram em ótimas lembranças.

A algumas outras pessoas que ajudaram a fazer da FEF um lugar mais agradável, como aqueles pós-graduandos, graduandos, professores e funcionários com os quais tive bom convívio;

Ao Marcus, da FE, pelo par de sapatilhas de escalada;

Ao Hugo de Souza, pelas fotografias que ilustram esse volume;

À Bernadette, companheríssima, que se soubesse falar teria mil histórias para contar;

Ao Louis, que trabalhou duro como indispensável parceiro e fiel confidente;

Ao GEEU, por todas as experiências e por tudo aquilo que essa pesquisa buscou revelar;

Às pessoas importantes que eu deixei em Minas Gerais, que toleraram a minha metamorfose e não retribuíram o meu abandono;

Um agradecimento destacado à Helena, ao Igor, à Thais e sua família, parentes mais que especiais que fizeram por mim algo que não sei se terei como retribuir;

Agradecimento destacado também aos amigos que conheci durante o mestrado. A energia, a criatividade e a presença de vocês são indescritíveis.

Essa pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq

VARGAS, Gabriel. **Lazer e participação em um grupo de praticantes de escalada**. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

Resumo

Nessa pesquisa, lanço um olhar sobre o Grupo de Escalada e Montanhismo da Unicamp (GEEU) a partir do pressuposto de que as práticas relacionadas ao grupo de escalada residem na esfera do lazer. Estudo as configurações da participação no GEEU, focando a prática engajada à escalada como irrestrita ao seu exercício, ou seja, que não pode ser explicada analisando apenas a ação da prática central isoladamente. Através das particularidades da sua prática e das relações entre seus participantes, tanto a escalada em geral quanto o GEEU criam espaços para a construção de sentidos que atribuem significados à experiência de lazer. Conforme será demonstrado ao longo do trabalho, essas práticas são potenciais vetores de um lazer que pode ser caracterizado como *significativo* e promotor da *experiência*. Assim, o objetivo, nessa pesquisa, é investigar os significados das práticas do GEEU. Para alcançar tal objetivo, exploro a experiência da escalada no referido grupo, os significados que dela emergem e os que são atribuídos pelos sujeitos que nela se envolvem. O método empregado parte da necessidade de adentrar no mundo dos sujeitos pesquisados, conhecendo suas particularidades, os sentidos e os significados. Realizei, então, uma observação participante ao longo de dezoito meses em campo, convivendo com os sujeitos e incorporando o *habitus* da escalada para uma compreensão aprofundada desse universo. Adicionalmente, conduzi oito entrevistas com membros do GEEU em que algumas informações específicas que não emergiram espontaneamente em campo puderam ser melhor exploradas. Para auxiliar na compreensão das múltiplas facetas do grupo de escalada, recupero um modelo teórico que traz fundamentos que dialogam extensamente com o visto e o não visto no trabalho de campo: a *Serious Leisure Perspective* de Robert Stebbins. Lanço mão das categorias definidas por esse modelo para discutir as práticas do GEEU já em um processo de contextualização através de um diálogo com elementos da escalada incorporados na pesquisa de campo. Assim, demonstro que a escalada, como um todo, constitui uma cultura com suas próprias atitudes, crenças, valores, práticas e expectativas. Logo, ela assume a forma de um mundo social. Esses elementos indicam que a existência em grupo e o exercício de uma identidade forjada dentro de um universo com seu *ethos* e suas idiossincrasias são um fator fundamental na formação de um mundo social como espaço coletivo da experiência de lazer. Ao demonstrar a complexidade do universo da escalada e do GEEU, evidencia-se que não são as sensações ou o *status* promovido pela ação central, apenas, que constituem a atração e motivação para a participação na atividade. Mais que isso, é a atuação no grupo de escalada que provê uma extensa e profunda carga de sentidos e significados ao participante, preenchendo uma existência individual. O sujeito encontra, além do prazer da atividade, a oportunidade de forjar uma identidade, de compartilhar valores com seus pares, de empreender ações outrora inalcançáveis, de estipular e alcançar suas próprias metas e desafios. Muitas vezes os escaladores visitam o GEEU não para escalar, mas apenas para entrar desfrutar desses elementos.

Palavras-chave: Lazer; Escalada; Participação social; Esportes – Sociedades; Grupo de Escalada e Montanhismo da Unicamp.

VARGAS, Gabriel. **Leisure and participation on a climbing practitioners group**. 2013. 137 f. Dissertation (Master's degree in Physical Education) – School of Physical Education. State University of Campinas, 2013.

Abstract

In this research, I studied the Unicamp Climbing and Mountaineering Group (GEEU) from the standpoint that the practices related to the climbing group resides in the sphere of leisure. I study settings of participation in GEEU, focusing on the engaged practice of climbing as an unrestricted pursuit, i.e., that cannot be explained only by analyzing the actions of the central practice alone. Through the particularities of this practice and the relations between the participants, both climbing in general as GEEU create spaces for the construction of meanings attached to the leisure experience. As will be demonstrated throughout the work, these practices are potential vectors of a leisure that can be characterized as meaningful and promoter of experience. So, the objective in this research is to investigate the meanings of practices in GEEU. To achieve this goal, I explore the experience of climbing in that group, the meanings that emerge from it and those who are assigned by the subjects involved in it. The method emerges from the need to enter the world of the studied subjects, knowing its particularities, the senses and meanings. It was realized, then, a participant observation over eighteen months on field, living with the subjects and incorporating the climbing *habitus* for a deeper understanding of this universe. Additionally, I conducted interviews with eight GEEU members in which some specific information that did not emerged previously on the field in a spontaneous sense could be better exploited. To assist in the understanding the multiple facets of the climbing group, I sought a theoretical model that brings grounds that widely dialogues with the seen and not seen in the fieldwork: the Robert Stebbins's Serious Leisure Perspective. I make use of the categories defined by this model to discuss the practices of GEEU already in a process of contextualization through a dialogue with elements of climbing incorporated in field research. Thus, I show that the climb, as a whole, is a culture with their own attitudes, beliefs, values, practices and expectations. Therefore, it takes the form of a social world. These elements indicate that the existence and exercise of a group identity forged in a universe with its ethos and its idiosyncrasies are a key factor in the formation of a social world as a collective space for leisure experience. Demonstrating the complexity of the universe of climbing and GEEU, it is evident that are not only the sensations or status promoted by central action that constitute the attraction and motivation for participation in the activity. More than that, the participation in the climbing group that provides a wide and deep range of meanings to the participant, filling an individual existence. The subject finds, beside the pleasure of the activity, the opportunity to forge an identity, to share values with their peers, to undertake actions once unreachable, to stipulate and achieve their own goals and challenges. Often, climbers visit the GEEU not to climb, but only to enjoy these elements.

Keywords: Leisure; Climbing; Social Participation; Sports – Societies; Grupo de Escalada e Montanhismo da Unicamp.

Lista de figuras

Figura 1: Escaladora do GEEU "malhando" um <i>boulder</i>	43
Figura 2: Cenário típico de um dia de escalada na pedreira do Garcia.....	48
Figura 3: O pesquisador no <i>boulder</i> do GEEU.....	68
Figura 4: Escaladora do GEEU instalando agarras na parede.....	70
Figura 5: Iniciante em sua primeira subida no muro do GEEU.....	72
Figura 6: Participante do UPA vivencia a escalada no GEEU.....	76
Figura 7: Membros do GEEU aplicando verniz na placa do negativo.....	91

Lista de Anexos

Anexo I: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	133
Anexo II: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	135

Siglas

C.U.M.E.	Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo
GEEU	Grupo de Escalada Esportiva e Montanhismo da Unicamp
FEF	Faculdade de Educação Física
FEMERJ	Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro
FEMESP	Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo
SLP	<i>Serious Leisure Perspective</i>
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UPA	Unicamp de Portas Abertas

Glossário

Abaulado: tipo de agarra (na rocha ou resina) média ou grande, com formato arredondado, que exige contato com a mão aberta e aderência.

Agarra: no ambiente natural, uma agarra é um ponto em que o escalador utiliza, com a mão ou pé, para progredir na via. Geralmente são saliências ou reentrâncias na rocha. Eventuais raízes e troncos usualmente não são considerados parte das vias, portanto não são agarras. Na escalada em ambiente artificial, agarras são as peças individuais, de diversos tipos e tamanhos, confeccionadas com resina e areia. Simulam as agarras encontradas na rocha.

Ancoragem: na escalada em rocha, é a última proteção da via, mais resistente e onde pode ser armado um *top-rope*. Na escalada em ambientes artificiais, é a estrutura fixa em que é montado o *top-rope*.

Aproximação: o deslocamento final até a base da via. Na rocha, muitas vezes é através de sítios, trilhas em meio à floresta, etc.

Beta: dica ou informação sobre como se movimentar em uma via ou onde encontrar agarras, que muitas vezes não estão aparentes.

Boulder ou **bouldering:** modalidade da escalada. É curta e de grande dificuldade e intensidade física.

Cadeirinha: peça fundamental da segurança do escalador. Envolve a cintura e a parte superior das pernas, e é, direta ou indiretamente, o elemento de ligação entre o escalador (ou o segurança) e a corda.

Cadena: alcançar o topo da via sem nunca “ficar na corda”, ou seja, sem cair ou apoiar-se na corda durante a via para descansar.

Chapeleta: elemento metálico fixado à rocha para a proteção do escalador. É um tipo de proteção fixa, permanente.

Chave allen: ferramenta com corpo sextavado, utilizada em parafusos do tipo *allen*.

Chumbador: elemento metálico utilizado em conjunto com os parafusos, para fixar as agarras quando instaladas em alvenaria.

Costura: dois mosquetões sem trava unidos por uma fita que tem entre 10 e 30 centímetros, geralmente (mas pode ser maior, em casos específicos). É o elemento de ligação entre as proteções e a corda.

Crashpad: ou apenas *crash*, é um tipo de colchão para a segurança em *boulders*. Possui um miolo feito de espuma de alta densidade com placas de borracha para dissipar o impacto. Revestidos com capa de poliamida sintética altamente resistente à abrasão, são dobráveis e possuem alças como uma mochila para que possam ser mais facilmente transportados durante as aproximações.

Crux: lance ou movimento mais difícil de uma via.

Cume: topo de uma montanha ou paredão de rocha. Raramente é usado para designar o fim de uma via esportiva.

Equipamento: materiais necessários para a escalada e para a aproximação, como cordas, costuras, cadeirinhas, sapatilhas, mochila, etc.

Equipo: Equipamentos.

Escalada esportiva: modalidade da escalada em rocha que envolve vias mais curtas, entre 15 e 30 metros, aproximadamente. São mais atléticas, com maior grau de dificuldade. Pouco importa se o fim da via alcança o topo da rocha ou não, pois o objetivo é a cadena.

Escalada guiada: é aquela em que o escalador posiciona os elementos de segurança – costuras e corda – nas proteções da via na rocha à medida que avança (ver “costura” e “proteção”). Nesse caso, há o risco de queda caso o escalador falhe entre uma proteção e outra. A queda, então, é absorvida pela corda.

Escalada solo: escalada sem equipamentos de proteção contra quedas.

Escalada tradicional: modalidade mais clássica da escalada em rocha. Aqui, o que mais importa é chegar ao cume. Geralmente são vias muito longas, de centenas de metros, que exigem várias horas de escalada e uma extensa gama de materiais. Destaca-se pelo desafio psicológico, isolamento em meio à parede de rocha, resistência e por um contato mais aprofundado com o ambiente natural.

Escalaminhada: dependendo do contexto, pode indicar desafios bem variados: pode ser uma caminhada difícil e arriscada em terreno tão acidentado e inclinado que é quase uma escalada; ou pode ser uma escalada de um grau tão fácil que é quase uma caminhada.

Falésia: os escaladores utilizam esse termo para designar qualquer face rochosa aparente, independente da sua constituição geológica ou geográfica.

Fita: tirante de poliamida sintética de alta resistência à tração. Muitas vezes é em formato de anel, ou seja, possui as pontas costuradas uma na outra. Com comprimentos que variam de 15 a 120 centímetros, possui diversos usos na escalada: pode ser usada como fita solteira (presa à cadeirinha e utilizando um mosquetão, mantém o escalador preso a alguma proteção ou ancoragem independentemente da corda), montagem de ancoragens, transporte de carga, dispositivos de segurança improvisados, etc.

Fleece: material sintético isolante utilizado na confecção de agasalhos. É leve, compacto e de secagem rápida, mas não bloqueia o vento nem a chuva.

Freio: equipamento utilizado para segurança para bloquear a corda em caso de quedas e para controlar a descida do escalador de uma via.

Gazebo: Tendas portáteis e abertas nas laterais, muito comum em eventos ao ar livre.

Graduação: sistema utilizado para designar a dificuldade de uma via ou problema.

Guiar: ver “escalada guiada”.

Kichute: tipo de chuteira muito popular na segunda metade do século XX. É um calçado destinado à prática de esportes com bola em terrenos gramados. Quando ainda havia pouca disponibilidade de equipamentos específicos de escalada no Brasil, os escaladores utilizavam Kichutes bem apertadas no pé com os cravos lixados, para que a sola ficasse lisa. Era, portanto,

uma sapatilha de escalada adaptada. Ainda existem algumas Kichutes na caixa de sapatilhas do GEEU.

Lance: trecho, seção ou algum movimento específico de uma via.

Leitura (de via): observar a via com antecedência para planejar a movimentação e uso de proteções

Lista de discussões: sistema *on-line* que agrega os *e-mails* enviados pelos inscritos para o endereço da lista. É o principal espaço de discussões entre os membros do GEEU.

Loop: alça ou elo da cadeirinha em que são utilizados os mosquetões.

Mag: corruptela de *magnésio*.

Magnésio: pó de carbonato de magnésio, transportado dentro dos sacos de magnésio atrás da cintura. Serve para manter as mãos livres de umidade e suor.

Malhar (uma via): fazer tentativas em uma via que ainda não foi cadenada pelo escalador em questão.

Mandar: “mandar uma via” é mesmo que cadenar. Também pode ser “mandar um movimento”, ou seja, conseguir realizar um movimento isolado de uma via.

Mimimi: reclamação desnecessária.

Monitor: membro que se voluntaria para “abrir o muro”: abrir o armário, instalar as cordas, disponibilizar os equipamentos, receber novatos, prezar pelo funcionamento do GEEU durante o seu horário e, depois, desmontar e guardar os equipamentos e “fechar o muro”.

Mosquetão: peça metálica que possui inúmeros usos na escalada é a principal forma de conectar dois equipamentos. Possui vários tipos: sem trava, com trava de rosca, com trava automática, de aço, de alumínio, em formatos oval, “D” ou HMS (pêra), etc. Também pode ser utilizado para improvisar um freio adaptado, caso necessário

Movimento: ou *move*, é, isoladamente, a ação necessária para transpor um lance específico em uma via ou problema.

Muro: parede de escalada. O espaço físico do GEEU também é conhecido como “muro”.

Negativo: quando encontrados na rocha, refere-se aos trechos das vias com inclinação negativa. Em alguns locais, chegam a ser tão inclinadas que são chamados de “tetos”. No GEEU, é o nome dado a toda a estrutura que reproduz essa característica da rocha. O negativo do GEEU conta com um pequeno teto.

Nó oito: nó mais indicado para atar a corda à cadeirinha. É relativamente fácil de fazer, muito seguro e eficiente, pois quase não prejudica a resistência da corda.

Outdoor: em uma tradução literal, o ambiente externo. É utilizado como referência às práticas no ambiente natural e de aventura. Escalada na rocha e o *trekking* são exemplos.

Parede de escalada: estrutura de alvenaria ou madeira adaptada ou construída especificamente para a prática da escalada, simulando as características do ambiente natural. Também conhecido como “muro de escalada”.

Pico: Local da prática de escalada. Embora o GEEU seja um “pico” de escalada, geralmente é mais utilizado para designar ambientes naturais.

Problema: via dos *boulders*. Esse nome deve-se ao fato de exigir, ocasionalmente, movimentações pouco óbvias cuja resolução só é encontrada após várias tentativas.

Proteção: artifício que garante a segurança do escalador. Geralmente é um ponto, fixo (chapeleta) ou móvel (temporário, instalado e removido pelo próprio escalador) através do qual a corda é costurada (ver “costura”) na rocha. No caso dos *boulders*, a proteção é garantida pelos *crashpads*.

Psico: seu significado depende do contexto. Quando dito algo como “fiquei com psico”, significa medo, hesitação. Quando dito “fulano tem um bom psico”, significa que ele lida bem com o medo e a hesitação (ou sequer apresenta essas emoções quando escalando).

Psicobloc: ou *deep water soloing*, é um tipo de escalada solo (sem nenhum tipo de segurança) em que a queda ocorre sobre a água.

Reglete: tipo de agarra (na rocha ou resina) pequena ou média, no formato de pequenas saliências, que exige contato com as pontas dos dedos, com o punho quase cerrado.

Sapatilha: calçado específico da escalada. Caracteriza-se pela sola envolvente de borracha de alta aderência e pelo ajuste apertado no pé. Esse ajuste é necessário para que o escalador possa ter precisão e sensibilidade quando pisando em agarras pequenas.

Seg: Segurança.

Segurança: É a pessoa que opera os freios e a corda enquanto o escalador avança na via (ou durante sua descida). À medida que o escalador avança, o segurança deve desbloquear o freio e “dar corda”, ou seja, fazer passar pelo freio apenas a quantidade de corda necessária para que o escalador consiga fazer o movimento. O segurança deve estar todo o tempo atento ao escalador e deverá bloquear o freio em caso de quedas imediatamente. Na descida da via, o segurança libera parcialmente o freio, para que a corda corra de maneira controlada. É um ato de grande responsabilidade, pois a integridade do escalador depende quase em total parte ao seu segurança. Também significa “fazer a segurança”, ou seja, assumir o papel de segurança. Realizar a segurança exige treinamento específico e sua negligência pode ocasionar em ferimentos ou morte.

Top-rope: é quando a corda já se encontra passada pelo topo da via. Nesse caso, o escalador não cai, de fato, caso erre um movimento. É a configuração utilizada no GEEU, pela sua segurança e pela menor exigência das estruturas.

Travessia: Atravessar horizontalmente a parte de baixo da parede de escalada, a uma baixa altura, sem cordas. É um exercício que serve tanto para aquecer quanto para treinar a técnica da movimentação ou resistência física.

Trekking: caminhada longa em ambientes naturais. Geralmente são travessias entre cidades ou dentro de parques de preservação ambiental que duram alguns dias.

Via: caminho pelo qual o escalador percorre durante a escalada. Na rocha, o escalador deve seguir uma linha imaginária que acompanha as proteções. No ambiente artificial, com agarras de resina, as vias são identificadas por marcações coloridas (fitas ou adesivos) que determinam quais agarras o escalador poderá utilizar naquela via.

Sumário

Agradecimentos	5
Resumo	7
Abstract	9
Lista de figuras	11
Lista de Anexos	13
Siglas	15
Glossário	17
1 - Introdução.....	23
1.1 - Objetivo	25
1.2 - A chegada ao campo	25
1.3 - A trajetória metodológica	28
2 - A escalada e o GEEU	41
2.1 - A escalada.....	41
3 - Participação no universo da escalada e no GEEU como uma prática de lazer significativo	59
3.1 - <i>Serious Leisure Perspective</i>	61
3.1.1 - <i>Serious leisure</i>	62
3.1.2 - <i>Casual leisure e project-based leisure</i>	64
3.2 - O GEEU e o lazer	65
3.2.1 - Crescimento e transformação do GEEU	77
3.3 - Configurações do lazer e participação no/do GEEU	80
3.3.1 - Expectativas, perspectivas e benefícios em relação à escalada e ao GEEU	80
3.3.2 - Voluntariado, participação ativa e o <i>membro ideal</i> no GEEU.....	86
3.3.3 - “O GEEU não é um curso de escalada”	96
3.3.4 - Uma prática excludente?.....	98
3.3.5 - Tempo, compromisso e prioridades.....	101
3.3.6 - Usos do GEEU.....	108
3.4 - Uma noite de quinta-feira no GEEU.....	113
4 - Considerações Finais.....	122
Referências Bibliográficas	129
Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	133
Anexo II – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	135

1 - Introdução

Quando começamos a ficar sem sombra, perto das 11h, o pessoal resolveu reunir o equipamento e ir para outro setor, do lado oeste da pedreira, que naquele momento já estava mais ou menos abrigada do sol. Com a chegada do verão, tem sido praxe nas nossas idas à pedreira ficar deslocando entre os setores para ficarmos o máximo possível à sombra. Conto para eles, mais uma vez, como eu suei feito uma bica ao escalar o Brejo com sol a pino (no sábado passado), ou como fiquei vermelho quando o E. estava malhando a Lactante (em novembro), quando tive que fazer a segurança para ele fora da sombra. Enquanto enrolava a corda, o L., com seu jeito ácido, observou o barulhento voo dos aeromodelos e disse: “nossa, que graça tem esse pessoal que vem com esses aviõezinhos, nesse sol, ficar olhando pra cima a manhã toda!”. Como pesquisador, eu já havia refletido um pouco também sobre os aeromodelistas, que são outros frequentadores assíduos da pedreira do Jardim Garcia e cujo grupo tanto se assemelha ao nosso grupo de escalada. No fim de novembro eles construíram um telhado para não precisarem mais trazer gazebo, e hoje observei, do alto da via, que eles têm uma pista de pouso e decolagem que parece ser cimentada. Embora eu nunca tenha chegado muito perto do espaço deles (por nunca ter sido necessário, já que eles ficam distantes dos paredões de rocha) já notei os adesivos em seus carros, ou como montam as oficinas debaixo dos gazebo e trocam informações técnicas. Não pude perder a chance de retrucar o L., então falei “E eles devem perguntar qual a graça da gente ficar subindo e descendo pela pedra o dia todo, sem chegar a lugar nenhum, e ainda fazendo força nesse calor!”. Risada geral e todos concordam, embora tenham tentado defender sem muitos argumentos como a escalada “é mais legal”.

Caderno de campo, 10/12/11

A passagem acima é um recorte do caderno de campo que ilustra alguns aspectos das experiências de lazer que se dão a partir do engajamento a uma prática central. Ao longo deste estudo, lanço um olhar sobre os mecanismos envolvidos na participação espontânea de indivíduos em uma determinada prática – a escalada. Compreendo a escalada como uma *prática central* a partir do pressuposto de que sua ação essencial – a ascensão pela rocha – é não mais do que apenas o núcleo de um universo¹ composto por diversas ações, significados e conflitos. Esses elementos vagueiam ao redor deste núcleo, alimentando a vivência rotineira dessa modalidade e por ela também sendo alimentados. Assim, o engajamento a uma atividade específica de lazer,

¹ Ao longo do texto traço analogias utilizando o termo *universo*. Aqui, esse termo configura a existência de um espaço (não físico) dotado de inúmeros elementos que cercam a prática central do ato de escalar, como pôde ser notado logo nos primeiros momentos do trabalho de campo. Essa noção indica que o grupo de escalada é um território mais ou menos delimitado com características próprias.

que pode ser a escalada, o aeromodelismo ou tantas outras, não é restrita ao seu exercício, e tampouco pode ser explicada analisando apenas a ação da prática central isoladamente. Logo, ao criar espaços para a construção de sentidos, esse universo mostra-se complexo o bastante para erigir a um questionamento em torno das configurações do *lazer* sobre o grupo estudado, ou como ele se caracteriza. Quais os significados atribuídos à prática da escalada no grupo estudado? Qual a relação destes significados com o lazer? São essas as perguntas que norteiam esse estudo.

A origem do tema que aqui apresento é decorrência de uma inquietação que provém da minha pesquisa de iniciação científica (VARGAS, 2010), ainda no curso de graduação. Naquele momento, eu observara que a literatura tradicional na área do lazer, que é aquela mais difundida no cenário dos estudos do lazer no Brasil e influenciada, sobretudo, por autores como Joffre Dumazedier (1976), não subsidiava a compreensão de algumas formas de lazer. Através de minha própria experiência como competidor de ciclismo de estrada, nas categorias amadoras, eu enxergava meu envolvimento com este esporte como lazer, mas com um pronunciado caráter de dedicação e compromisso, termos que dificilmente eram conectados ao lazer na literatura.

Logo, minha intenção com a pesquisa de iniciação científica, naquele momento, era justamente confrontar essa literatura com aquilo que a minha experiência pessoal tensionava. Conduzi, então, entrevistas semi-estruturadas com sete praticantes de ciclismo de estrada e *mountain bike* da cidade de São João del-Rei – MG, em que foram evidenciadas algumas facetas muito específicas da prática de tais modalidades. Os praticantes pesquisados mostraram pronunciada dedicação ao ciclismo, em muitos casos fazendo com que as ações cotidianas ligadas a esse esporte fossem a atividade mais relevante e satisfatória em suas rotinas. Alguns dos mais significativos trechos das entrevistas podem ser representados pela fala de um dos praticantes, que quando questionado se ele entendia sua prática como lazer, respondeu: “*Eu não vou dizer que eu considero isso como um hobby, é uma coisa assim de gostar realmente, então eu vou para treinar*”. Assim, os entrevistados muitas vezes transpareceram essa aproximação entre suas experiências de lazer no ciclismo e as experiências de um atleta profissional, presumivelmente dotadas de um caráter de obrigação, responsabilidade e compromisso, que em alguns casos chegava a soar coercitivo. Com isso, tornava-se cada vez mais claro que o esporte assumia, para aqueles praticantes, significados que extrapolavam amplamente a compreensão de lazer que até

então fundamentava meu trabalho. Foi ao tomar conhecimento da obra do sociólogo canadense Robert A. Stebbins, idealizador da *Serious Leisure Perspective*² (STEBBINS, 1982; 1992; 2007), que finalmente obtive alguns fundamentos que sustentaram meu olhar sobre o lazer, pois esse autor abordava questões que o campo apresentara e que remetiam às minhas experiências particulares. Era uma perspectiva diferente da que eu conhecia até então através da literatura mais tradicional sobre o tema. Pude, então, estabelecer uma discussão acerca das atitudes e expectativas de sujeitos que manifestam pronunciado envolvimento com o lazer, uma categoria comumente conhecida como *aficionados*.

A motivação para o desenvolvimento do presente estudo é voltar a analisar uma prática corporal cujos diferentes sujeitos que dela participam demonstram um engajamento que extrapola a ação central da prática em si. E, dentro das possibilidades do alcance desse texto, contribuir em conteúdo e discussão para a área dos estudos do lazer.

1.1 - Objetivo

O objetivo, nessa pesquisa, é investigar os significados das práticas do Grupo de Escalada Esportiva e Montanhismo da Unicamp (GEEU). Para alcançar tal objetivo, exploro a experiência da escalada no referido grupo, os significados que dela emergem e os que são atribuídos pelos sujeitos que nela se envolvem.

1.2 - A chegada ao campo

Era necessário escolher um *lócus* de pesquisa sobre o qual eu poderia debruçar-me em busca de elementos a serem confrontados com a teoria. Basicamente, eu procurava por uma atividade que, em um primeiro olhar, apresentasse as características de lazer e que fosse viável para uma observação participante. Eram critérios ser um grupo acessível, receptivo à entrada de novatos e/ou iniciantes³, e cuja prática central fosse estranha ao pesquisador. Não era necessário que fosse um grupo formal, com membros definidos, pois como a experiência com os ciclistas

² Ao longo do texto, optamos por não traduzir alguns termos e conceitos relacionados à *Serious Leisure Perspective*. O uso dos termos no idioma original é justificado tanto pela falta de consenso na tradução em relação a estudos prévios que citam a *Serious Leisure Perspective* (Cf. FREIRE e FONTE, 2007; OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA e DOLL, 2012; STADNIK et. al., 2006) quanto pela dificuldade em manter o sentido original na tradução.

³ Chamo de “novato” todos os novos membros do grupo, e “iniciante” os neófitos da escalada. Por definição, qualquer escalador que se afiliar ao GEEU, por mais experiente que seja, será um novato.

mostrara, um conjunto de sujeitos que comungam de uma prática de lazer em comum tendem a conglomerar-se em um grupo reconhecível, mas não formal, de participantes.

Naquele momento, meu olhar estava voltado para as atividades com características de performance mais explícitas (como algum esporte olímpico), devido a um particular interesse anterior pelo estudo do esporte amador. Antes do início da pesquisa, a ideia original era promover um confronto entre uma prática esportiva que seguiria um modelo competitivo e/ou de rendimento *versus* a noção de lazer, através de uma discussão que buscaria fronteiras e limites dessas abordagens aparentemente antagônicas de práticas corporais. Essas características me aproximariam de um pretense “tipo ideal” de atleta amador⁴. E assim eu prossegui, durante as primeiras semanas do primeiro semestre letivo de 2011, procurando por alguma atividade que correspondesse às minhas expectativas.

Caminhando pelo *campus* em uma noite do início de março de 2011, vi de longe algumas pessoas em uma parede de escalada montada na parte externa de um dos prédios da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ainda como completo leigo, aquele emaranhado de cordas e pessoas penduradas não representava nenhum significado especial, nada mais do que um emaranhado de cordas e pessoas penduradas. A visão do metal e da madeira do negativo⁵ impressionava não pelo desafio físico e psicológico que eu viria a experimentar semanas mais tarde, mas sim pela aparência rude e imponente da estrutura. Essa visão contrastava com o aspecto inocente do subir e descer através das dezenas de agarras espalhadas pela parede.

Confesso que nada disso atraiu a minha atenção em um primeiro momento, pois, como dito anteriormente, eu buscava um grupo de praticantes de alguma modalidade esportiva individual que tivesse um marcado caráter de rendimento. O espaço físico da Faculdade de Educação Física é ricamente usufruído por praticantes de diversas atividades, e naquele momento eu havia observado, sempre de longe, a natação, o triatlo, o badminton, o tênis e o atletismo. Dias mais tarde, mais por mera curiosidade do que qualquer outra coisa, acessei o *site* do GEEU⁶ e

⁴ Em minha ideia original, sujeitos cuja prática de lazer estivesse de certa maneira voltada à mimetização do atleta profissional, através de uma rotina de treinamento sistematizado, culminando com a participação regular em competições.

⁵ “Negativo”, neste caso, é uma estrutura afixada à parede que permite a montagem de vias em ângulo menor do que noventa graus em relação ao solo, exigindo mais força e resistência. Conferir glossário para outros significados.

⁶ Cf. <http://www.geeu.wsistem.com.br>

encontrei dados consistentes sobre a história e o funcionamento do grupo, registros fotográficos, *links* e informações diversas. Verifiquei também, pela página, a viabilidade da minha entrada: o acesso ao grupo é fácil e corresponderia às minhas necessidades, uma vez que os participantes do GEEU estão habituados à recepção de novatos e/ou iniciantes. O grupo dispõe de algum equipamento básico, como cadeirinha e sapatilhas, o que me livraria de um considerável gasto inicial; a taxa de participação é cobrada através de uma semestralidade de R\$50,00, valor relativamente baixo; há diversos horários de funcionamento; e, acima de tudo, o grupo está sediado dentro do espaço da Faculdade de Educação Física da Unicamp, contornando possíveis dificuldades de mobilidade que eu, recém-chegado a Campinas, encontrava. Essas primeiras observações revelaram que tanto o grupo quanto a prática em si eram adequados aos propósitos da pesquisa, pois eu havia percebido que todos esses elementos eram suficientes para qualificar aquela prática dentro das minhas intenções de pesquisa. Embora, naquele primeiro momento, através de um olhar leigo e externo, a escalada não parecia conter tanta mensuração e comparação de rendimento, pois, a mim, ela aparentava ser uma prática medida e motivada apenas pelas emoções que propicia⁷. Contrariando as ideias iniciais, tal caráter de rendimento atlético e esportivo deixou de ser um fator fundamental na escolha do *lôcus* a partir do momento em que observei que o grupo de escalada apresentava potencial para fornecer dados interessantes sobre o engajamento ao lazer.

Seguindo instruções encontradas no *site*, cadastrei-me na lista de discussões por *e-mails* do GEEU, e enviei uma mensagem apresentando-me como pesquisador e apontando minhas intenções junto ao grupo, e prontamente fui bem recebido. Um dos participantes que respondeu à minha mensagem, integrante antigo do grupo, mencionou a pesquisa de mestrado de Marinho⁸ (2001), dizendo que “ela fez um trabalho de campo muito legal (mas muito legal mesmo!) analisando o ‘corpo escalador’”.

⁷ Mais tarde, porém, eu viria a descobrir que alguns de seus praticantes também encaram a prática como um treino sistematizado e mensuram e comparam suas performances através de sistemas de graduação de dificuldade, que serão explicitados em momento oportuno neste texto.

⁸ Essa pesquisadora também desenvolveu uma observação participante junto ao GEEU, percebendo “[...] a riqueza das relações humanas que se formam a cada momento, nos mais diversificados lugares, considerando não só os momentos aparentemente tranquilos, mas, também, os conflitos e as dificuldades que permeiam esse ínterim”

É preciso salientar que durante os primeiros meses da observação de campo encontrava-me ainda sem uma questão de pesquisa definida. Essa indefinição quanto ao objetivo e método não era um entrave, contudo. Como argumentam Laburthe-Tolra e Warnier (1997, p. 437), “a pesquisa consiste, por definição, em produzir conhecimentos novos. Seu desenrolar é, de certa forma, imprevisível. Os objetivos, as técnicas de pesquisa, os instrumentos de análise devem ser revistos durante o trabalho”. Sem ter claramente um objetivo, apenas aproximei-me do GEEU como um estranho e igualmente estranhando o grupo, seus participantes e a própria atividade da escalada, na expectativa de que a experiência em campo viesse a revelar uma questão formadora. De fato, ao longo das observações, diversas questões viriam a emergir a partir de inúmeras situações e reflexões ocorridas no cotidiano da pesquisa, bem como através do contato com a literatura.

Em 06 de abril de 2011 dei início, então, ao trabalho de campo. Minha chegada foi típica de um iniciante – um pouco intimidado por adentrar naquele reduto de pessoas e práticas desconhecidas. Havia três ou quatro praticantes no muro naquele momento, sendo que dois eram os monitores responsáveis por aquela noite. Fiz referência ao e-mail que enviei dias antes à lista, apresentando-me como pesquisador. Sem nenhuma pressa pela minha primeira experiência na prática da escalada, recusei duas ou três vezes os convites dos monitores para “dar um peguinha só para ver como é”. Pouco depois, contudo, me senti mais à vontade e manifestei minha vontade de tentar. A primeira ascensão que realizei foi naturalmente desastrosa – sem nenhuma destreza e retornando ao solo com os braços e mãos fadigados a ponto de não conseguir abrir a rosca do mosquetão. Desse momento em diante, efetivamente iniciei o mergulho no universo da escalada. Assim, dei sequência ao trabalho de campo, sem grandes entraves, ao longo dos dezoito meses seguintes. Ao engajar na prática habitual dessa atividade, conheci, gradualmente, outros participantes do grupo e o funcionamento do próprio.

1.3 - A trajetória metodológica

Antes de qualquer coisa, busco em Laburthe-Tolra e Warnier (1997) a necessária observação de que um relatório de pesquisa etnográfica, como é o presente texto, é artificial, por ser fruto de um trabalho de produção. Tal relato, segundo os autores,

(MARINHO, 2001, p. 3). No GEEU, ela procurou apontar “[...] a relação sensível e ética vivida no cotidiano de um grupo específico de pessoas” (MARINHO, 2001, p. 4).

traduz, e ao mesmo tempo trai, uma certa experiência. Interpõe-se entre o leitor e o pesquisador, entre o pesquisador e seu campo [...] Este caráter artefactual ou artificial do documento não deve ser ocultado nem silenciado. A obra deve conter um mínimo de informações – discretas – sobre as condições de sua produção, da escolha do campo à redação, passando pela equação pessoal do autor (LABURTHE-TOLRA e WARNIER, 1997, p. 438)

Por estes motivos, opto por esclarecer (porém não tão discretamente) alguns aspectos que foram relevantes à trajetória metodológica dessa pesquisa. Trajetória no verdadeiro sentido do termo, pois a abordagem do trabalho de campo percorreu um caminho de dificuldades e desafios teórico-metodológicos que exigiram a tomada de decisões que, por vezes, poderiam ser arriscadas.

O método empregado parte da necessidade de adentrar no mundo dos sujeitos pesquisados, conhecendo suas particularidades, os sentidos e os significados. Contudo, os primeiros planejamentos para a pesquisa propunham a realização de uma observação participante como método do trabalho de campo, e apenas isso. Conduzia-me apenas pela definição de que a observação participante “[...] consiste em participar *realmente* da atividade dos sujeitos observados [...]” (LABURTHE-TOLRA e WARNIER, 1997, p. 426, grifo do autor). Como Whyte (1984) adverte-nos, a observação participante não é o método ideal para o pesquisador que busca sólidas respostas em um curto prazo. Isso se deve tanto pela necessidade de encarar um mergulho no cenário estudado quanto pelo fato de que a observação participante abre a possibilidade para o encontro com fenômenos totalmente inesperados, que podem ser mais significativos do que o esperado em campo, sugerindo hipóteses dignas de um estudo mais aprofundado (WHYTE, 1984). De fato, o trabalho de campo conduzido para esta pesquisa foi marcado por uma longa e profunda interação, em que as observações eram registradas em caderno de campo.

Mas, sendo leigo na área da antropologia, relutei inicialmente em admitir que o método planejado para esta pesquisa fosse, de fato, uma *etnografia*. Entretanto, ao final dos dezoito meses de mergulho no campo, afirmo que uma etnografia tomou corpo. O cotidiano da pesquisa envolvia uma rotina aparentemente simples: estar entre os pesquisados, dando atenção para os fatos, eventos e discursos e procurando participar ao máximo das ações do grupo. Não havia nenhuma dificuldade em misturar-me ao grupo, pois, em uma condição absolutamente diferente daquela experimentada pelo antropólogo europeu em uma tribo de nativos “selvagens”,

aos olhos de qualquer um eu era exatamente como a média dos participantes do grupo de escalada: um jovem universitário, que a partir de um determinado momento passou a dividir o tempo entre livros, mosquetões e demais afazeres. Essa identificação com mínimas diferenças entre pesquisador e sujeitos da pesquisa permitiu que eu fosse aceito como apenas mais um entre tantos, quase como (fosse o caso) um “nativo” (WHYTE, 1984). Mas é nos aspectos mais importantes desse cotidiano de pesquisa que me aproximo, por outro lado, do exemplo do antropólogo europeu em seu estudo das *sociedades primitivas*.

[...] a observação participante que, em linhas gerais, consistia em um período de convivência prolongada em determinada sociedade, durante o qual o antropólogo aprendia a língua nativa e coletava dados sobre diferentes aspectos da vida social. A participação nas atividades da sociedade estudada constituía condição necessária para a prática da observação do comportamento da população que o pesquisador registrava em seu diário de campo, ao mesmo tempo que recolhia informações e esclarecimentos sobre as práticas sociais através de conversas ou entrevistas com os nativos (ROMANELLI, 1998, p. 120).

Tal como dito acima, durante este período aprendi a “língua nativa”, ou seja, no meu caso, os termos, gírias e bordões específicos da escalada, correntes em uma conversa comum entre escaladores, e que acabam por confundir e, às vezes, excluir iniciantes ou sujeitos externos a esse universo. Também obtive “dados sobre diferentes aspectos da vida social”, ao vivenciar esses aspectos – descritos no segundo capítulo – que extrapolam o ato e o momento do escalar. A “participação nas atividades da sociedade estudada” tornou o desenvolvimento do trabalho de campo prazeroso e ao mesmo tempo um constante desafio. Embora sempre inclinado à aventura e às ações de contato com a natureza e fuga do urbano, nunca tive verdadeiras vivências em atividades verticais, tampouco nos ditos *esportes radicais*, como se habituou a falar de práticas como a escalada, rapel, *bungee-jump*, entre outros. Certamente, a entrada nesse campo representou o contato com elementos e significantes completamente novos para mim, em uma aproximação muito semelhante àquelas ocorridas com os antropólogos, como descrito por Romanelli (1998, p. 121):

Mediante o uso da observação participante, o pesquisador movia-se no terreno dos fatos sociais diretamente observáveis e, por intermédio do diálogo com os nativos, apreendia regras, valores e representações da sociedade estudada, ingressando no universo da cultura.

Estar em campo sempre exigiu a responsabilidade de manejar a dicotomia entre o prazer de escalar, fazendo parte do grupo, e por outro lado, o desafio da constante tarefa de observação. Parte dessa responsabilidade, naturalmente, envolveu a vivência efetiva da escalada, que agregou muitos elementos importantes para a imersão em questão. Não que para o

desenvolvimento da pesquisa eu precisasse tornar-me um proeminente escalador, e de fato isso não aconteceu, mas ao progredir neste papel pude acessar determinados elementos que estariam fora do alcance caso eu não pudesse compartilhar determinadas ações e discursos que são construídos ao atar-se a uma corda e lançar-se parede acima com o afinco e determinação de um escalador legítimo. Legitimar-me como praticante e membro do grupo foi, portanto, uma estratégia fundamental durante minha aproximação ao grupo e seus integrantes.

A convivência não foi intermitente ou descontínua, como Romanelli (1998) sugere que poderia acontecer nas pesquisas em segmentos urbanos. O autor afirma que esses cenários impediriam uma “permanência prolongada no espaço geográfico ocupado pela população estudada e a relativa ausência de contato com pessoas que não fossem integrantes daquela sociedade” (ROMANELLI, 1998, pp. 123-124). Essa imersão é o que seria considerado ideal ao trabalho de campo e é como acontecia no estudo com as *sociedades primitivas*. Para este autor, essa falha dificultaria “a observação e o registro do cotidiano, dos imponderáveis da vida social e mesmo de acontecimentos eventuais” (ROMANELLI, 1998, p. 124). Citando os exemplos dados pelo autor, essas dificuldades ocorrem nos estudos “de população de favelas, de rituais e cultos religiosos, de formas de sociabilidade e de lazer em bairros de população de baixa renda, de modalidades de convivência em instituições de ensino, etc” (ROMANELLI, 1998, p. 124). Como dito, a acessibilidade que facilitou situar-me no seio do grupo de escalada impediu que uma convivência parcial ocorresse. Foi, sim, favorável a uma condição de contato corriqueiro com um amplo espectro de pequenas (e às vezes esparsas) informações que emergiam dos sujeitos pesquisados, e até mesmo de seus próximos, que compunham elementos relacionados ao escopo da pesquisa.

Esses detalhes, que em um primeiro momento poderiam não chamar a atenção ou não motivarem nenhuma reflexão especial, viriam a ser muito importantes durante a análise dos dados do campo, momento em que os fragmentos arranjam-se num todo que ofereceu pistas para um novo entendimento (MAGNANI, 2002). Além disto, como diz Whyte (1984), a observação de um evento em particular pode levar o pesquisador a formular generalizações que de outra maneira poderiam não surgir. Como será relatado adiante, foi através desses detalhes que experienciei uma imersão que permitiu explorar algumas minúcias das correlações entre essa prática de lazer e o contexto no qual aquele se insere. Citando breves exemplos, dados valiosos

foram coletados em incontáveis situações cotidianas, como em conversas absolutamente casuais com outros integrantes do GEEU, em diálogos que não tocavam à escalada; ou ao observar como alguns deles circulam pelo *campus* com as sapatilhas de escalada penduradas na mochila e como seus amigos e colegas não escaladores veem a atividade; ou ainda, como a lista de discussão por *e-mails* fora utilizada também para anunciar vagas em repúblicas estudantis. Para Magnani (2002, p. 17), “[...] a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos [...]”. Todos esses pequenos fatos e eventos são peças de um quebra-cabeça que, reunidas e organizadas, revelam a imagem da permeabilidade entre uma categoria especial de lazer e o curso da vida no qual se dá a existência deste. De imediato, nota-se que a escalada não é algo efêmero ao seu praticante regular. Embora a assertiva pareça óbvia, acredito, particularmente, que para muitas pessoas não envolvidas com uma atividade de lazer, esse marcante envolvimento só é digno de existir em relação ao trabalho, a família, a religião, etc.

Este estudo permite traçar algumas analogias com a obra *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, do sociólogo francês Loïc Wacquant (2002). Em sua pesquisa, Wacquant revela alguns dos mais intrincados aspectos sociais de um segregado gueto de Chicago, tomando como base para suas observações a Woodlawn Gym, uma tradicional academia de boxe local. Mais do que isso, Wacquant nos apresenta, em seu texto, uma maneira sensivelmente aprofundada de se fazer etnografia. Ao realizar o que o próprio autor chamou de *etnografia experimental* (WACQUANT, 2011), Wacquant usou suas próprias experiências como guia para apreender, descrever e compreender as experiências dos outros participantes de sua mesma atividade, o boxe. O título do livro de Wacquant, sem dúvida, faz jus à profunda imersão do autor no trabalho de campo. Comparadamente, minha imersão junto ao *lócus* da pesquisa se deu de maneira tão aprofundada que, em dado momento, já não era possível delimitar quais eram os momentos em que eu estava “em campo” e quais eram os momentos em que eu estava em minha rotina alheia à pesquisa. Isso aconteceu por motivos semelhantes àqueles relatados por Wacquant: movi de outra região para instalar-me próximo ao local da pesquisa, um lugar novo para mim, e a maior parte das pessoas com quem estive próximo eram os próprios praticantes de escalada. Some a isso o fato de o GEEU estar baseado dentro do *campus*, na Faculdade de Educação Física, e que muitos de seus integrantes são estudantes da Unicamp. Por isso, tornou-se comum estar na presença de outros escaladores fora dos momentos da prática em si. De modo

geral, esses importantes detalhes compuseram a *situação de campo*, definida por Laburthe-Tolra e Warnier (1997, p. 426) como “conjunto de relações complexas que se estabelecem entre o observador e seus anfitriões. A situação de campo é uma configuração singular que depende dos parâmetros próprios ao campo, bem como da equação pessoal do pesquisador”. E estes autores explicam que

O próprio observador introduz na situação de campo parâmetros específicos que formam sua *equação pessoal*. Os principais são o sexo [...], a idade, a origem nacional ou étnica, o status (solteiro ou casado, com filhos ou não), a aparência física, a língua, a maneira de expressar e a experiência adquirida (LABURTHE-TOLRA e WARNIER, 1997, p. 427).

Como dito anteriormente, a naturalidade com que me misturei ao grupo e a dedicação à prática da escalada propriamente dita contribuíram enormemente para tal equação pessoal, e consequentemente, para a qualidade da situação de campo. Tais parâmetros ou características pessoais, em momentos variados, aproximaram-me mais de uns do que de outros. Tal quando, especialmente nos primeiros meses de observação, estive mais próximo de apenas alguns poucos participantes, que valeram como vetores do meu ingresso e da minha aproximação no campo. Gradualmente integrei-me cada vez mais ao grupo, aproximando-me de um maior número de sujeitos, obtendo uma familiaridade com o cenário local e estabelecendo a base sobre a qual pude prosseguir com a exploração (WHYTE, 1984). Assim, estabeleci alguns vínculos mais marcados com alguns outros participantes, até o ponto em que não mais dependia de vetores de aproximação, pois eu já estava legitimado como integrante do GEEU. Essa é uma dinâmica natural na entrada de qualquer participante no grupo e dá-se em variados graus. Por ser um relevante elemento do cenário observado, tal dinâmica voltará a ser discutida em momento oportuno.

O emprego de minha *equação pessoal* e essa entrega de *corpo e alma* fez com que, durante as primeiras análises, eu questionasse minha atuação metodológica colocando em perspectiva a minha aproximação com o objeto de pesquisa. Questionamentos que também afetaram Wacquant, que em uma reflexão sobre seu livro, revela detalhes de sua trajetória em campo que em dados momentos distinguem ações que ultrapassam as fronteiras metodológicas:

Durante três anos, misturei-me à paisagem local. Aprendi a boxear e cumpri todas as fases da preparação do pugilista, percorri todo o caminho até a esperada luta no grande

torneio amador Golden Gloves. Segui meus parceiros da academia de boxe em suas peregrinações pessoais e profissionais [...]. Assim, fui sugado pela lógica sensual e moral do boxe, chegando ao ponto em que seriamente considerei interromper minha trajetória acadêmica para tornar-me pugilista profissional (WACQUANT, 2011, p. 87)⁹.

Contudo, se retornamos à obra *Corpo e alma* de Wacquant (2002), e também observarmos as discussões dirigidas ao seu fazer etnográfico¹⁰, veremos que entender essa tamanha imersão como inapropriada é um equívoco. Villela (2002, p. 221) sintetiza a experiência de Wacquant:

[...] o observador que descreve se insere ele próprio como objeto e sujeito da observação. As notas etnográficas são, ao mesmo tempo, as de um antropólogo em trabalho de campo e as de um aprendiz de boxeador. Além disso, o etnógrafo elimina a tradicional clivagem entre o "estar lá" da observação e o "estar aqui" da redação descritiva/tradutora. Ao lançar mão de longas passagens de seu caderno de campo, o autor simultaneamente impede-se de falar em nome dos outros e transforma a observação em ato descritivo. Inverte a fórmula tradicional "observação participante", tornando método a já levantada hipótese de uma "participação observante". Portanto, o observador torna-se um experimentador; a experimentação, um meio a serviço da observação.

De fato, como afirma Manning (2009), essa abordagem coloca o observador participante em uma posição arriscada, ou, como afirma o autor, um “tomador de riscos” (p. 754). Para que esses riscos possam ser efetivamente transformados em dados úteis e passíveis de discussões, o observador deverá atentar para a manutenção de uma permanente reflexão aprofundada. O próprio Wacquant (2011) descreve essa *incorporação* como o exercício de uma etnografia *carnal*, ou seja, o uso do corpo (disciplinado) do próprio pesquisador não apenas como sujeito ou agente, mas também como ferramenta para a compreensão do *habitus*. O autor traz a delineação de *habitus* de Bourdieu, que de maneira introdutória, é

[...] uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar [...] o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente (Wacquant, 2009, pp. 65-66).

Desta maneira, o *habitus* seria, portanto, o capital simbólico e social que encarnamos em nossos corpos quando em contato com diferentes realidades. No trabalho de Wacquant (2002), essa noção assume um duplo papel. Por um lado, Wacquant explorou as entranhas do *habitus* do pugilismo ao expor as categorias cognitivas, os usos do corpo e os anseios que, juntos,

⁹ As citações de textos em idioma estrangeiro são de tradução livre nossa.

¹⁰ Cf. Villela, 2002; Manning, 2009; Wacquant, 2011.

definem as competências e apetências específicas ao boxeador. Por outro lado, o autor também lançou mão do *habitus* como um dispositivo metodológico, ou seja, colocou-se como *vortex* da ação visando adquirir através da prática, e em tempo real, as disposições do boxeador com o foco de elucidar o característico cosmos pugilístico (WACQUANT, 2011). Assim, o pesquisador pôde encarnar o *habitus* do boxe e do gueto, adentrando naquele mundo social. Tal assimilação deveu-se, em certa medida, às experiências anteriores em campo, especialmente durante sua estadia na Nova Caledônia. Quando Wacquant chegou ao Ginásio, já estava encarnado em seu corpo o grande estranhamento com as desigualdades sociais, um tópico de estudo, e também encarnado a perseverança de viver e desenvolver suas ideias em ambiente hostil, uma ferramenta de pesquisa. No ginásio, indo além da encarnação do *habitus* do boxeador, o autor pode deparar-se com a encarnação do *habitus* do gueto, dos capitais sociais e simbólicos que criam distinções e que impõem a norma de ser masculino neste meio. Capitais estes que, no caso do boxe, podem promover uma ascensão dos negros a uma sociedade branqueada e até mesmo permitir serem símbolos nesta sociedade, alcançando um elevado *status* social.

De forma similar, valeram como estratégias para a entrada no campo as minhas experiências de pesquisa com outro grupo de participantes de uma atividade de lazer, relatadas anteriormente nessa introdução. Ou seja, já estava encarnado em mim um *habitus* de uma prática de lazer, tanto como pesquisador quanto como participante. Ao estabelecer o vínculo a um grupo que, sob o ponto de vista desta pesquisa, se caracteriza pelo pronunciado envolvimento a uma prática de lazer, a identificação imediata de aspectos característicos como dedicação, engajamento, atitude e coletividade entre os participantes¹¹ agilizou minha imersão junto ao grupo, pois logo pude enxergar esses aspectos como valores relevantes entre os participantes do grupo e dignos de atenção por minha parte. Ainda que eu estranhasse a prática, pois a escalada era novidade para mim, eu não estranharia o fato de que alguns sujeitos sejam inclinados a tal envolvimento com uma prática de lazer, o que é justamente o foco do estudo.

Além disto, podemos tecer uma aproximação entre algumas disposições do GEEU e a Woodlawn Gym, a partir do entendimento dessas pequenas organizações como possuidoras, cada

¹¹ Esses aspectos são comuns entre o grupo de ciclistas que pesquisei (VARGAS, 2010) e o grupo de escalada, e foram observados no início do atual trabalho de campo.

uma à sua maneira, de “um complexo microcosmo com história, cultura e uma intensa e rica vida social, estética, emocional e moral próprias” (WACQUANT, 2011, p. 84). Isso reforça a noção de que, em suas idiossincrasias, o grupo de escalada construiu e permanece a moldar o seu *habitus*. Ao analisar as disposições culturais particulares a este mundo social, podemos também contribuir para a compreensão das manifestações do lazer.

Ao penetrar no mundo social do GEEU, o grupo exerceu na pesquisa um papel fundamental como permanente e constante re-conceitualizador teórico e metodológico. Ou seja, as observações realizadas nos primeiros meses provocaram amplas reformulações do foco da pesquisa, conduzidas pelos novos entendimentos que foram explicitados a partir das entranhas daquele campo e que têm potencial para ampliar alguns conceitos fundamentais da compreensão do lazer.

O projeto inicial da pesquisa previa também entrevistas semi-estruturadas com um número de integrantes do grupo. É certo que “no momento da redação dos resultados da pesquisa, [...] será necessário poder dar a palavra aos sujeitos da pesquisa, e citá-los textualmente nas passagens mais características de seu discurso” (LABURTHE-TOLRA e WARNIER, 1997, p. 432). Isso acontece ao longo deste texto ao recuperar falas provenientes dos momentos de observação¹². Mas existe um grande potencial de informações que só puderam ser prospeccionadas em situações nas quais o pesquisador detém maior controle, como nas entrevistas. Era necessário buscar algumas informações específicas que não emergiram espontaneamente, mesmo com minhas cuidadosas interferências nas conversas ocasionais, e eu pude explorar melhor o que alguns sujeitos tinham a oferecer. As entrevistas foram realizadas procurando sempre manter um caráter informal, mais flexível do que o roteiro semi-estruturado. Seus trechos relevantes à pesquisa estão distribuídos ao longo do texto. Foram, assim, entrevistados oito membros do GEEU, sendo seis homens e duas mulheres, com idades entre 24 e

¹² Às quais tentei ser fiel ao máximo em suas transcrições. Como era absolutamente inviável utilizar um gravador, e em muitas ocasiões eu não dispunha de papel e caneta em mãos – certamente Wacquant também não tomava notas calçando suas luvas de boxe – tive que recorrer, diversas vezes, à memória para realizar as anotações assim que possível. Os sujeitos estão identificados através da primeira letra de seus nomes, sobrenomes, apelidos ou, em casos em que havia repetição entre os entrevistados, alguma outra letra qualquer. Ao longo do texto, algumas passagens fazem referências a pessoas diferentes (que não os entrevistados) identificadas com uma mesma letra. Isso se deve ao fato de que as anotações nos cadernos de campo continham os nomes reais de cada um, e não uma letra ou pseudônimo. Isso dificultou que fosse usada uma letra para cada deles, dada a quantidade de sujeitos envolvidos no trabalho de campo.

43 anos. O convite inicial para participação foi enviado a doze escaladores, dos quais dez responderam positivamente. Um não compareceu em nenhum dos dois horários combinados, extrapolando o período cabível para a realização das entrevistas, enquanto outro cancelou sua participação por motivos pessoais. Os sujeitos foram convidados com base na experiência do pesquisador em campo junto a estes sujeitos e devido ao potencial de informação de cada um. Ou seja, era necessário conhecer detalhes da organização do GEEU ou de sua história que poderiam ser esclarecidas por um ou outro entrevistado; ou ainda, julguei relevante dar voz a alguns membros do grupo em relação a temas polêmicos em um espaço de identidade preservada. O primeiro entrevistado, V., 34 anos, é membro desde 2004 e teve participação importante na gestão do grupo. C., 33, começou a escalar fora do GEEU e, aqui, mostrou-se um membro de participação muito ativa nas ações do grupo. L., 31, é um membro cuja presença é constante em diversas discussões dentro do grupo e suas opiniões muitas vezes são opostas em relação à maioria. C., 30, em duas ocasiões teve iniciativas em prol do grupo que geraram discussões adversas. F., 27 anos, sempre demonstrou interpretar as necessidades do grupo (e a escalada em geral) de uma maneira racionalizada, contrariando uma possível pré-concepção romântica do escalador como um amante da natureza. R., 24, chamou a atenção não só pela sua participação junto ao grupo, mas também pela pronunciada dedicação à escalada. B., 24 anos, foi convidada por participar do universo da escalada de uma maneira muito mais expressiva do que escalando de fato, sendo ela uma boa conhecedora de vários praticantes, locais e, de certa forma, da própria história do grupo. E por fim, W., 43, que presenciou a gênese do grupo e é responsável por diversas ações efetuadas pelo GEEU, sendo um amplo conhecedor de toda a sua história. Dado que as entrevistas não seguiam um roteiro pré-determinado, e sim eram organizadas em assuntos específicos conforme o entrevistado, não houve necessidade de entrevista-piloto, pois não havia nenhum instrumento para ser avaliado e revisado.

As discussões entre os membros ocorrem, sobretudo, no próprio espaço do muro. Mas outros dois ambientes, que extrapolam aquele espaço, também foram relevantes ao longo do desenvolvimento da pesquisa, cada um à sua maneira: a lista de *e-mails* do GEEU e o *Star Tresh*

[sic]¹³, um trailer de lanches localizado próximo à portaria da Unicamp mais próxima do GEEU. Esses dois ambientes foram fundamentais para a tomada dos registros que ajudam a compor a presente pesquisa. Na “lista do GEEU”, os membros enviam avisos, discutem assuntos gerais e diversos, combinam idas à rocha, etc. O “*Trash*” (como é conhecido pelos estudantes locais) é o destino preferencial dos membros do GEEU para uma breve confraternização após uma noite de escalada no muro. “E aí, bora pro *Trash*?” aparenta ser, para alguns, um convite mais empolgante do que um eventual “bora pra pedreira domingo?”. Foi entre cervejas e hambúrgueres que um sem-número de informações cruciais foram reveladas pelos integrantes do grupo, o que fez deste um importantíssimo espaço de observações. Outro ambiente não relacionado à escalada importante foi o Restaurante Universitário, ou, simplesmente, o “bandejão”. A gama de sujeitos com que estive em contato nesse ambiente é consideravelmente menor do que nos espaços citados acima, mas muitas conversas que aconteceram nas mesas do bandejão (ou no espaço do café, na saída) renderam diversas notas para os cadernos de campo.

Fiz meu primeiro afastamento do campo entre meados de dezembro de 2011 e fevereiro de 2012. Via-se muita pouca gente na universidade no mês de janeiro, menos ainda no GEEU. Muitos dos integrantes do grupo, especialmente os estudantes, estavam viajando fora de Campinas. Acompanhando a lista de *e-mails* ou passando próximo ao muro, eu notava o funcionamento do tranquilo horário de férias, quando uns poucos escaladores que permanecem na região mantinham o GEEU em funcionamento. Nas minhas raras visitas ao GEEU durante esse período, observei que, talvez pela atmosfera de férias, a rotina era mais descontraída, sem preocupações dos escaladores em receber novatos (que quase inexistiam) ou ficar atento aos iniciantes. Meu segundo e definitivo afastamento começou em setembro de 2012, logo após o exame de qualificação do mestrado. As últimas anotações nos cadernos de campo datam do dia 04 de outubro de 2012. Reduzindo gradualmente minha frequência de visitas ao muro, em meados de novembro eu só comparecia ao GEEU nas noites de terça após as 20h, no meu horário de monitoria.

¹³ O nome real do local era outro – Guarujá Lanches – mas era carinhosamente conhecido por todos como “Star Trash”. Talvez esteja relacionado com a proximidade ao “Star Clean”, um lava-a-jato e bar localizado do outro lado da rua, repudiado pelo grupo de escaladores e por um punhado de outras pessoas que conheci na universidade, por ser um ambiente barulhento e de atendimento ruim. Não se sabe ao certo quem criou a alcunha para o trailer, mas foi uma surpresa aprovada por todos quando o proprietário instalou um letreiro que diz – com um equívoco na grafia – “Star Tresh”.

Ao dialogar o observado com a teoria, deparo-me, respectivamente, com os conceitos de experiência-próxima e experiência-distante (GEERTZ, 2003), que correspondem, respectivamente, ao que é expressado pelos sujeitos da pesquisa e como isso é interpretado e caracterizado pelo pesquisador. Desta maneira, ao representar a ação, os sentidos e os significados da manifestação de lazer em estudo parece algo como categorizar esses aspectos em compreensões frias e estigmatizantes que são apenas uma tentativa de transcrever a realidade. É necessário situar-me intermediariamente entre conceitos concretos e próximos e os conceitos abstratos e distantes (Goldman, 2003). Para Magnani (2002, p. 18), “o relato final [...] termina por expressar essa experiência por meio do uso de metáforas que serão tanto mais sugestivas quanto maior a criatividade do analista e o leque de relações que estabelecer”. Assim, teremos adiante termos como “lazer significativo”, “prática central”, “universo”, “permeabilidade”, “vetores”, “mundo social”, dentre outros.

A pesquisa será apresentada em dois capítulos, além das considerações finais. O primeiro capítulo traz um relato introdutório sobre o universo da escalada e do GEEU. Esse capítulo não apenas expõe as entranhas do campo, mas é também fundamental para que o leitor familiarize-se com os aspectos específicos da prática em estudo. O segundo capítulo apresenta um aprofundamento nos dados do trabalho de campo em um diálogo com os elementos da *Serious Leisure Perspective*, pilar conceitual que fundamenta o trabalho. Busco as interfaces entre esta concepção teórica e as características do grupo de escalada em uma análise tensionada.

2 - A escalada e o GEEU

Ao longo deste capítulo, apresentarei diversos *insights* do universo da escalada e do GEEU, pautando-me nos dezoito meses de trabalho de campo. As informações que serão trazidas foram reunidas ao longo da experiência através de inúmeras fontes, em um processo de aquisição de bens simbólicos ocorrido não apenas como pesquisador, mas que é natural a todos que iniciam e prosseguem na prática dessa atividade. Alguns jargões e termos específicos da escalada estarão destacados por aspas. Para melhor fluidez, evito apresentar seus significados no texto – estes podem ser encontrados no glossário. Algumas outras passagens também que serão apresentadas entre aspas e que não estão identificadas fazem referências a termos ditos ou comumente ditos pelos praticantes e que foram registrados em algum momento no caderno de campo.

2.1 - A escalada

A escalada, de maneira geral, consiste em ascender a terrenos de rocha, gelo ou estruturas artificiais de resina valendo-se dos próprios meios. É uma atividade cuja forma varia amplamente conforme a modalidade. A escalada alpina ou de alta montanha, como o próprio nome diz, consiste na progressão sobre terreno montanhoso, geralmente acima dos 6 mil metros, com grau amplamente variável de dificuldade (de trechos de caminhada comum até ascensões muito exigentes técnica e fisicamente), em que o objetivo é alcançar o cume. É talvez a modalidade de maior visibilidade, aquela com a qual o termo “escalada” geralmente é associado pelos leigos.

Já a escalada em rocha subdivide-se em outras modalidades que pouco remetem à escalada alpina – embora envolvam valores métricos menos impressionantes, deve-se ter em mente que essas modalidades lidam com ascensões severamente verticais. Uma delas é a escalada em rocha tradicional, que envereda por vias longas, de algumas centenas de metros. Outra é a escalada esportiva, com grande número de praticantes. Essa modalidade caracteriza-se pelas vias mais curtas, geralmente com até 30 metros de altura, e de maior grau de dificuldade se comparadas às vias da escalada tradicional. A facilidade de acesso a essa última modalidade a torna tão popular. Tecnicamente mais simples, exige menos equipamentos do que a escalada tradicional e há mais locais para sua prática, por não exigir imensos paredões rochosos. O

objetivo na escalada esportiva é a cadena, ou seja, chegar ao fim da via sem cair. Na escalada em rocha, “vias” são o caminho pelo qual o escalador percorre. Foram conquistadas por alguém, que “grampeou” as proteções, ou seja, utilizando uma furadeira à bateria, perfurou a rocha e parafusou elementos metálicos fixos denominados “chapeletas”. Essas proteções geralmente estão distribuídas em intervalos de um a três metros entre uma e outra e impedem que o escalador sofra uma queda maior que isso. Na escalada guiada, a corda é passada por tais proteções à medida que o escalador avança na via, utilizando as costuras, que são elementos de conexão entre as chapeletas e a corda. Dessa maneira, caso ele não consiga realizar um movimento no intervalo entre as proteções e caia, sua queda será correspondente ao dobro da distância desde a última proteção. A corda de escalada, ou corda dinâmica, possui um fator de elasticidade, sendo capaz de absorver impactos. Com isso, mesmo uma queda de seis metros, por exemplo, terminará de maneira razoavelmente suave (desde que o escalador não atinja protuberâncias nas rochas, nem esteja baixo demais, chegando ao solo antes que a corda detenha-o).

No GEEU, escala-se apenas em *top-rope*, ou seja, existe apenas uma proteção, que fica no topo da via. A corda já está previamente passada e fica sempre esticada. Assim, quando o escalador cai, não há, de fato, uma queda – ele apenas desloca-se um pouco para trás e para baixo¹⁴. Na rocha, é comum que os iniciantes escalem em *top-rope*, pois dessa maneira não precisam lidar com o risco de quedas. Recupero meus primeiros momentos na rocha, em junho de 2011, com mais quatro escaladores:

Hoje estive muito empolgado com a minha primeira ida à rocha. Fomos na pedreira do Garcia. [...] Quando chegamos, fiquei espantado e admirado com os paredões de rocha escura, como eles se estendem ao longo da área de pedreira, que é muito maior do que eu imaginava. Passamos de carro bem em frente a um dos trechos onde a parede é mais alta, coisa de 40 ou 50 metros. É espantoso! Depois, alguém no carro mostrou onde ficam algumas das vias mais fortes [...]. Parece humanamente impossível chegar lá em cima. Parece intocável. Então notei que tinha alguém lá em cima, um escalador sem camisa, rindo porque não conseguia fazer o lance.

Caderno de campo, 14/06/2011

E pouco depois:

[...] Peguei uma cadeirinha emprestada e fomos, eu, G. e A., para a “Cantil na Cabeça”, uma via mais tranquila, disseram, e era lá que eu iria finalmente escalar na rocha pela primeira vez. A G. armou o top-rope e parece que teve alguma dificuldade no final da via.

¹⁴ Por isso, no GEEU são utilizadas cordas estáticas, sem elasticidade. Essas cordas são menos onerosas e possuem uma vida útil consideravelmente maior do que as dinâmicas.

[...] Olhando de baixo, o começo parecia fácil, bem fácil. Mas era tudo liso, não tinha onde pegar! Falei que a rocha é bem diferente das agarras de resina. Estava tremendo, adrenado. Em um vacilo, acabei caindo no meio da via, mas [de top-rope] foi tranquilo [...].

Caderno de campo, 14/06/2011



Figura 1: Escaladora do GEEU "malhando" um *boulder* em viagem a um "pico" em Ubatuba - SP. Foto: Hugo de Souza

Outra modalidade, também amplamente difundida na escalada, é o *bouldering*. A escalada de *boulders* diferencia-se por ser curta (geralmente entre 2 e 5 metros) e de grande dificuldade e intensidade física. Nesse caso, não é utilizado o termo *via*, e sim *problema*. É mais fácil de ser praticado, pois exige pequenos blocos de rocha, mais fáceis de serem encontrados, ou, no caso de ambientes artificiais, exige uma estrutura menor. No *bouldering* o equipamento é muito simplificado, pois cordas não são utilizadas. A queda é absorvida pelos *crashpads*, que são colchões especiais de espuma densa, projetados e fabricados conforme as necessidades dessa

atividade. Além disso, é alegadamente “uma modalidade mais social”, devido à sua prática mais dinâmica, com revezamento rápido entre as tentativas e descanso dos praticantes. Em um *boulder*, além disso, os escaladores não precisam comunicar-se aos gritos, como nas vias. Como dito por J., em entrevista, no *boulder* “ [...] é bem mais fácil conversar com as pessoas, sobre os problemas durante a escalada, de trabalhar junto com outras pessoas, dar dicas [...]” Em agosto de 2011, após minha primeira sessão de *boulder*, em Ubatuba – SP, registrei:

O pessoal se espalhou pelos blocos [de rocha]. Tinha gente por todos os lados. [...] Boulder é interessante, mas achei tudo muito forte pra mim, mas mesmo assim entrei em vários problemas diferentes [...]. Quando garoava, a gente ficava embaixo de algum bloco [...]. Foi diferente escalar ouvindo betas [dicas] e palavras de incentivo vindo de pessoas que estão na mesma altura que você¹⁵!

Caderno de campo, 27/08/2011

A escalada em estruturas artificiais construídas especificamente para esse fim é conhecida como escalada *indoor*. Geralmente são paredes de escalada esportiva e *boulders* dentro de ginásios em academias ou em universidades, muito comuns em países do hemisfério norte. Basicamente, são estruturas metálicas que sustentam placas de madeira às quais são parafusadas as agarras de resina. O tamanho, inclinação e quantidade de agarras variam conforme o espaço e os recursos disponíveis e os objetivos da parede¹⁶. Embora no Brasil existam várias estruturas desse tipo em espaços internos, condizentes com a denominação *indoor*, há também muitas paredes artificiais a céu aberto, como no GEEU ou no Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo (C.U.M.E.), na Universidade Federal de São Carlos – SP (UFSCar). Talvez por isso, é usual denominar essa variedade como “escalada em resina”, devido ao material utilizado na fabricação das agarras. Aqui, falaremos de “ambientes artificiais” (MARINHO, 2001). Esses espaços simulam, dentro do possível, a escalada em rocha. São vistos como espaços de introdução e treinamento para a escalada, mas alguns praticantes, por dificuldade de acesso à rocha, escalam quase que exclusivamente em ambientes artificiais. A princípio, o distanciamento do ambiente natural não é um fator tão sentido pelos escaladores. Para Marinho (2001, p. 33)

[...] as pessoas têm encarado como comum a escalada em muros artificiais; entretanto, o trazer as dificuldades na natureza para a cidade, muitas vezes, tem sido tratado meramente como uma consequência. Um fácil acesso e uma comodidade com maior segurança [...]

¹⁵ Como dito, os *boulders* têm como característica a ascensão curta. Em muitos problemas a saída é em *sit-down* (sentado).

¹⁶ Desde pequenas paredes móveis para festas infantis até imensos ginásios para treinamento.

A facilidade de acessar o ambiente artificial favorece o contato com as paredes de escalada, mas não necessariamente desvincula o participante da escalada em rocha. Para C. e F, respectivamente,

[...] não tenho tempo durante a semana [...] porque eu tenho que trabalhar. No GEEU eu posso vir durante a semana, treinar, para quando chegar o final de semana eu estar bem e conseguir fazer as coisas na rocha, escalar bem, ter força, resistência.

[...] pra rocha você sabe, é sempre mais complicado. Você não gasta uma ou duas horas. Você gasta um turno. Você gasta uma tarde, um dia, pra fazer todo o rolê. Tem que levar comida, aquela coisa toda.

A princípio, eu esperava encontrar um maior apelo por uma essência mais natural da escalada no cenário da rocha. Porém, a rocha atrai mais pelas suas características técnicas do pelo seu caráter:

[...] A natureza que te impõe um desafio. Sabe aquela coisa meio que “esteve sempre lá”... é uma coisa assim... esteve sempre lá e esteve pra todo mundo, assim. É dada a idéia de um desafio assim tipo... universal, assim. E quando você faz aquilo você fala “nossa!”. (F.)

[...] a rocha não foi preparada pra você escalar ela, ela simplesmente está lá. Então a pessoa pode usar a criatividade e achar coisas que no plástico[resina] você não tem, isso traz mais complexidade. Escalada em rocha é mais complexo, eu diria, em todos os aspectos. (W.)

O ambiente natural é muito melhor porque [...], como falei, estou resolvendo um problema. No GEEU você tem n possibilidades. Pega um matemático e ele vai falar “você tem 50 jeitos de resolver o problema”. Em lugares naturais você não tem agarras definidas. Você tem infinitas possibilidades, então acho legal por causa disso [...]. E no lugar artificial você [...] sabe as agarras, sabe a inclinação, vai aprendendo como se movimentar pra aquela inclinação, e acaba ficando um pouco repetitivo. [...] Mas assim, filosoficamente, eu não tenho nenhum problema em escalar [no ambiente artificial]. O pessoal fala “ah, não escalo em resina por causa disso, por causa daquilo”, então o cara não gosta de escalar, gosta de ralar a bunda na pedra, sei lá (risos). (L.)

Vamos supor que você tem uma falésia, ou parede do lado de uma rodovia super-mega-movimentada, uma falésia de 10 metros, assim... um ambiente esquisito, assim. Eu não me importo, sabe. Tendo a escalada esportiva ali, sabe, tendo uma via que me interessa, um grau que me interessa, não importa, aquilo ali é uma coisa que já um motivador, assim. Mas é claro que você vai pra São Bento (do Sapucaí), pra Serra do Cipó em Minas, putz, são lugares assim apaixonantes [...], passa uma certa vibração assim... uma coisa meio bucólica, aquela tranquilidade, tal. Claro que isso é bastante cativante, mas não acho que isso sejam fatores centrais pra prática da escalada, não. (F.)

Assim, mais importante do que estar inserido na natureza e afastado do urbano, aparentemente a escalada em rocha é mais atrativa que a escalada em ambientes artificiais pelas

vias mais altas, desafiadoras, e por as vias não terem as restrições da escalada em resina. Questiona-se, então, se a escalada em rocha é a escalada mesmo. Isso, evidentemente, dependerá da compreensão de cada escalador. Para alguns, a *escalada mesmo* é aquela efetivada no ambiente natural, seguindo os preceitos e regras da escalada:

O V. e o L. me contaram de uma moça que foi ao GEEU há algum tempo. Ela já escalava e já tinha todo o equipamento, e chegou pedindo para entrar em algumas vias meio fortes. Ela não conseguia escalar e dizia estar fria, e como continuava sem conseguir subir nenhuma das vias, foi embora dizendo que não queria “gastar os dedos na resina”.

Caderno de campo, 05/04/2012

Já para outros, a escalada envolve um espectro mais amplo de atividades:

[...] eu penso que escalar, ele abrange a rocha, abrange o ambiente artificial, abrange qualquer progressão vertical. Tem gente que fala que a travessia [horizontal] também é escalada [...]. Eu penso que a escalada abrange tudo, se você subir aqui, já tá fazendo uma escalada, tudo isso é escalada. (W.)

O GEEU, em suas reformas, adota o comum método de distribuir as agarras mais ou menos aleatoriamente na parede, para que em seguida as vias sejam criadas. Fitas coloridas são coladas próximo às agarras que fazem parte de uma determinada via. Por exemplo, ao entrar na “via azul”, o escalador só poderá tocar e utilizar as agarras marcadas com a fita dessa cor. Isso permite que vias e problemas sejam constantemente renovados, criando novos desafios de tempos em tempos. Com isso, gera-se também uma restrição inexistente em ambientes naturais. “Na rocha tudo é agarra, não tem fitinha” é uma frase que ouvi em inúmeras ocasiões.

Existem maneiras de atribuir uma graduação de dificuldade à escalada. Embora existam sistemas mais tradicionais e difundidos, como o francês ou o americano, no Brasil utilizamos o próprio sistema brasileiro. Há algumas divergências sobre sua normatização, mas, basicamente, as vias mais fáceis são graduadas em 3º grau (que são quase “escalaminhadas”), progredindo na seguinte escala: 3º, 3ºsup, 4º, 4ºsup, 5º, 5ºsup, 6º, 6sup, e em seguida 7a, 7b, 7c, 8a, 8b, 8c, 9a, 9b, 9c, 10a e assim sucessivamente. Para os *boulders*, a graduação dos problemas começa em V0, seguido por V1, V2, V3, V4 e assim por diante. Embora essas graduações

aparentem ser numericamente precisas, sua atribuição é muito subjetiva e muitas vezes torna-se alvo de divergências e discussões confusas¹⁷:

Estávamos falando disso mais uma vez [correspondência entre graduações de vias e boulders]. Mas pelo menos dessa vez tentamos incluir a equivalência da graduação francesa na discussão [...]. L. explicou que o V5 que ele mandou é no máximo um V4 pra ele, mas tem quem fale que é até V8. “tem cara que fica superfaturando graduação” [disse].

Caderno de campo, 30/03/2012

Dentre as diversas variáveis envolvidas na avaliação do grau de dificuldade de uma via ou problema, estão o tipo de movimentação, força, resistência e flexibilidade empregadas, características da rocha, homogeneidade da sequência de movimentos, etc. Mas a dificuldade da escalada, em considerável parte, não reside apenas nos aspectos físicos. Fatores como a altura em relação ao solo, a distância desde a última proteção, a exposição a uma queda, a possibilidade de que a rocha quebre ou o equipamento falhe são desafios mentais, que em inúmeros momentos superam o desafio físico. Os escaladores referem-se à capacidade de lidar com o medo e a ansiedade como “psico”. Se, por um lado, “ter um bom psico” é uma qualidade apreciada, por outro, um escalador forte pode simplesmente não conseguir guiar uma via condizente ao seu nível caso sinta-se inseguro, “com o psico abalado”, como dizem.

O equipamento do escalador varia, evidentemente, conforme a modalidade ou as modalidades que este pratica. Para termos uma visão geral deste equipamento, apresento alguns materiais mais importantes e suas características mais distintas. A corda dinâmica tem, em geral, de 50 a 80 metros de comprimento e 9 a 11 milímetros de espessura, a depender do modelo e finalidade de uso. Trabalha em conjunto com as costuras, que são, cada uma, um par de mosquetões ligados por uma fita de alguns centímetros. As costuras cumprem a função de conectar a corda às proteções. Já o elemento de ligação entre o escalador e a corda é a cadeirinha, ou *baudrier*. Junto da cadeirinha, o outro equipamento mais básico para “o iniciante ir para a rocha” (como costumam dizer os mais experientes) é a sapatilha (ou apenas “sapata”). Esta é um calçado muito específico, com solado de borracha de alta aderência e ajuste bem apertado no pé,

¹⁷ Essas graduações indicam a dificuldade média da via. Há, também, maneiras de graduar a exposição (risco de ferimentos ou morte para o escalador em caso de quedas) e o crux da via isoladamente. O crux é o lance ou movimento mais difícil da via.

permitindo precisão nos movimentos mesmo ao pisar em saliências minúsculas na rocha. Há vários outros equipamentos que cumprem determinadas funções, como os freios, utilizados na realização da segurança, mosquetões diversos, fitas solteiras, que geralmente são usadas para segurar temporariamente o escalador no fim de uma via, o carbonato de magnésio, ou simplesmente “mag”, transportado em uma pequena bolsa na parte de trás da cadeirinha e que é importante para manter as mãos livres de suor, etc.



Figura 2: Cenário típico de um dia de escalada na pedreira do Garcia. O escalador que está na via “Doze de Outubro”, à esquerda, está escalando guiando. Já escaladora da direita, que está se preparando para entrar em *top-rope* na via “Cacaio”, recebe betas de outro escalador. Foto: Hugo de Souza

O cenário típico de um dia de escalada, seja na rocha ou no “muro do GEEU”, envolve no mínimo dois praticantes e alguns equipamentos (ou “equipos”) espalhados ao redor. Um deles estará em uma extremidade da corda, escalando, enquanto o outro, manejando o resto da corda através do freio atado à sua cadeirinha, realiza a segurança. Outros praticantes que estiverem presentes poderão ser encontrados escalando vias próximas ou aguardando a vez para “entrar na via”. Ou apenas descansando, de chinelo (pois as sapatilhas são apertadas demais),

alimentando-se e reorganizando os equipamentos. Por ser o grande fator em comum entre os praticantes, as conversas circulam majoritariamente pelo assunto da escalada, especialmente se for entre escaladores desconhecidos ou de grupos diferentes. Relatos sobre acontecimentos ocorridos nos picos (locais de prática da escalada), exceto casos que envolvam algum incidente, são contados com bom humor. Trocas de informações técnicas, opiniões sobre produtos e equipamentos também são comuns. Outro assunto frequente na base das vias é relativo à segurança – um dos aspectos mais importantes dessa atividade – ao qual muita atenção é destacada. Mas, sem dúvida, muito do que se ouve na base das vias é a troca de betas, ou seja, dicas passadas àquele que escala pelos mais experientes ou pelos que já conhecem a via. “Dar betas” é uma atitude comum nos picos, porém repudiada por muitos escaladores que preferem usar apenas a própria capacidade de “leitura de vias”, sem interferência externa.

[Hoje] no GEEU [...] fiquei um pouco envergonhado quando falei “não” para alguém que estava escalando [referindo-me à movimentação errada da pessoa]. O L. chamou minha atenção: “não fala ‘não’! Deixa a pessoa descobrir o movimento sozinha! E se ela quiser fazer de um jeito diferente, e conseguir?”

Caderno de campo, 27/03/2012

Ou, em uma ocasião na rocha:

Estava muito concentrado na [via] Lua. Aqueles moves [movimentos] são delicados e eu estava no meu limite... e o pessoal lá embaixo gritando “vai Gabriel!”, “Isso Gabriel!”, “Boa! Sobe o pé aí, trava a mão ali”... estava me atrapalhando. Gritei mandando todo mundo ficar quieto. Acho que fui um pouco grosseiro, mas depois pedi desculpas e todos aceitaram numa boa [...]

Caderno de campo, 15/04/2012

O termo beta é tão difundido entre os escaladores que seu uso extrapola sua aplicação original. Não raro pude ouvir frases como “vou te dar um beta bom para chegar no Visual” (referindo-se a um caminho mais fácil para ir ao Visual das Águas, um pico na cidade de Bragança Paulista – SP), ou, em outro exemplo, “me dá aí uns betas de umas lojas de madeira e parafuso” (frase que eu mesmo proferi durante os preparativos da troca da placa superior do negativo). Esses termos são uma amostra do léxico particular ao universo da escalada que incluem muitas outras palavras e significados que confundem leigos e iniciantes. Torna-se uma linguagem quase universal neste meio e é parte dos bens simbólicos particulares da escalada.

Os chamados picos são os locais, geralmente em meio à natureza, em que a escalada acontece em sua forma mais essencial. Dificilmente um iniciante que chega ao GEEU “vai pra

rocha” logo em suas primeiras semanas. Mais do que ter equipamento, conhecimento técnico e habilidades mínimas e saber como chegar aos locais, é necessário certo entrosamento com pelo menos alguns participantes do grupo. Conversas que incluem frases como “você já foi pra rocha?” ou “fui pra rocha pela primeira vez, *fulano* me levou” são ouvidas entre iniciantes que efetivamente aderem ao grupo. A ida à rocha não é exatamente simples nem mesmo para os mais experientes, pois existem algumas barreiras. Uma delas é em relação à disponibilidade de equipamentos e ao transporte. Enquanto em uma das minhas idas à rocha havia cinco cordas para oito pessoas (o ideal é uma corda para cada duas pessoas), em outras, especialmente em meus primeiros meses de observação, cheguei a estar em um grupo de seis escaladores com uma só corda, ocasionando uma longa espera. Mas talvez as maiores barreiras sejam referentes ao tempo disponível e transporte (e seus custos). Para J., “[...] *o grande problema que me acompanha desde que eu comecei a escalar é a questão do transporte, aqui no grupo não tem esse problema, aqui a gente tem carro [...]*”. Como os picos são distantes de Barão Geraldo¹⁸, uma brincadeira recorrente no grupo é dizer que “o carro é um dos equipos mais importantes na escalada”. Ou como afirma W.:

[escalar na rocha] toma muito tempo e muito dinheiro, normalmente você tem que ter carro. Hoje em dia muita gente tem carro, mas na minha época a maioria andava de ônibus. Aí alguém tinha carro, do pai, da mãe, lotava e ia. Mas mesmo assim representa um custo, você perde uma jornada inteira no mínimo, pra ir.

Aqueles que vão à rocha costumam acertar horários e caronas em encontros no muro, através da *internet* ou em contatos pessoais. Geralmente os escaladores já têm seus parceiros mais habituais, mas é muito comum estar com alguém com quem nunca se escalou junto, antes. Durante meu período de observações, tive a oportunidade de conhecer picos de escalada em Campinas (pedreira do Garcia), Ubatuba (Pontão da Fortaleza), Bragança Paulista/Piracaia (Visual das Águas), Itaqueri da Serra (Itaqueri), São Bento do Sapucaí (Sumba, Pedra do Baú), todos no estado de São Paulo, e Paraisópolis (Falésia dos Olhos) em Minas Gerais, entre *boulders* e vias esportivas, além de uma interessante experiência no *psicobloc*¹⁹ de Salto do Pirapora – SP.

¹⁸ Barão Geraldo é o distrito de Campinas em que se localiza a Unicamp e onde moram muitos estudantes da universidade, e, conseqüentemente, grande parte dos integrantes do GEEU.

¹⁹ Em Salto do Pirapora, conhecemos com muito entusiasmo uma pedreira desativada e alagada, com paredões de até trinta metros de altura e cuja profundidade da água varia entre vinte e oitenta metros. Porém, a rocha do local é muito frágil e quebradiça para a escalada. Atualmente, o pico encontra-se fechado, devido aos vários acidentes fatais ocorridos no local (nenhum deles envolvendo escaladores, porém).

Em Campinas, um dos locais mais frequentados pelos escaladores em geral é uma pedreira no bairro Jardim Garcia. Desativada há pelo menos 25 anos, foi apropriada como um espaço de lazer não só pelos escaladores, mas também pelos aeromodelistas, como citado no início do texto, e, sobretudo, pelos moradores do entorno, que vão à pedreira para caminhar, correr, andar de bicicleta ou simplesmente para passear e observar os escaladores e aeromodelos. Embora seja bastante frequentada devido ao seu fácil acesso e conte com dezenas de vias de vários níveis de dificuldade, a “pedreira do Garcia” não é o ambiente favorito dos escaladores. Talvez pelo aspecto urbano da paisagem, ou talvez pela sensação de artificialidade da rocha dinamitada.

Geralmente é nesses espaços que temos a oportunidade de ter contato com escaladores que não fazem parte do GEEU. Na pedreira do Jardim Garcia é habitual encontrar e conversar com escaladores de Campinas e de outras cidades da região que acabam por tornarem-se conhecidos.

Ontem na pedreira o pessoal conheceu uma moça que acabou de se mudar para Campinas. Falaram que ela escala forte e que vai treinar no GEEU. Parece que eles já combinaram de escalar em algum lugar no próximo fim de semana.

Caderno de campo, 28/02/2012

Mas é ao visitar os picos mais conhecidos e frequentados que alguns fatores interessantes sobre a relação entre os escaladores são revelados. Há uma tendência à identificação amigável entre os escaladores, devido aos interesses em comum e, também, por questões relativas à segurança:

[...] não é porque é da mesma tribo, [mas] eu sinto pelo menos que a gente começa a agir com benevolência. Começa a agir pensando que você pode precisar da outra pessoa que está compartilhando o mesmo ambiente, é como se mudar para uma casa nova, sabe? Você não vai maltratar seu vizinho que você nem conhece! Pelo contrário, você quer ser simpático, quer criar amizade, um laço forte no local. Na escalada, por mais que seja rápido, que dure só um dia, às vezes um segundo ao menos, mas que pode estar sua vida nisso. (V.)

[...] as pessoas [da escalada] de um modo geral, são pessoas que eu gosto, que eu conheço. [...] o que tem acontecido é que, como aumentou muito o número de pessoas escalando, [...] tem acontecido de estar num pico e o cara acaba fazendo uma merda do seu lado. Ou até uma pessoa que você nunca escalou junto, você está levando junto e a pessoa acaba fazendo merda e começa a ficar tenso. Porque o cara faz merda e você tem que ficar meio de olho, porque se marcar vai dar merda mesmo! Até pouco tempo atrás não era muito. Mas agora, eu tenho pensado mais nisso porque tem muitas pessoas que acham que sabem escalar [...]. (B.)

Outro fator muito mencionado envolve o “mundo pequeno” da escalada, que revela parte do significado de encontrar, seja na rocha ou fora dela, outros escaladores:

[...] o mundo da escalada é meio pequeno. A maioria do pessoal se conhece. Parceiro mesmo, que eu vou escalar junto... é pessoa que eu confio e conheço melhor, que é mais o pessoal do GEEU. Mas tem o pessoal do Rio, que a gente conhece de São Bento, de Ubatuba, que eu colocaria a minha vida na mão deles, eu conheço e sei que os caras são firmeza. (L.)

[...] é um universo muito pequeno, eu acho que facilita o contato, que as pessoas se conheçam. Hoje em dia eu acho que isso mudou um pouco, porque direto a gente chega em alguns picos de escalada, de uns dois anos pra cá, e percebi que a gente chega nos lugares e nem sempre a gente conhece todo mundo. Aliás, na verdade, tem muitas pessoas novas, antes não. Até uns dois anos atrás sempre a gente sabia tudo o que estava acontecendo em todos os lugares, a gente conhecia todas as pessoas. (B.)

[...] em outras regiões ou fora do Brasil eu conheço algumas pessoas que se eu fosse para lá eu encontraria. Eu viajo geralmente sem parceiro e encontro os parceiros nos lugares. Geralmente são pessoas que eu conheci nesses lugares mesmo que acabaram virando parceiros. (J.)

Embora as experiências aparentem ser positivas, isso não corresponde totalmente à realidade. Muitas vezes essa esperada hospitalidade não é correspondida, como mencionou C. em entrevista:

[...] eu senti que quando eu estive [nas montanhas do estado do Rio de Janeiro] não fui bem recebida, não sei o porquê, mas não fui bem recebida como eu fui aqui em São Paulo ou em Minas. Não escalei junto com eles, porém ao chegar na rocha os caras foram meio ríspidos, nem chegaram para cumprimentar, bem diferente daqui ou de Minas, onde as pessoas logo vem conversar quando você chega. [...].

Um dos integrantes do GEEU contou-me que não é raro encontrar escaladores, sobretudo da cidade de São Paulo, que talvez por não integrarem um grupo organizado (logo, não habituados a uma prática mais coletiva), “tomam conta das vias, abrem gazebo na base e ficam lá como se estivessem na casa deles, ou na academia [de escalada] e ninguém mais consegue escalar ali”. E como reforçado em entrevista:

A escalada ainda é um mundo pequeno e a gente vive como se fosse numa cidade pequena, assim. Todo mundo se conhece, se não se conhece a gente cumprimenta, porque algum dia você vai estar lá no pico de escalada e o cara vai estar lá também e você escala com o cara, sei lá. Acho bem acolhedor o mundo da escalada, o pessoal... a maioria, né, tem uma cultura... o paulistano já é meio frio por natureza. E o paulistano nos picos de escalada costuma ser assim. O cara não cumprimenta, não sei o quê, e tal. (L.)

Esse mesmo integrante, em outra ocasião, também me explicou que certa hierarquização pode ser esperada entre os praticantes, ditada pela experiência, habilidade e

influência no meio: “você chega lá no meio de um monte de caras fortes, que mandam nono, décimo grau, e ninguém nem te olha, nem cumprimenta. Você é um nada”. E prosseguiu, em tom de brincadeira, dizendo que “aí você entra numa via forte, manda a via e os caras já começam a olhar diferente”. Mas essas ocasiões são raras – nunca cheguei a presenciar pessoalmente algum conflito do tipo.

Todavia, a diferenciação entre escaladores de variados níveis de habilidade e experiência constituem uma hierarquia pouco conflituosa dentro da escalada. Na escalada esportiva, por exemplo, cada um escala a via que corresponde ao seu próprio nível, ou talvez ou um pouco abaixo, para “aquecer”, ou um pouco acima, para “malhar”. Por isso, os iniciantes não se sentem acuados por terem que dividir um espaço estrito com aqueles que carregam maior *status* de grupo. Os escaladores não costumam mencionar tal hierarquia. Existe um respeito e admiração voltados aos mais experientes ao aos nomes mais reconhecidos, tal qual como em qualquer outro esporte. Mas, talvez pela característica de “mundo pequeno” da escalada, o distanciamento entre escaladores de variados níveis se perca nas relações estabelecidas entre eles. Mas, ainda assim, algo pode ser observado, como relatou L. em entrevista:

Acho que existe hierarquia de conhecimento. O pessoal mais antigo tem a última palavra, se o cara falar que isso é assim ou assado a gente costuma respeitar. Mas costuma questionar, né, porque não é hierarquia militar – o cara fala isso e todo mundo obedece. A gente questiona... mas é por tempo de escalada e experiência. Se eu vejo um cara que é mais velho que eu falando que eu estou fazendo uma coisa errada, eu obedeco a pessoa ou sigo as orientações dela. [...] Os mais velhos são mais... mandões (risos).

Em 07 de junho de 2012, fui com alguns integrantes do GEEU à Falésia dos Olhos, um conhecido pico em Paraisópolis – MG. Ao chegar ao local, avistei alguns escaladores, entre eles um estrangeiro, que pareciam estar em um outro patamar. Eram desconhecidos nossos (embora alguns do nosso grupo conhecessem alguns do grupo deles), estavam em vias graduadas em níveis muito altos, e esbanjavam corpos e equipamentos de quem está envolvido com a escalada há um longo tempo. Nos primeiros momentos, meu olhar era um misto de admiração e curiosidade e minha postura, de distanciamento. Horas mais tarde, após um longo dia na rocha, estávamos todos confraternizando juntos na praça da cidade. Como todos eram escaladores, esse fator em comum rompeu a distância entre os sujeitos quando estávamos fora do ambiente da prática. Durante o dia, os melhores escaladores ficavam em um trecho da falésia que apresenta as vias mais duras, de nono ou décimo grau. Assim, criava-se um distanciamento entre eles e nós, já

que estávamos em alguns 6sup, 7a e 7b. Mas à noite, na praça da cidade, éramos todos simplesmente escaladores, sem distinção de grau ou coisa parecida.

Todavia, tal *status* de grupo existe e é edificado no cenário da escalada de uma maneira que diz muito sobre essa atividade. Especialmente por não ser uma prática amplamente difundida²⁰, aqueles que são mais fluentes na linguagem de valores e símbolos desse universo podem ser imediatamente reconhecidos como legítimos “nativos” da escalada. Um censo promovido por Marski Filho (2009) obteve 739 participações²¹ (embora, sem dúvida, o número real de escaladores no Brasil seja maior²²). Diferentemente de muitos dos esportes mais populares, os nomes mais reconhecidos da escalada no Brasil são sujeitos comuns, com quem poderíamos escalar lado a lado em uma tarde na rocha. São reconhecidos não só pelas suas habilidades e experiência, mas, também, pela influência e pela própria difusão pessoal no meio, estando sempre presentes nos festivais, competições, vídeos divulgados na internet, etc. Alguns desses nomes inclusive são membros do GEEU e visitam o muro com relativa frequência. Ao acompanhá-los nos picos, eles assumem o papel de vetores de contato com outros praticantes, como aconteceu no relato anterior, com os escaladores na Falésia dos Olhos. É assim que, seja durante a viagem, antes de entrar em uma via ou em um churrasco após um dia de escalada, conhecemos escaladores de outras regiões (ou de outros níveis). Com isso, cria-se uma rede de relações ao redor do interesse central da atividade em questão. Há os parceiros de escalada que são amigos; os parceiros de escalada; os amigos dos parceiros de escalada; os escaladores de outras regiões que encontramos nos picos e seus parceiros; e assim por diante. Um observador atento poderá identificar a imersão no universo da escalada por um sujeito sem vê-lo “mandar” uma via; basta estar atento à maneira com que ele se relaciona com os demais escaladores e a amplitude de sua rede de relações.

²⁰ De maneira superficial, os escaladores (em geral) julgam benéfico que a escalada se popularize, mas sem saber ponderar quais as consequências disso. Alguns praticantes são contrários a esse movimento, temendo aumento do número de acidentes e deterioração dos *picos*. Sem maiores argumentos, alguns entrevistados abordaram brevemente a questão da difusão da escalada. Segundo L., “O pessoal tem medo dos acidentes, tal, de divulgar muito o esporte, mas acho que isso não resolve nenhum problema”. Para C., “[...] muita gente no Brasil não quer que o esporte se popularize. [...] Acho que o bem que essa pessoa faz [praticando escalada] é bem maior que um eventual impacto sobre a natureza pela prática do esporte”.

²¹ Alguns dos dados mais significativos que podem ser extraídos desse censo indicam que a maior parte dos escaladores são homens entre 20 e 30 anos com graduação completa. Para mais informações, consultar os dados colhidos por Marski Filho (2009).

²² Logo antes do fechamento desse texto, um dos membros do grupo mencionou, em uma conversa, uma estimativa de cerca de trinta mil praticantes de escalada no Brasil.

Atualmente, essa rede estende-se para os meios virtuais, através de redes sociais *online* como o Facebook ou o site 8a.nu²³. Nesses meios, os escaladores expõem fotografias trocam informações relacionadas à escalada, transparecendo uma identificação através da qual desejam ser reconhecidos como escaladores, aventureiros, destemidos amantes da natureza e do *outdoor*.

A adesão à escalada também é demonstrada através das roupas que os escaladores usam. É muito comum ver que, nos picos e em eventos, a indumentária favorita é aquela que estampa logotipos de marcas relacionadas à escalada e atividades *outdoor* em geral, conferindo um aspecto de prontidão à aventura. Porém, no cotidiano daqueles integrantes do GEEU que têm algum vínculo com a Unicamp e que durante o dia transitam entre as salas de aula, laboratórios e o muro, isso não é algo muito pronunciado²⁴. São vestuários técnicos, ou seja, roupas feitas com materiais e cortes especiais cuja função²⁵ sobrepõe-se à aparência: não seria de estranhar, em um dia frio, vê-los indo a um bar após o trabalho vestidos como se estivessem prontos para uma travessia na cordilheira dos Andes. Com isso, cria-se um fetiche e uma necessidade de consumo ao redor de marcas universalmente conhecidas nesse universo, como North Face, Mammoth, Arc'teryx, Mountain Hardwear, Columbia, etc. Por serem equipamentos de alto custo, os escaladores podem recorrer a outras estratégias para serem reconhecidos como tais. Como Marinho (2001, p. 54) observou:

As camisetas utilizadas por esses escaladores estampam desenhos e logotipos relacionados a campeonatos e encontros promovidos pelo grupo [...]. Normalmente, nessas camisetas, há uma figura do personagem principal – o escalador – executando uma via difícil, seguida do nome do grupo e do respectivo evento e, ainda, propagandas de patrocinadores (quando há). Esse fato demonstra o orgulho e a satisfação que os escaladores têm de pertencer ao grupo, sentindo-se importantes por usarem uma camiseta de sua “tribo”, além do consequente interesse em divulgar o muro para conseguirem mais adeptos à escalada e ao GEEU.

Para Magnani (2002, p. 22), estas são maneiras para que eles se reconheçam, “como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo

²³ Cf. <<http://www.8a.nu>>. Trata-se de um site internacional voltado para a escalada, em que o usuário cadastrado poderá registrar as vias que “cadenou”, escrever comentários e participar de um *ranking* local e global.

²⁴ Ainda assim, é razoavelmente comum ver alguns membros do GEEU usando camisas de eventos de escalada, como as camisas personalizadas do Campeonato Caipira, durante as atividades cotidianas.

²⁵ Materiais super leves e compactáveis, de secagem rápida e à prova de rasgos.

e modos de vida semelhantes”. Assim, mais do que uma identificação reconhecível entre os iniciados no meio, essa ostentação parece também querer revelar aos leigos da escalada que o indivíduo que carrega essas marcas e símbolos detém uma identidade cunhada fora de uma situação de normalidade, como se quisesse dizer “eu sou escalador”.

[Em uma conversa sobre vestuário] o M. contou que, em uma viagem de ônibus em Minas Gerais, ele viu um sujeito com roupas técnicas, fleece, botinhas, North Face, mochila cargueira, etc. “Pensei que ele era escalador ou que pelo menos curtia o outdoor”, argumentou. No fim da viagem, ele puxou papo com o tal aventureiro. “Era um espanhol que estava a passeio no Brasil, e ele disse que não escala nem faz nada, só gosta de usar essas roupas”, encerrou M., rindo da situação.

Caderno de campo, 20/09/2012

A escalada é algo caro, embora os equipamentos básicos tenham custo razoável²⁶. Mas o maior dispêndio está no custeio do transporte, alimentação e estadia nas saídas à rocha. Algo que me surpreendeu fortemente foi um círculo de amigos escaladores, integrantes do GEEU, terem alugado e mobiliado uma casa no município de São Bento do Sapucaí – SP, apelidada de “casinha” (embora seja uma confortável residência de três quartos, com quintal, jardim, vaga coberta e área para churrasco). O aluguel é dividido entre eles, enquanto os visitantes deixam uma quantia ao redor de R\$10,00 por dia de estadia como contribuição para as despesas da locação. A casa serve como pouso para os escaladores nas viagens a esta cidade, seja em finais de semana, feriados, férias ou até mesmo durante retiros mais prolongados.

Há, também, nomes a serem idolatrados nesse meio: reconhecidos escaladores, quase todos contemporâneos e estrangeiros, que realizam feitos impensáveis em suas respectivas modalidades. Como acontece com os ídolos de qualquer esporte, suas performances são produto de consumo. Os comentários admirados sobre a escalada solo de Alex Honnold em Yosemite (EUA) em tempo recorde; os julgamentos sobre o estilo de Dan Osman e os fatores que levaram à sua morte; ou, em um episódio cômico, o café da manhã pouco usual em minha primeira viagem a Ubatuba (agosto de 2011), que incluía doses generosas de gengibre ralado com sal e limão no pão integral. “Os meninos tão comendo isso porque alguém ouviu falar que o Chris Sharma come gengibre todo dia”, disse uma das escaladoras que estava conosco.

²⁶ Atualmente, com cerca de R\$500,00 é possível ter o equipamento mínimo, com bom nível de qualidade, para acompanhar escaladores mais equipados em idas à rocha. Já uma corda e um jogo de uma dúzia de costuras, somados, chegam a quase o triplo desse valor.

Existe um código de ética no universo da escalada que compreende regras escritas e não escritas. Documentos divulgados pelos órgãos competentes da área, como a União Internacional das Associações de Alpinismo – UIAA, órgão máximo da escalada mundial, ou por organizações em outros níveis²⁷, regulamentam, orientam e alertam sobre diversos aspectos da relação entre praticantes, a prática e o ambiente. Questões como a conservação dos locais naturais próximos aos picos, regras para abertura e registro de vias, normas referentes aos equipamentos, etc., estão entre os temas abordados e em relação aos quais os escaladores devem estar atentos. A ética da escalada, de maneira informal, também influencia o convívio de escaladores nas vias, nos picos e arredores. Assim, atitudes como saber aguardar o momento certo para escalar, estar atento à sua segurança e a dos outros e preservar as vias, dentre várias outras observações, tornam a ética da escalada também uma linguagem universal entre os praticantes dessa atividade.

Assim vemos que a escalada, como um todo, constitui uma cultura com suas próprias atitudes, crenças, valores, práticas e expectativas. Logo, ela assume a forma de um mundo social, que segundo Unruh (apud Stebbins, 2007, p. 12), é

[...] uma unidade de organização social difusa e amorfa [...]. Geralmente é mais abrangente que grupos ou organizações, de maneira que esses mundos não são necessariamente definidos por limites formais, listas de afiliados, ou território espacial [...]. Um mundo social deve ser visto como uma constelação internamente reconhecível de atores, organizações, eventos e práticas que se agregam em uma perceptível esfera de interesse e envolvimento para os participantes. Caracteristicamente, um mundo social não apresenta uma estrutura autoritária de poder centralizado é delimitado [...] por uma comunicação efetiva, e não por território em por filiação formal a um grupo. (tradução minha²⁸)

Neste mundo social, como dito, há elementos reconhecíveis entre os participantes, que assumem uma significação muito mais completa do que quando vistos por observadores externos. A atração pela natureza, pelas dificuldades das ascensões verticais, a exposição ao risco e toda a linguagem e símbolos são, e de certa forma só podem ser, plenamente compreendidos por aqueles que se embrenham em suas aventuras pela escalada.

²⁷ Cf. < <http://www.femerj.org/sobre-a-femerj/etica> > para diversos documentos deste caráter.

²⁸ [...] a unit of social organization which is diffuse and amorphous [...]. Generally larger than groups or organizations, social worlds are not necessarily defined by formal boundaries, membership lists or spatial territory [...]. A social world must be seen as an internally recognizable constellation of actors, organizations, events, and practices which have coalesced into a perceived sphere of interest and involvement for participants. Characteristically, a social world lacks a powerful centralized authority structure and is delimited by [...] effective communication and not territory nor formal group membership.

Agora que está edificado um panorama geral da escalada, partiremos para o nosso *locus* mais específico, onde a pesquisa se desenvolveu de fato.

3 - Participação no universo da escalada e no GEEU como uma prática de lazer significativo

A literatura apresenta-nos inúmeras teorizações que buscam conceituar o fenômeno do lazer, direta ou indiretamente. De Thorstein Veblen a Domenico De Masi, passando por Joffre Dumazedier, Stanley Parker, Sebastian De Grazia, Chris Rojek e inúmeros outros. Muitos destes nomes procuraram definir o lazer através de termos amplos e generalizáveis. Outros não tratavam do lazer especificamente, mas produziram obras que contribuíram enormemente para os estudos da área. A diversidade de compreensões simboliza a própria dificuldade em construir uma definição para o termo, que varia seja em relação às suas raízes na história e sua etimologia, ou seu papel na sociedade. Talvez essa diversidade nas possibilidades de reflexão e conceituação do lazer deva-se ao fato de que este é um fenômeno multifacetado, muito mais complexo do que transparece os postulados introdutórios.

Se desejarmos lançar criticamente um olhar sobre uma manifestação de lazer, é necessário refletir sobre qual o caráter desse lazer sobre o qual estamos falando. Nessa pesquisa, abordo uma manifestação de lazer que se destaca por superar a passividade de uma simples ocupação transitória e vazia de sentidos. Um lazer significativo, que corresponde àquela experiência “[...] que nos passa, [...] que nos acontece, [...] que nos toca”, nas palavras de Bondía (2002, p. 21), e não apenas algo “[...] que se passa, [...] que acontece, ou [...] que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Bondía distancia a *experiência*, formativa e transformadora, da *vivência*, fugaz e efêmera. Da mesma maneira, distanciamos a experiência de lazer, que é significativa, da vivência de lazer, que é dada “na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma de vivência instantânea pontual e fragmentada” (BONDÍA, 2002, p. 23). Para este autor, o sujeito da experiência é receptível, disponível, aberto à própria transformação. É uma passividade que se define em relação às marcas da experiência, uma passividade “feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (BONDÍA, 2002, p. 24). O sujeito do lazer significativo e da experiência de lazer está exposto à capacidade formativa e transformadora de seu lazer. Não se trata, contudo, de uma passividade oposta à atividade, uma passividade que está

relacionada de alguma maneira à heteronomia, ao lazer passivo, de consumo puro e simples do bem pronto e inalterável, alienado e vazio. E sim, o lazer que promove a experiência, ou a experiência de lazer, é dotado de sentidos e significados e torna-se um indício de que tal manifestação volta-se, em maior ou menor grau, à autonomia do sujeito que dela participa, afastando-o da passividade de sentido pejorativo. Poderíamos até mesmo traçar um *continuum* idealizado em que um extremo representaria as possibilidades do lazer como controle social e consumo alienado, enquanto o outro apontaria para as possibilidades do lazer como emancipação do sujeito, como oportunidade de atuação e criação. O lazer pode ser, portanto, um *lócus* para a promoção da autonomia. Mas minha intenção não é cometer o maniqueísmo de dicotomizar o lazer, categorizando e afirmando que essa ou aquela forma é mais ou menos legítima, mais benéfica ou correta. Afinal, essa autonomia a qual nos referimos é nada mais do que um vínculo a uma liberdade que é apenas aparente, vínculo que está irremediavelmente estabelecido, pois em momento algum o indivíduo realmente está liberto das influências do meio, como situa Adorno (1995) ao discorrer sobre o tempo livre. Isso nos traz uma delicada questão acerca da autonomia e da experiência de lazer. Para Adorno, “as pessoas não percebem o quanto *não* são livres lá onde mais livres se sentem²⁹, porque a regra de tal ausência de liberdade foi abstraída delas” (p. 74, grifo meu). Adorno coloca que a indústria cultural se apropria de métodos para gerar necessidades de consumo dissolvidas no cotidiano, sobretudo através do tempo livre ou de lazer. Mesmo cientes que talvez não seja possível, em termos práticos, superar a lógica do consumo, não podemos deixar de questionar como um lazer que seja significativo pode aproximar o sujeito à autonomia, à criatividade e à experiência, dentro do possível.

Nessa pesquisa, é lançado um olhar sobre o GEEU a partir do pressuposto de que as práticas relacionadas ao grupo de escalada residem na esfera do lazer. Conforme será demonstrado ao longo do trabalho, essas práticas são potenciais vetores de um lazer que pode ser caracterizado como significativo e promotor da experiência, como discutido anteriormente. Para auxiliar na compreensão das múltiplas facetas do grupo de escalada, recupero um modelo teórico que traz fundamentos que dialogam extensamente com o visto e o não visto no trabalho de campo: a *Serious Leisure Perspective* (SLP), que foi introduzida pela obra de Robert A. Stebbins (1982; 1992; 2007). Lançarei mão das categorias definidas por esse modelo para discutir as

²⁹ Na vivência do lazer, por exemplo.

práticas do GEEU. Intenciono apresentar as características desse modelo já em um processo de contextualização através de um diálogo com elementos da escalada incorporados na pesquisa de campo, oportunizando uma compreensão aprofundada. Também será necessário realizar, quando necessário, algumas considerações sobre as adequações dessa teoria em relação ao cenário cultural, social e econômico brasileiro, que certamente difere daqueles em que Stebbins estava inserido.

Ao longo do trabalho de campo, as observações constantemente remetiam aos pressupostos da SLP. De maneira preliminar, bastou entender que alguns dos participantes, que já estavam inseridos naquele universo, relacionavam-se com a escalada através de um engajamento que não é efêmero, e sim, por uma gama de fatores, substancial. Por outro lado, havia os iniciantes, cujas ações demonstravam um estranhamento calcado na curiosidade, leigos na fluência do conhecimento próprio à escalada que os mais experientes demonstram. O campo oportunizou, portanto, o estabelecimento de um diálogo com a SLP.

3.1 - *Serious Leisure Perspective*

Sociólogo canadense, Stebbins pesquisou as rotinas de músicos eruditos amadores em meados dos anos 1970, e logo iniciou um longo projeto acompanhando amadores de diversas áreas, nas artes, ciências, esporte e entretenimento (STEBBINS, 1992). À época, a participação amadora em ocupações diversas carecia de definições sociológicas, e o papel social desta categoria era simplesmente ignorado pela sociologia (STEBBINS, 2007). As primeiras considerações daquelas pesquisas foram publicadas em 1979 na obra *Amateurs: On the Margin Between Work and Leisure*. Posteriormente, pela primeira vez o termo *serious leisure* era apresentado (STEBBINS, 1982). A respeito desta publicação, Stebbins relata:

Houve uma recepção variada à idéia de *serious leisure* quando foi introduzida, por volta de 1980. A proposição inicial do *serious leisure* publicada em 1982 no *Pacific Sociological Review* foi rejeitada em uma edição especial sobre lazer da *Social Forces*, publicada na mesma época. Mas de maneira geral, os estudos do lazer receberam com entusiasmo e em uma dimensão internacional a idéia do *serious/casual leisure* (Stebbins, 2010, tradução minha)³⁰.

³⁰ There was a mixed reception to the idea of serious leisure when introduced around 1980. The 1982 initial statement on serious leisure published in the *Pacific Sociological Review*, was rejected for inclusion in a special issue

Esta publicação trazia o conceito de *serious leisure* a partir das categorias amadorismo (*amateurism*), hobbyismo (*hobbyist pursuits*) e voluntariado (*career volunteering*). Segundo o autor, o *serious leisure* localizava-se em uma posição intermediária entre o trabalho e o *casual leisure*. Essa compreensão destacava a perspectiva de Stebbins em relação às demais abordagens teóricas que generalizam o lazer e o posicionam em um ponto oposto ao trabalho³¹. O autor lança mão da teoria baseada em dados (*grounded theory*), que são generalizações baseadas em um definido *corpus* de dados (WHYTE, 1984). Stebbins defende seus estudos ao afirmar que há muito a descobrir sobre o que parece ser uma das mais complicadas e negligenciadas facetas do lazer moderno (STEBBINS, 1992).

Partindo de suas observações, Stebbins também cunhou uma definição generalista para lazer, a qual pode ser traduzida como uma atividade não coagida empreendida durante o tempo livre. Já a SLP é definida como o quadro teórico que sintetiza três principais formas de lazer, mostrando, cada uma, suas distintivas características, similaridades e interrelações (STEBBINS, 2007; 2009). Essas três principais formas são o *serious leisure*, *casual leisure* e *project-based leisure*.

3.1.1 - *Serious leisure*

O *serious leisure* pode ser definido como a prática sistemática de uma atividade amadora, de *hobby* ou voluntária, que é suficientemente substancial e interessante para o participante a ponto de esse desenvolver uma carreira em que ele poderá adquirir e expressar suas habilidades e conhecimentos especiais (STEBBINS, 1992; 2007). O termo *serious* era recorrente entre os pesquisados de Stebbins e indica zelo, importância, valor, influência, esmero; e se traduzido para *sério*, ganharia a conotação de indolência, falta de alegria, pesar e ansiedade. Todavia, de uma maneira ou outra essas últimas características também possam estar presentes em uma atividade de *serious leisure*, como o próprio Stebbins (2007) indica.

Destaco a categoria *serious leisure* por esta relacionar-se com algumas formas de participação manifestadas pelo praticante em relação ao grupo de escalada. Aqueles que demonstram um pronunciado envolvimento com o universo da escalada aproximam-se das

of *Social Forces* on leisure published about the same time. Generally, though, leisure studies warmed up rather quickly to the idea -- serious/casual leisure -- with enthusiasm and on an international scale.

³¹ Mais tarde, em 2004, Stebbins retornaria a esta questão com a publicação da obra *Between work and leisure: the common ground of two separate worlds*.

características do *serious leisure*, embora também seja possível encontrar atitudes que remetem ao *casual leisure* ou até mesmo ao *project-based leisure*. As características que determinam o *serious leisure* foram compiladas por Stebbins a partir de suas pesquisas empíricas e, evidentemente, seus detalhes variam conforme a atividade, o grupo, o local e o tempo na qual esta acontece. O *serious leisure* divide-se entre três formas de participação: amadores, hobbyistas e voluntários.

Os **Amadores** podem ser encontrados em atividades ligadas às artes, ciências, esportes e entretenimento. Stebbins (1992) define como amadora aquela atividade em que há uma homóloga profissional. Isso inclui também o público que consome a produção daquele amador ou do profissional, criando um sistema conhecido como “profissional – amador – público” (STEBBINS, 2007). Refletindo sobre o cenário brasileiro, amadores também existem em vários âmbitos, mas talvez não em tantos quanto Stebbins notou em suas pesquisas no Canadá. Aqui, podemos buscar como exemplo alguns músicos de bar, produtores de conteúdo *online* (blogueiros e *videomakers*) e atores de teatro, sujeitos cujo trabalho remunerado, aquele que garante sua sobrevivência, não tem (ou pouco tem) relação com suas práticas de *serious leisure*.

A diferença entre os amadores e **hobbyistas** é que esses não contam com o sistema profissional – amador – público, ou mesmo não possuem o homólogo profissional. E se possuem um público, ou seja, alguém que consuma sua produção, este será pequeno – como alguém que tenha como *hobby* o aquarismo, e, eventualmente, venda alguns peixes ou construa aquários sobre encomenda. Como é comum, Stebbins (2007) procura criar categorias que consigam definir e incluir todos os tipos de atividade, o que cria um sistema confuso e compartimentado. E assim, para os hobbyistas, o autor formulou cinco classificações: colecionadores (*collectors*); construtores (*makers and tinkers*); participantes de atividades não competitivas e baseada em regras (*activity participants*); jogadores em esportes e jogos competitivos, baseados em regras (*players of sports and games*); e os entusiastas das artes (*enthusiasts of the liberal arts hobbies*). É entre os hobbyistas que majoritariamente situamos a escalada, caso queiramos alocá-la nas classificações de Stebbins. Aqui também poderíamos enquadrar os aeromodelistas e os ciclistas mencionados na introdução. Assim como nas demais formas de *serious leisure*, ser adepto a um *hobby* requer um investimento de recursos, como tempo e dinheiro (VARGAS, 2010).

Já os **voluntários** são indivíduos que oferecem, sistematicamente, algum tipo de ajuda (ou vários tipos de ajudas) não coagida, de maneira formal ou informal, recebendo ou não alguma contrapartida (STEBBINS, 2007). É possível que exista uma dificuldade em compreendermos o que realmente seria o voluntariado como lazer, seja se pensarmos nas concepções mais tradicionais de lazer, por um lado, ou se pensarmos no voluntariado como uma necessidade social decorrente de deficiências da gestão pública, por outro. Geralmente, também associamos o termo à oferta de ajuda a uma grave necessidade, evidenciando um tom que dificilmente poderia relacionar-se com o lazer. Mas como veremos ao longo do texto, o voluntariado também é parte integrante da experiência de lazer oportunizada pelo GEEU.

3.1.2 - *Casual leisure e project-based leisure*

As outras duas formas que constituem a SLP, que aqui descreverei brevemente, são o lazer casual ou ocasional (*casual leisure*) e o lazer planejado (*project-based leisure*). A presença destas duas formas na SLP partem do desejo de Stebbins de envolver todas as manifestações possíveis de lazer em seu modelo teórico.

O *casual leisure* corresponde às atividades imediatamente gratificantes e de curta duração, que requerem pouco ou nenhum treinamento para o seu desfrute. Aqui situamos a maioria das manifestações de lazer e seus exemplos clássicos, como ler um livro, assistir à televisão, passear de bicicleta no parque ou navegar em *sites* de relacionamento. Stebbins (2007, pp. 12-13, tradução nossa) demonstra algum repúdio a este tipo de lazer: “[...] lazer casual, embora dificilmente humilhante ou desprezível, não deixa de ser muito fugaz, mundano e comum [...]”³². Segundo a própria SLP, essa forma de lazer não irá trazer tantos benefícios para o participante quanto o *serious leisure*. Em campo, em vários momentos os participantes buscavam uma diversão menos complexa em atividades mais casuais, como o churrasco depois de um dia de escalada, com um filme de escalada na televisão enquanto todos participam da brincadeira do “*boulder* da cadeira”³³, ou mesmo a extinta “pelada do GEEU”³⁴. Essas diversões ocasionais também integram o universo da escalada e fazem parte, de certa maneira, daquele *serious leisure*.

³² “[...] *casual leisure*, although hardly humiliating or despicable, is nonetheless too fleeting, mundane, and commonplace [...]”

³³ Como o próprio nome diz, o objetivo é ficar de pé sobre a cadeira sem utilizar o solo como ponto de apoio.

³⁴ Jogos de vôlei nas quadras da FEF, os quais não tive a oportunidade de presenciar.

Já o *project-based leisure*, segundo Stebbins (2007), são ações que necessitam planejamento e alguma preparação e conhecimento. Pode-se dizer que diferenciam-se do *serious leisure* por também serem atividades ocasionais, cujos significados se encerram no momento em que é encerrada a prática e são incorporados apenas como lembranças, não como uma identidade. Mas, também, diferentemente do *casual leisure*, essa vivência exigirá uma série de preparações e investimentos que o afastam daquela categoria. Como exemplo, um grupo de amigos não canoístas que contrata um guia em uma empresa de consultoria de aventura para vivenciar o canoísmo em uma viagem a uma cidade com corredeiras. O canoísmo pode ser compreendido como uma prática de *serious leisure* para os seus aficionados, mas representará apenas um dia de diversões diferenciadas, casuais, para este grupo de amigos. Para enfrentar as corredeiras, esses sujeitos deverão passar por um rápido treinamento e adquirir, superficialmente, alguns conhecimentos e habilidades específicos. Ao fim do dia, restarão boas lembranças da vivência. Mas nenhum deles poderá dizer que se tornou, de fato, um canoísta. Stebbins (2009) também cita como exemplo, ainda, a organização de uma festa surpresa ou o voluntariado em um evento esportivo. Da mesma maneira, membros do GEEU lançaram ações planejadas que pouco ou nada tinham a ver com a escalada, como jornadas de *trekking* e viagens de bicicleta. E como será mostrado em momento oportuno, o próprio GEEU é um espaço para atividades de lazer planejadas ou casuais para alguns visitantes e curiosos.

3.2 - O GEEU e o lazer

O Grupo de Escalada Esportiva e Montanhismo da Unicamp – GEEU – é um grupo de praticantes de escalada que interagem de maneira próxima, reunidos pelo interesse e pelo espaço em comum. Todo novato que chega ao GEEU é recebido pelo monitor com uma breve fala introdutória sobre características mais importantes do grupo e atribuições dos membros. Transcrevo, de maneira adaptada, tal discurso:

O GEEU é um grupo de praticantes de escalada, que tem uma organização independente da Faculdade de Educação Física e da Unicamp e não tem caráter de curso de escalada. Somos nós mesmos que organizamos e promovemos a atividade. Não há instrutores, apenas monitores, que são membros do grupo que se voluntariam para a função. Nós temos algum material básico para os novatos, como cadeirinhas e sapatilhas. As cordas, freios e mosquetões usados são todos nossos. Você poderá vir três dias para experimentar, e em seguida pedimos a contribuição com uma semestralidade de R\$50,00, e você se tornará membro do GEEU. Esse dinheiro que é usado na manutenção do muro e compra

de equipamentos e materiais. Tudo aqui é nós que fazemos, de maneira voluntária. Somos nós que furamos a parede, instalamos as agarras, construímos o boulder. Todos os membros podem ajudar nas tarefas. Antes de escalar, você deverá ler e assinar um termo de responsabilidade.

Durante o período em que foram realizadas as observações para esta pesquisa, o GEEU recebia algo ao redor de 300 novos visitantes por semestre, contando com 70 a 100 membros efetivos. Entre 12 e 20 membros voluntariaram-se como monitores durante estes semestres. Como transparece no discurso, o GEEU é um grupo autônomo, autogestionado, de praticantes de escalada. Ou como se pode ler no *site* do Grupo:

O GEEU (Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp) é um grupo formado, na sua maioria, por alunos e ex-alunos da UNICAMP e tem como objetivo a divulgação e a prática do esporte dentro e fora da universidade como um meio de entretenimento e integração entre pessoas interessadas, não só em escalada esportiva, mas também em outras modalidades de escalada.

Segundo informações apuradas por Marinho (2001), O GEEU surgiu a partir do Gaia, um extinto pequeno grupo de amigos, todos alunos da Unicamp e praticantes de atividades *outdoor*. Visando treinamento para a escalada em ambiente natural, o grupo montou a parede de escalada na parte externa do prédio da biblioteca da FEF. Esse grupo se desfez à medida que seus integrantes encerravam os estudos e/ou mudavam de cidade. Porém, o muro de escalada foi mantido devido à criação do GEEU, três anos mais tarde. Essas informações condizem, apesar de algumas divergências, com o relato apresentado em um texto no *site* do grupo, cuja autoria é de Flávio Bannwart (2008), um antigo integrante do GEEU. Segundo Bannwart, o GEEU é oriundo do Gaia, um grupo excursionista de praticantes de espeleologia que era formado por estudantes da Unicamp. Visando treinar as técnicas verticais, a transformação da parede externa do prédio da biblioteca da FEF em um muro de escalada começou a ocorrer em 1991, quando foi instalada a ancoragem do primeiro *top-rope*. Desde então, o número de participantes gradualmente aumentou, sua organização foi sendo estabelecida e o espaço transformado.

Marinho (2001, pp. 14-15) prossegue, remontando que

[...] os membros do GEEU se mobilizaram, alcançando a construção da primeira versão do negativo³⁵, fizeram reuniões e assembléias, aprovaram estatutos e organizaram o

³⁵ A estrutura atual do negativo não foi a primeira a ser instalada na parede do GEEU. Segundo apurado em entrevista com o membro B., a primeira estrutura era muito básica e precária e a segunda tinha um projeto deficiente e não era adequadamente segura. Em 1999, este membro, então, projetou e construiu o negativo que se encontra instalado atualmente.

caixa e todo o patrimônio adquirido (agarras, ferragens, kichutes³⁶, etc.) por meio de doação do antigo GAIA, o qual solicitava o direito de utilização do muro, isentando-se do pagamento das mensalidades [...].

Bannwart (2008) esclarece que havia um acordo entre o GEEU e tais membros do GAIA para que estes não pagassem a semestralidade por um período de três anos, devido à doação do patrimônio do extinto grupo. Mais tarde, foram instaladas outras duas ancoragens, incluindo a do negativo, totalizando quatro cordas. A FEF contribuiu com a construção da mureta, que mais tarde viria a ser ampliada na forma de uma pequena arquibancada, bem como do armário de alvenaria, onde é guardado o equipamento em geral. Além disso, o GEEU possui dois armários no ginásio da FEF. Em um deles é mantido um acervo de filmes relacionados à escalada que compõem a videoteca do GEEU, enquanto no outro são armazenados materiais diversos, como ferramentas, documentos, cadeirinhas excedentes, etc. Em junho de 2006, a parede foi batizada como “Muro de Escalada Vitor Negrete” em homenagem prestada ao então recém falecido escalador e antigo membro do GEEU³⁷. Mais recentemente alguns integrantes do grupo formaram uma comissão para a construção do *boulder* – uma estrutura anexa que contempla essa outra modalidade de escalada.

³⁶ Segundo Marinho (2001, p. 15), “a maioria das marcas de sapatilhas é internacional e os preços, normalmente são elevados; inviabilizando a aquisição e, diante disso, fazem dos kichutes uma boa alternativa”. Esses calçados, semelhantes a chuteiras, eram adaptados lixando as travas no solado.

³⁷ O escalador de alta montanha Vitor Negrete faleceu no dia 19 de maio de 2006, após alcançar o cume do Monte Everest sem auxílio de oxigênio suplementar. Sua expedição também contava com Rodrigo Rainieri, outro escalador da região de Campinas.



Figura 3: O pesquisador no *boulder* do GEEU. Foto: arquivo pessoal

A área do muro em si corresponde à face externa do prédio em que se localiza a biblioteca da FEF, cujas dimensões são de cerca de oito metros de altura e dez de largura. Diante da parede, há um piso cimentado, correspondente a uma área de 95,5m², e uma bancada com mureta, usada como arquibancada. Ao lado do muro, imediatamente atrás do prédio, está instalado o *boulder*, sobre uma base de concreto. O negativo fica na porção esquerda da parede, fazendo com que todos que cheguem ao muro do GEEU pela “escadinha” passem por debaixo da estrutura, como se atravessassem um portal de entrada para aquele universo da escalada. Os novatos, tímidos e intimidados, geralmente aproximam-se por trás da mureta.

Entre os integrantes, o termo GEEU faz referência tanto ao grupo em si quanto ao espaço apropriado por este. O espaço físico do GEEU é a “casa” do grupo, o *locus* no qual este universo se consolida. Mas o muro não “está lá desde sempre”, como brincou um iniciante, referindo-se ao trabalho voluntário na construção e manutenção do muro. Este espaço passou por um processo de apropriação e transformação, a partir de intervenções quase sempre promovidas e executadas pelos próprios integrantes do grupo. Ao longo do meu período de observação, tive a oportunidade de presenciar e participar de quatro ações de interferência significativa no espaço físico do GEEU. A primeira delas, ocorrida logo no início da minha estadia em campo, em maio de 2011, foi a “operação cataclismo”, uma pequena reforma na qual foram retiradas e reorganizadas todas

as agarras da parede, possibilitando a renovação das vias. Ainda como um novato e praticamente desconhecido pelos outros participantes, compareci à reforma para observar e auxiliar com o que fosse possível. A segunda ação, talvez a maior de todas, foi a construção do *boulder*, parcialmente concluído e disponibilizado para uso em outubro de 2011. Uma parte considerável do orçamento³⁸ do GEEU estava reservada para esse fim. O projeto técnico da estrutura metálica foi formulado por alguns participantes oriundos dos cursos de engenharia. Depois de meses de planejamento, havia uma grande expectativa quando a estrutura finalmente começou a ser soldada, em uma oficina. Essa expectativa motivou a participação ativa de muitos integrantes do GEEU na execução da obra. Excetuando a soldagem, feita por um técnico, e fundação de aço e concreto no solo, executada pela FEF, todo o trabalho foi realizado pelos próprios integrantes do grupo: planejamento, compra do material, pintura dos tubos de aço após a soldagem, transporte da estrutura da oficina até a FEF, instalação do *boulder* sobre a fundação, furação e colocação das placas de madeira, etc. Outra ação foi a troca da quarta placa de madeira do negativo, em junho de 2012. Embora não tenha sido tão ampla, esta obra foi particularmente significativa para mim como pesquisador. Ao responsabilizar-me pela iniciativa dessa ação, estive em uma posição privilegiada para observar a participação voluntária nas ações do GEEU. Concomitantemente, ocorreu a última maior intervenção, que foi uma grande reforma prévia à realização do II Campeonato Caipira³⁹ (ocorrido no dia 20 de maio de 2012), que envolveu a retirada de todas as agarras, inclusive as do negativo, remoção de parafusos e chumbadores danificados, aplicação de cimento nos furos inutilizados, abertura de novos furos para instalação de agarras, lavagem das agarras e pintura da parede. A pintura não estava prevista a princípio, mas a decisão veio após o grupo receber alguns galões de tinta cedidos pela FEF. Após o Campeonato Caipira, a parede ficou sem agarras por algumas semanas, enquanto os membros do GEEU se alternavam na pintura da parede, utilizando um andaime emprestado por um dos escaladores do grupo. O

³⁸ O orçamento é sustentado pelas semestralidades e permanece depositado na conta bancária do tesoureiro. Durante a pesquisa, o montante chegou a zero, durante o término do *boulder*, até cerca de R\$5.000,00, no início do segundo semestre de 2012.

³⁹ A origem do nome da competição deve-se à associação de dois grupos do interior do estado na promoção do evento: GEEU e o Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo – C.U.M.E. (Campinas e São Carlos, respectivamente)

trabalho se estendeu muito além do previsto, pois era esperada maior adesão dos membros no trabalho voluntário.

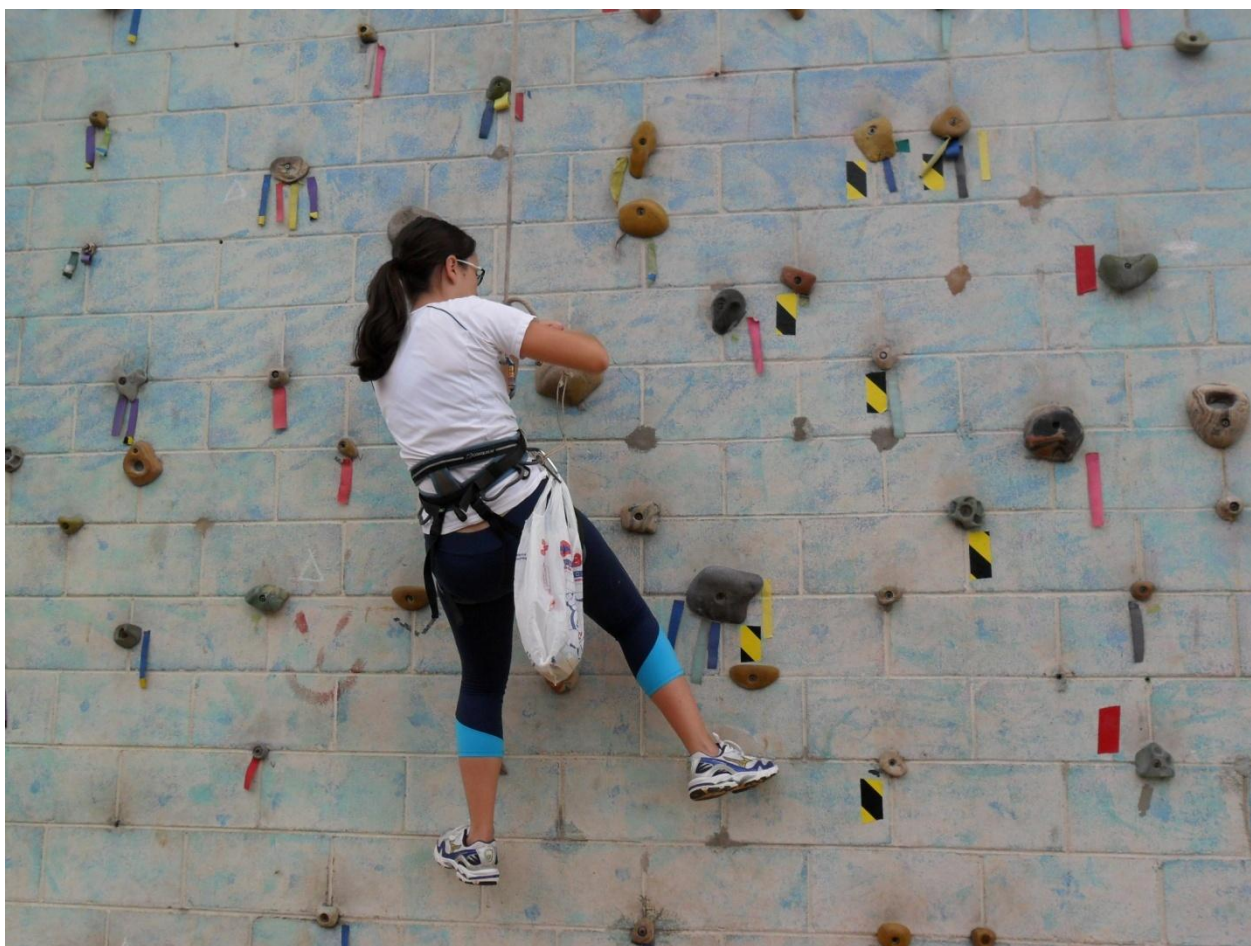


Figura 4: Escaladora do GEEU instalando agarras na parede. Foto: Hugo de Souza

Marinho (2001, p. 17), observara que

[...] os escaladores, atuais membros do GEEU, são todos estudantes, tanto de graduação, quanto de pós-graduação; matriculados nos mais variados cursos [...]. Esses estudantes começaram a praticar a escalada quando ingressaram na universidade (uns logo que entraram, outros um pouco mais tarde) principalmente de duas formas: a partir do primeiro contato com o muro, ou a partir da vivência de outras atividades em contato com a natureza, surgindo o interesse pela escalada. Ambas as formas foram propiciadas pela intervenção e motivação de amigos ou, em alguns casos, familiares já adeptos dessa prática e/ou, ainda, por mera curiosidade e força do momento

Atualmente, nem todos os membros do GEEU possuem vínculo direto com a Unicamp, embora a maior parte continue sendo composta pelos estudantes de variados níveis e áreas, bem como alguns funcionários e servidores dessa instituição. São, em grande parte, moradores de Campinas e região. Isso reflete na identidade do grupo. Para F.,

Acho que o GEEU é [composto por] funcionário e aluno da Unicamp. Basicamente é isso, [...] os componentes são esses. Apesar de ser aberto, de ter alguns elementos de fora desses dois grupos... mas basicamente é isso. [...] o GEEU faz muito sentido na rotina das pessoas que frequentam a Unicamp, sabe, é mais fácil. Porque já um horário meio... ah, não é muito fácil pra todo mundo. [...] Acho que é mais o pessoal que na prática acaba ficando, mais o pessoal daqui mesmo, que estuda aqui, ou que trabalha aqui.

Quando questionados em entrevistas “quem é o GEEU”, os outros membros voltaram-se mais à relação do sujeito com a escalada do que sua origem, o que revelou opiniões que se aproximam em dois pontos fundamentais – a prática da escalada e o convívio em grupo:

O GEEU é um ambiente que foi, sei lá, que foi criado por pessoas que tinham interesse em fazer algum tipo de treino pra escalar na rocha, [...] no início a ideia era essa, foi criado com essa ideia. Hoje em dia foi isso que eu falei, é um ambiente que as pessoas podem treinar pra escalar na rocha, podem obter uma atividade de recreação ou um espaço pra praticar uma atividade física. As pessoas são todas as pessoas, sei lá, tem bastante aluno da Unicamp, mas tem gente de fora, gente que não tem nada a ver com a Unicamp. Eu acho que esse universo tem crescido cada vez mais. (B.)

Eu acho que o grupo é um bando de gente que gosta do esporte e que gosta da parte social da coisa, da amizade, do círculo que você constrói. (J.)

Não acho que é uma coisa bem definida, tem vários GEEUs. O GEEU que é a galera que pratica boulder, tem o GEEU da galera que aparece uma vez por mês e dá uma escaladinha, tem o GEEU das pessoas que vêm visitar e querem escalar em algum lugar, e tem o GEEU que é um grupo que atua e pratica com frequência, que participa, troca idéia. (C.)

Pra mim, o GEEU, falando assim bem resumidamente é um local de escalada e um, como é que se diz, um local de socializar também. E quem é o GEEU é o pessoal que vai lá todo dia, [...] o pessoal que eu convivo, que tem as mesmas ideias, quer escalar, quer evoluir na escalada, vai lá pra treinar, acho que é isso. (R.)

O GEEU também é amplamente frequentado por estudantes intercambistas, estrangeiros. Muitos deles já frequentavam a atividade em seus países ou universidades de origem, enquanto outros apenas experimentam a escalada por mero entusiasmo, talvez procurando vivenciar o maior número de atividades possíveis no *campus* durante sua estadia. Este também é o caso de muitos “bixos” (estudantes ingressantes), que comparecem em grandes quantidades ao GEEU no início de cada ano. A maioria acaba por não retornar, ou se retornam, o fazem apenas mais uma ou duas vezes.



Figura 5: Iniciante em sua primeira subida no muro do GEEU. Foto: Dirceu Silva

Os novatos chegam ao GEEU através de diversos caminhos, como indicado na passagem anterior de Marinho (2001). Em minhas observações, o evento mais comum é um iniciante, ao se apresentar, dizer que “sempre passo aqui e vejo vocês, e resolvi experimentar” ou “tem um amigo meu que escala aqui, o *fulano*, ele falou para eu vir tentar”. Algumas vezes o novato já possui alguma experiência na escalada, ou até mesmo é de fato um escalador experiente e vai ao GEEU por ser recém-chegado na região, estando à procura de locais e parceiros para a prática da escalada. Há até uma escaladora que, ao mudar-se para Campinas por motivos de trabalho, optou por morar em Barão Geraldo “só para ficar perto do GEEU”.

Como ilustrado no início desta seção, o iniciante será recebido com algumas informações sobre o GEEU e orientações sobre a afiliação ao grupo. Ele deverá assinar um termo de responsabilidade, contendo as regras mais importantes da participação. Após as três primeiras

idas ao GEEU, é pedido que o novato contribua com a semestralidade de R\$50,00. Para aqueles que já fazem parte do grupo, incentiva-se que o pagamento seja realizado assim que o semestre tenha início. Muitos atrasos acontecem, e geralmente são relevados pelo grupo. Com a construção do *boulder*, muitos escaladores desta modalidade passaram a frequentar o GEEU, alguns esporadicamente. Com isso, gerou-se um incômodo para o grupo: alguns destes simplesmente ignoram as premissas básicas de participação do grupo e de pagamento da semestralidade, não contribuindo para o GEEU, seja através de ações ou financeiramente. Todos aqueles que possuem uma assinatura no caderno de termos de responsabilidade⁴⁰ e que pagaram a semestralidade são efetivamente membros do GEEU. O termo “membro” refere-se a algo de caráter formal, pois este poderá participar, emitir opiniões e votar nas reuniões e assembléias do grupo.

O grupo também usufrui de alguns mecanismos formais e legais. Em abril de 2012, foi registrado em cartório o estatuto do GEEU. Este prevê, dentre várias outras disposições, a existência de um corpo administrativo formado por três coordenadores gerais, um secretário geral, um tesoureiro, além dos diretores do departamento de imprensa e relações públicas e do departamento de atividades socioculturais. Embora o estatuto fora apenas recentemente aprovado para registro em cartório, suas versões anteriores já normatizavam a organização do grupo e os cargos apresentados acima já existiam e eram ocupados por alguns membros, através de uma adesão voluntária decidida por voto. Toda a soma financeira do GEEU fica depositada em conta bancária pessoal do tesoureiro em vigência, o que faz deste, talvez, o cargo mais ativo e relevante na administração. A maneira com que o GEEU é autogestionado, suas políticas, ações, protocolos e organização são fruto de inúmeras discussões ocorridas entre os membros ao longo de sua existência.

A rotina atual do GEEU é um pouco diferente se comparada àquela dos fins dos anos de 1990:

Os horários de funcionamento do muro variam. Na maioria das vezes, ele funciona durante os dias úteis da semana, no horário do almoço (das 12h às 14h) e, também, alguns membros frequentam durante a noite, depois das 18h (normalmente nos dias quentes em que o sol da hora do almoço pode incomodar um pouco). Esses horários são

⁴⁰ Cada caderno contém 500 folhas, uma para cada termo de responsabilidade. Tive em mãos um caderno que iniciou em 12 de fevereiro de 2012 e chegou à última página em 27 de junho do mesmo ano. Isso demonstra o volume de novatos que o GEEU recebe. Estimo que apenas 5% destes, aproximadamente, tornam-se membros.

sempre fora dos horários de aula e das obrigações acadêmicas, ao longo do período letivo (MARINHO, 2001, p. 16).

Atualmente, o comum é que o muro abra à noite, horário mais frequentado. As monitorias iniciam às 18h e vão até 20h30min. Em alguns dias, há ainda um horário extra, que se estende até as 22h (mas quase sempre se encerra mais tarde, ao redor das 22h30min ou 23h). As monitorias diurnas (que começavam às 12h, e mais tarde passaram a iniciar às 16h) tornaram-se a exceção, e em alguns períodos sequer existiu.

A abertura do muro cabe aos monitores, sendo sempre dois por horário. Antes do início de cada semestre, os membros do GEEU interessados em exercer tal função indicam os horários que desejam assumir, e a cada um deles é concedida uma cópia da chave do armário⁴¹. Para tornar-se um monitor, basta apenas ser membro do GEEU, saber fazer corretamente a segurança e conhecer os nós utilizados no muro. Ao monitor cabe a função de “abrir o muro”: destrancar o armário e pegar as cordas, freios, mosquetões, a caixa de cadeirinhas, a caixa de sapatilhas, o caderno de termos de responsabilidade, o caderno de controle de semestralidades, e a caixa com material para identificação das vias⁴². Deverá, então, passar as cordas estáticas pelas ancoragens, utilizando para isso os cordins (cordas mais finas) que já ficam em posição de *top-rope*, fazer um nó oito em uma ponta da corda e colocar um mosquetão (a “ponta de quem escala”), e, na outra ponta, instalar o freio através de mais um mosquetão (a “ponta do seg⁴³”). Depois, é também responsabilidade do monitor receber quaisquer novatos que estejam interessados em escalar. Ele deverá ajudar o novato na colocação das cadeirinhas, sempre verificando se todas as fitas estão corretamente afiveladas, e ficar atento àqueles que precisam de seg para escalar. Por fim, ele deverá manter o armário sempre trancado (para evitar furtos e para que ninguém desorganize os materiais quando em procura de algo) e, no fim da monitoria, desmontar todo o equipamento e guardar no armário. Durante as reuniões de monitores do grupo, sempre é frisado que essas responsabilidades cabem ao monitor, mas que todos os membros também podem – e devem – ajudar com essas tarefas, para que o monitor não fique sobrecarregado e possa também escalar durante seu horário.

⁴¹ Fui monitor em três semestres, sendo que no primeiro deles assumi um horário diurno.

⁴² Fitas, tesoura e cola. Ficam à disposição caso alguém queira marcar ou fazer a manutenção de alguma via.

⁴³ “Seg” é a corruptela de *segurança*.

Entre aqueles que já fazem parte do grupo, a interação é próxima. Há um predominante clima descontraído, com muitas piadas e brincadeiras, que alterna com as discussões sobre segurança, sobre a melhor forma de apertar um parafuso, em quê investir os recursos do GEEU, e inúmeros outros assuntos. Transitar entre as cordas para entrar em diferentes vias significa também transitar em pequenos grupos, focos de conversas. Ali, falam sobre a montagem de uma via; aqui, um grupo de intercambistas estrangeiros aglomera-se em uma indecifrável troca de betas; e lá, um assunto completamente alheio à escalada é debatido com gestos e risadas. Um pouco mais além, no *boulder*, alguém mostra o inchaço de um dedo lesionado. Claro, tudo ocorre ao mesmo tempo: uns estão descansando, outros fazendo segurança para os que escalam. Ainda há os que só passaram para “dar um oi”.

Mas entre aqueles que não se efetivaram como integrantes do grupo, evidentemente, o entrosamento não é tão imediato. Novatos, ao chegarem (especialmente se forem iniciantes), costumam permanecer por alguns minutos a certa distância, apenas observando do quê exatamente se trata aquele conjunto de pessoas e cordas. Marinho (2001, p. 58) já notara

[...] uma ambiguidade interessante: ao mesmo tempo que os olhares e gestos dos observadores [iniciantes] demonstram um certo medo e nervosismo (olhar fixo, gesticulações das mãos e lenta aproximação até o grupo), antes de tomar qualquer decisão (escalar ou não) desejam, com a mesma intensidade, conhecer a prática, por meio dos mesmos olhares e gestos, traduzidos também como curiosidade e interesse.

Ao notar essa expressão em um rosto desconhecido voltado para o muro, o monitor já sabe que deve cumprir seu papel e fazer a recepção.

O GEEU promove, com alguma regularidade, reuniões e eventos. Entre 2011 e 2012, estive em uma assembleia do grupo, na qual foram discutidos diversos temas sobre os procedimentos de segurança do muro e prioridades para investimento dos recursos financeiros. Estive também em uma reunião de monitores a cada semestre, em que eram repassados e rediscutidos os procedimentos e responsabilidades do monitor. O GEEU também participa de eventos externos e promove seus próprios eventos, com motivações variadas. Desde 2006, a escalada faz parte das atividades da Unicamp de Portas Abertas – UPA. Estive presente como voluntário no UPA de 2011, quando 700 jovens escalaram ao longo do dia, em uma estimativa aproximada. Como retorno, a FEF forneceu alguns freios e mosquetões novos ao GEEU.



Figura 6: Participante do UPA vivencia a escalada no GEEU. Foto: Hugo de Souza

O grupo também teve participação na recepção dos “bixos” do curso de graduação em Educação Física, em 29/02/12, que contou com o apoio de uma marca de bebidas energéticas. Outra ação que aproximou significativamente GEEU à FEF foi a introdução da disciplina eletiva “Escalada e técnicas verticais” no currículo do curso de graduação desse instituto. O GEEU também recebeu, em um horário diurno, semanal e exclusivo, jovens do Centro de Orientação ao

Adolescente de Campinas, em que sempre havia dois ou três membros do grupo atuando como monitores voluntários.

3.2.1 - Crescimento e transformação do GEEU

Como já foi dito, ao longo de sua história o GEEU cresceu em todos os seus números: a quantidade de semestralistas e de visitantes aumentou e continua aumentando; os semestres em que a pesquisa se desenvolveu foram os que tiveram mais monitores e horários de monitoria; a área ocupada pelo GEEU também cresceu, com a construção do *boulder*. Mas, junto ao crescimento mensurável, o GEEU também passou por um processo de transformação fruto da chegada de um crescente número de pessoas novas que estão descobrindo a escalada através do grupo:

[...] antigamente era um negócio assim, você está fazendo uma aventura e você vai, era uma visão mais de um esporte de aventura. E no GEEU, com a visibilidade que ele tem aqui na universidade, acho que ele se aproxima dos leigos e eu acho que hoje em dia, com a própria divulgação do esporte e desenvolvimento do esporte no Brasil, as pessoas têm a escalada como uma atividade física comum, como ir na academia, como ir nadar, como ir correr, mas não está ligado ao montanhismo, a escalada de verdade. É escalada como prática de atividade física. (B.)

Através das falas dos entrevistados, é possível identificar duas fases, basicamente, em que o grupo reflete as ambições de seus integrantes. Na primeira fase, o GEEU era mais influenciado por membros mais antigos, com vasta experiência de rocha, especialmente na escalada clássica ou tradicional, alta montanha e expedições. Eram membros que, possivelmente, preocupavam-se com uma legítima experiência de escalada. Já na segunda fase, a chegada de novas pessoas direcionou o grupo no rumo das tendências mais recentes da escalada: uma prática mais esportivizada, com maior busca de rendimento, talvez não tão preocupada com a essência da escalada, mas sim, por exemplo, com as valências físicas envolvidas e seus benefícios para a saúde.

[o grupo] estava estagnado no montanhismo e o muro de escalada era só uma coisa de, sei lá, manutenção da forma física, da técnica... e virou, acabou com essa faceta do montanhismo e virou um lugar de treino e escalada esportiva mesmo. Acho que antes era mais... todo o papo dos caras era “ah, quero subir o Everest”, “meu sonho é fazer isso, fazer aquilo na alta montanha”, e agora, no imaginário geral, é acho que “quero mandar nono grau, fazer via esportiva”, tal, mudou um pouco, fazer um boulder, mandar um V10... antigamente não tinha nem boulder, ninguém queria mandar nada porque ninguém nem

sabia o quê era. Acho que o GEEU sofreu uma transformação e eu diria que o boulder foi o que iniciou isso, ou o que acelerou a reação. (L.)

Na época em que eu entrei o pessoal era mais conservador, também não tinha tanta verba que nem tem hoje em dia, na época a semestralidade não era o mesmo valor de atualmente, então o pessoal não tinha tanto recurso pra desenvolver o espaço. E também era um pessoal que tinha outra pegada, não era um pessoal que pensava em evoluir, ficar forte, era um pessoal de escalada clássica, que escalava mais leve. Depois, a partir de 2009, isso aí foi mudando, entrou um pessoal novo, né. Começou a ter uns campeonatos, mudaram a semestralidade e aí foi entrando dinheiro. Aí, em 2010, o pessoal começou a ideia de montar o boulder e quem tocou o projeto foi quem queria ter o lugar pra escalar. Então foi um voluntariado de quem queria ter um local de escalada, e eu participei do movimento porque eu tinha interesse pessoal, de ter um ambiente mais diferenciado pra escalar. (R.)

Discutir profundamente essa transição exigiria uma análise mais detalhada sobre as transformações das práticas de aventura e sua esportivização. Mas é possível considerar que existe uma maior atenção voltada para a performance e mensuração dos rendimentos do que para o caráter clássico e romântico da prática da escalada como aventura na natureza. No GEEU, o marco para tal transformação foi a construção do boulder. Como consequência, mudou também a postura política do grupo, que pode ser vista tanto positiva quanto negativamente:

Acho que o GEEU tem várias facetas. Uma morreu recentemente, que é a faceta do montanhismo. Esse pessoal fazia parte forte no GEEU, [...] e esses caras faziam parte há muito tempo da diretoria, e saíram do grupo porque eles começaram a ficar insatisfeitos com a galera nova, que queria ampliar o espaço. Acho que a grande cisão aconteceu por causa do boulder, assim. A gente queria gastar dinheiro com o boulder e o pessoal queria que a gente desse dinheiro pra Femesp⁴⁴. A gente, dentro da nossa realidade, achou melhor construir um boulder do que dar dinheiro pra uma federação. A Federação ia teoricamente trabalhar em abertura de parques, manter o montanhismo vivo e forte, e... o boulder era um lugar de treino pro pessoal daqui fazer parte. O pessoal achou que dar dinheiro pra arrumar parque não tinha tanto a ver com o grupo do que construir um boulder. E aí aconteceu essa cisão. Pessoal velho que era do montanhismo começou a se sentir mordido, achou que o grupo não era mais aquilo que eles queriam e começaram a ir embora. (L.)

Eu acho que da época que eu comecei em 2008 pra hoje, o grupo ficou mais imaturo, eu acho. Antigamente o pessoal que era da diretoria era um pessoal mais velho, e eles tinham um maior controle sobre o grupo, talvez porque era um grupo menor também, não tinha tanta gente como hoje. Mas hoje em dia eu vejo que o grupo está bem disperso, assim, não está muito organizado. (R.)

⁴⁴ Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo

Essa transição, evidentemente, mostra algumas consequências que desagradam aqueles que mantêm a preferência por um estilo de escalada mais tradicional, mais expedicionário. Essas consequências contribuem para a manutenção de tais transformações.

[...] quando eu entrei tinha um pessoal mais velho participando, esse grupo foi ficando mais escasso e o grupo das pessoas que escalam de uma forma mais esportiva, mais competitiva, está crescendo. No montanhismo, por exemplo... hoje você não acha gente para encher um carro e procurar uma via clássica para fazer montanhismo. Agora, para via esportiva você acha todo dia, o boulder então, agora é só boulder. (C.)

Além da transformação explicitada anteriormente, existe uma preocupação entre alguns membros acerca do risco de o GEEU se descaracterizar devido ao seu crescimento. Naturalmente, essa preocupação divide opiniões entre alguns dos entrevistados:

[o grupo] teve bastantes progressos, vários progressos... e teve também, né, acho que alguns inconvenientes, assim. Não vou falar “retrocessos”, mas teve alguns inconvenientes. Um deles é que o grupo inflou demais. Não só cresceu, ele inflou. Já está acho que num momento de estar dando trabalho, assim. O número de pessoas aumentou absurdamente e a nossa estrutura física obviamente não é pra isso. E não é culpa da estrutura. Porque “ah é só aumentar a estrutura”, mas se a gente tivesse jeito de aumentar a estrutura... acabaria deixar de ser o que é... alguma coisa que a gente já conversou antes. Conversei isso com V. também, ele é da mesma idéia também... e de fato, sei lá, vamos supor que pegasse o GEEU, colocasse lá no ginásio, tivesse todo o ginásio cravado de agarra... não seria mais o GEEU. Isso demandaria 800 pessoas pra trabalhar lá, entendeu? (F.)

Enquanto, por outro lado:

Teve toda aquela discussão, o pessoal, sei lá, o V. falou que o GEEU não precisava necessariamente crescer[...]. O V. é da época de transição e ele defende esses caras que eram contra a mudança no GEEU, e eu fiquei meio mordido, porra, a gente teve um puta trabalho pra mudar essa cultura que o pessoal tinha medo de tudo, de mudar, de fazer qualquer coisa nova no GEEU, [tudo] era proibido, a FEF não ia deixar, o capeta ia perseguir todo mundo... e a gente não podia fazer. Depois de muito trabalho de convencimento a gente conseguiu sair dessa cultura. Mas o pessoal fala “ah, o GEEU não necessariamente deve mudar, pode ficar como está...”. (L.)

O aumento do número de visitantes e semestralistas também gera outra questão, a qual nos oportuniza discutir as divergências entre o *serious leisure* e o *casual leisure*. Para o aficionados que se envolvem pronunciadamente com o GEEU (e, portanto, pertencentes àquela primeira categoria), a presença constante de sujeitos que vão ao GEEU em busca de um lazer casual ou ocasional é algo negativo:

Eu entendo que o GEEU, como divulgador do esporte, assim como é uma das premissas [do grupo], que é de divulgar o esporte, ele fica nesse limite assim, sabe. A gente não vai ficar colocando placas por aí, outdoors do tipo “venham para o GEEU porque é de graça”, como a C. disse [em discussão na lista de e-mails]. Acho que o GEEU tem esse limite, ele é feito pelas pessoas e mantido pelas pessoas, então a gente não pode ficar oferecendo atividade de recreação. Eu acho que hoje em dia o GEEU está quase chegando nesse limite, se já não chegou ou ultrapassou esse limite, porque a gente está querendo, sem querer, ficar abraçando um negócio que a gente não dá conta e nem tem que dar conta, que é dar atividade de recreação pras pessoas que estão passando por aí. (B.)

Obviamente, o visitante é o embrião do membro e do integrante. Mas, sem estarem dispostos a adquirir as disposições do GEEU e sem a perspectiva de adentrar no universo da escalada através de uma legítima experiência de lazer, os visitantes são vistos, aparentemente, como uma perda de tempo ou desvalorização para os membros do grupo. Os sujeitos ocasionais são pessoas que não vão se interessar pela escalada, não vão contribuir para o grupo e, encararão o GEEU apenas como um espaço destituído dos sentidos e valores correntes entre os praticantes de escalada.

3.3 - Configurações do lazer e participação no/do GEEU

Uma vez apresentadas as principais características da formação, da constituição e do funcionamento do grupo de escalada, parto para uma análise de alguns elementos que caracterizam as particularidades da experiência de lazer oportunizada pelo ambiente do GEEU. Discutirei, adiante: o voluntariado e a participação no GEEU; o trânsito dos conhecimentos específicos da escalada; o possível caráter excludente da prática e do ambiente do grupo; o compromisso, obrigação e prioridades da prática da escalada; as expectativas e perspectivas dos escaladores em relação à prática; e, por fim, os usos do GEEU. Esses tópicos são aqueles que se mostraram mais relevantes ao longo da pesquisa e, com eles, poderemos traçar diálogos com a *Serious Leisure Perspective* que nos possibilitará construir uma compreensão das configurações do lazer no grupo estudado.

3.3.1 - Expectativas, perspectivas e benefícios em relação à escalada e ao GEEU

Stebbins (2007) elenca uma série de possíveis benefícios individuais oriundos das práticas de *serious leisure*. Ao longo do trabalho de campo, tive a oportunidade de observar e vivenciar em diversos momentos toda a gama de benefícios apontados pelo autor, que motivam e alimentam o interesse, a adesão e a manutenção ao universo de lazer. Para o autor, as motivações para o envolvimento em uma atividade de *serious leisure* residem nas retribuições (*reward*), que

superam os custos (investimentos de tempo, dinheiro e superação de outras possíveis barreiras) (STEBBINS, 2007; 2009). Discutirei, a seguir, alguns desses elementos em um diálogo com a experiência de campo e as entrevistas.

A princípio, temos a valorização pessoal (*personal enrichment*). A construção de significados pela escalada através de experiências queridas, como as lembranças de bons momentos vividos nos picos ou junto ao grupo dá sentido à própria existência como escalador. Isso está diretamente relacionado com a auto-realização (*self-actualization*), que corresponde ao desenvolvimento de habilidades e conhecimentos necessários e específicos à escalada que podem ser colocados em prática, e à auto-expressão (*self-expression*), que corresponde à oportunidade de expressar as habilidades, conhecimentos e experiências já desenvolvidas e acumuladas. Isso pode ser observado constantemente, quando o escalador cadena uma via, ou mesmo quando apenas consegue “mandar” alguns movimentos de uma via de maior graduação. O praticante percebe, gradualmente, que os seus esforços são convertidos para o próprio desenvolvimento na escalada, ou que ele é capaz de corresponder às próprias metas:

Eu quase sempre planejo os treinos [...]. Sempre antes de fazer os treinos, ou antes de ir pra rocha, eu falo assim, olha: “objetivo, bla bla bla”. Então um dia feliz é quando eu consigo pelo menos cumprir os objetivos, assim. (F.)

Essas progressões também estão intrinsecamente vinculadas à autoimagem (*self-image*), dada, aqui, pelo desenvolvimento de uma identidade associada à participação em uma atividade de *serious leisure*. No caso, envolver-se com a escalada e alcançar feitos típicos de escaladores faz com que o participante sinta-se um escalador. Isso remete, ainda, ao próximo benefício: a satisfação própria (*self-gratification*), ou seja, a combinação entre simples diversão, de caráter mais superficial, e uma satisfação mais profunda e substancial. Essa união é fruto da prática da escalada e de todos os significados provenientes dela. Como os entrevistados declararam,

Pra mim, [espero] diversão. Tem gente que diversão é ir a uma festa ou ir a uma loja do shopping. Diversão para mim é estar com os amigos na montanha. (C.)

[...] eu tive uma infância símia, eu sempre tava nas árvores, pulando [...] de uma árvore pra outra, não sei o quê... eu era bem macaco. E a escalada traz um pouco dessa infância, essa coisa lúdica, sei lá qual o termo [...]. Pra mim escalada é uma coisa de diversão, assim. Claro que eu quero evoluir, mandar graus cada vez maiores... mas eu não vou me matar pra isso. Pra mim eu não to em busca de nada, assim. Estou em busca de diversão. E também o GEEU é uma coisa social, você vem pra socializar, tal. Mas a escalada pra mim

é igual a resolver problemas, eu posso resolver problemas num quinto grau, que pra mim vai estar legal ou posso mandar um décimo grau, pra mim é algo que tem que vir naturalmente, não forçadamente. Não quero ser o pica das galáxias, nunca tive essa pretensão (risos). (L.)

Stebbins (2007; 2009) também aponta para a recreação ou regeneração (*re-creation* ou *regeneration*), em que, para alguns, é consequência direta da prática da escalada:

Pra mim, escalar tá envolvido também com qualidade de vida. Acho que é mais isso, é uma atividade esportiva, e você acaba melhorando sua alimentação, sua condição física, regulando seus horários, acho que isso me atrai bastante. (R.)

A recreação ou regeneração assemelha-se aos conceitos funcionalistas que articulam o lazer com as mazelas do cotidiano, servindo como “válvula de escape”. No senso comum dos sujeitos, é muitas vezes a maneira como encontram para justificar seu tempo de lazer, embora não corresponda de fato às suas expectativas e benéficas. Dificilmente os aficionados pela escalada ou por qualquer outra prática de *serious leisure* argumentarão que sua atividade é apenas um descanso, dado que eles sabem, direta ou indiretamente, que sua prática preferencial envolve uma série de elementos especiais, que entendemos como os elementos significantes. Contudo, o caráter de “válvula de escape” foi, vez ou outra, mencionado pelos praticantes. Ao retomar todos os benefícios apresentados anteriormente, podemos considerar que o universo da escalada também oportuniza ao seu integrante um espaço de fuga, de escape, em que o participante pode configurar suas próprias metas e desafios e enfrentá-los. A capacidade da escalada de requerer uma concentração de energia e vontade foi regularmente citada pelos entrevistados como um importante fator motivacional:

Mas acho que o principal na escalada que atrai muito cara [da área de] de exatas é resolver problemas, assim. A escalada é um problema colocado pra você e fala “resolva!”, né? Eu acho, pra mim, acho bem legal tentar resolver o desafio, né. É um desafio que está sendo imposto, e eu gosto de resolver problemas. Eu acho que a escalada é muito disso, assim, de resolução de problemas. (L.)

Eu gosto que pessoas escalem mais que eu, porque isso me puxa... “nossa, tá todo muito escalando muito bem, preciso escalar muito bem”. Essas coisas me motivam, assim [...]. Eu gosto de coisa difícil. Eu sofro muito com as coisas difíceis, volta e meia não consigo fazer, assim, nem vencer assim, mas eu gosto. Acho bacana. (F.)

Acho que [o que me atrai é] o contato com a natureza e, eu acho que o desafio. O desafio que o esporte te proporciona, é um desafio de você com você mesma assim, você não está competindo, não vale ponto, não tem time, não tem torcida. É um negócio que se você conseguir fazer, você vai fazer e vai achar legal, não tem mais ninguém a ver com isso. Apesar que, apesar de eu achar que a escalada é um negócio que, ao mesmo tempo é pouco competitivo, eu também acho que é bastante assim, porque, apesar de você se

motivar por você mesmo na teoria, na prática acontece que você se motiva pelo o que o outro está fazendo, então acaba sem querer sendo um esporte competitivo. (B.)

Eu acho que é isso assim, seu limite, porque você sobe uma vez e “nossa mano, acho que eu não vou conseguir ir até o final!”. Aí você chega lá no final e “nossa, que da hora!”. Aí você sobe de novo e fica mais fácil, aí você sobe de novo e aí resolve usar as garras menores. Ou, na escalada em rocha, assim, você vai e faz uma via, acha a via fácil e beleza. Mas se eu quiser escalar mais eu vou ter que melhorar minha técnica, melhorar meu condicionamento físico pra conseguir escalar um maior numero de vias. E aquele lance que eu te falei, do desafio pessoal, de você não acreditar até aquele momento que você conseguiria fazer aquilo ou achar que aquilo era muito radical ou muito perigoso, e você entender que aquilo não é. Quebrando esse limite assim é que dá o barato da coisa. (B.)

Na escalada, especialmente quando no ambiente natural da rocha, envolve também o desafio psicológico de lidar com a altura, o risco de quedas e acidentes, mesmo que estes sejam riscos simbólicos. Mostraram-se, também, como fortes aspectos a serem encarados na experiência do lazer:

Depois de começar a guiar [vias], tem essa coisa que acho muito legal que é a batalha interna entre o medo e a vontade de fazer a via. Você fica lá “puta, vou fazer mas vou cair, posso me ralar, posso torcer o pé..., ah, mas eu quero ver, quero resolver...”. Acho essa questão da batalha psicológica bem legal. (L.)

[...] a parte mental também me motiva bastante, tipo... volta e meia você vai pra rocha, você vai guiar uma via, o que é um desafio que a gente não tem no GEEU, né, porque aqui é escalada em totalmente diferente [em top-rope]. E você tem toda aquela coisa, você vai andar dois, um metro desprotegido, fica com medo, bota mais força que necessário nas agarras, e tipo... vencer essas coisas também me motiva bastante assim, né. Ter um autocontrole maior, tipo... enfim, saber controlar melhor o corpo, né, a mente, também, pra vencer aquele desafio. (F.)

A superação destes desafios impostos pela natureza ou por si relacionam-se com uma das características do *serious leisure*, que Stebbins (2001; 2007) denomina perseverança (*persevere*), ou a necessidade de perseverar na atividade. Como relatado, participantes engajados em uma atividade encontrarão alguns desafios a serem superados. A própria prática recorrente da escalada em uma rotina cotidiana que envolve outros compromissos profissionais, familiares e pessoais (como será discutido em momento oportuno) é uma forma de perseverar. Além disso, surpreendeu-me que alguns escaladores do grupo têm medo de altura, mas acostumaram-se a lidar com isso; outros têm aversão às quedas, por isso evitam guiar, escalando em *top-rope* sempre que possível. Além de superar o “psico ruim”, os escaladores lidam com a fragilidade dos

tendões e articulações – durante todo o período da pesquisa sempre havia alguém afastado da prática por motivos de lesão⁴⁵.

Outro benefício citado por Stebbins (2007) é o possível retorno financeiro (*financial return*), que pode ser oriundo de uma atividade de *serious leisure*, como para aqueles que vendem os produtos de seu *hobby*. Este é um interessante aspecto carente de maior atenção por parte dos estudos do lazer. No mundo da escalada, conforme observado, existem algumas oportunidades para que o aficionado possa direcionar seu conhecimento e habilidades para, de alguma forma, obter algum retorno financeiro. Em campo, conheci sujeitos que, graças ao seu envolvimento com a escalada, exercem atividades remuneradas através de academias ou ginásios de escalada e/ou *boulder*, cursos de escalada, cursos de trabalho em altura para empresas, serviços de trabalho em altura, consultoria em aventura, atividades de escalada e/ou em altura para crianças, e até mesmo aqueles que alcançam rendimentos satisfatórios em competições e festivais de escalada e obtêm retornos através de patrocínios, apoios e premiações. Esse aspecto, ainda, complexifica as margens entre lazer e trabalho.

Todo o desenvolvimento pessoal de cada sujeito ao longo de sua trajetória na inserção e participação em uma prática de lazer significativo é representado pelo que Stebbins (2001; 2007) nos apresenta como carreira de lazer (*leisure career*), o que é uma das mais importantes características do *serious leisure*. *Carreira* não é um termo amplamente utilizado nos estudos do lazer (STEBBINS, 2004), e aqui o termo independe de uma analogia às carreiras de trabalho, embora tal comparação possa existir. As carreiras de lazer são um caminho percorrido pelo participante ao longo de seu envolvimento com a atividade de *serious leisure*. Não constitui uma progressão hierárquica, e sim, está relacionada ao acúmulo e/ou desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, experiências, etc. Carreiras de lazer são moldadas por suas próprias eventualidades, momentos decisivos, e etapas de realização ou envolvimento. Stebbins (2004) indica algumas etapas da carreira de lazer: início, desenvolvimento, estabelecimento, manutenção e, se for o caso, declínio. Segundo o autor, as fronteiras entre esses estágios são imprecisas e imperceptíveis. O início dura o tempo necessário para que seja enraizado o interesse pela atividade (STEBBINS, 2004). Entre os iniciantes da escalada, isso pode acontecer logo após a

⁴⁵ Lesões nas articulações das mãos, dedos, ombros e cotovelos eram a maioria entre os afastados, e decorriam da própria prática. Se a causa era um acidente, provavelmente seria um pé ou tornozelo torcido ou fraturado.

sua primeira experiência, ou após um maior período acompanhando a namorada escaladora, por exemplo. O quão veloz ou não é tal enraizamento não tem relação aparente com o posterior engajamento. Observei novatos empolgados após o primeiro dia no muro, que logo pagaram a semestralidade e diziam estar ansiosos para voltar. Porém nunca voltaram, ou voltaram apenas algumas poucas vezes. É difícil determinar por que isso acontece, pois ao deixar o muro eles deixam também o campo da pesquisa; de qualquer maneira, eles não passaram pelo primeiro passo de suas carreiras de lazer. O próximo estágio é o desenvolvimento, que começa quando o interesse está enraizado e sua prática torna-se mais ou menos rotineira (STEBBINS, 2004). É uma etapa simples de observar, pois é quando, em campo, as “caras novas” começam a tornar-se familiares e nomes começam a ser decorados; o participante, que já não é mais tão iniciante, aprende a fazer a segurança e talvez tenha suas primeiras experiências em ambiente natural, na rocha. Na fase do estabelecimento, o indivíduo já aprendeu os princípios básicos daquela atividade. É quando se estabelece também a identidade – algo como “sou escalador”. O participante já possui o mínimo de equipamentos necessários, é dotado de iniciativas, seja junto às ações do grupo ou em incursões à rocha, e finalmente está inserido no grupo, reconhecendo os outros participantes e sendo reconhecidos por estes (reconhecido como membro do grupo e também como escalador). É, finalmente, durante a fase de manutenção que a carreira de lazer está em pleno florescimento (STEBBINS, 2004). Incertezas iniciais sobre a inserção no grupo e na atividade já estão superadas. Nessa fase, o participante é fluente tanto na linguagem verbal e não verbal particular do universo da escalada quanto na troca de valores como experiência, conhecimentos e habilidades. O escalador também atinge relativa autonomia para tomar decisões marcantes, assumindo qual sua modalidade favorita, orientando iniciantes e sentindo-se confortável ao dividir os picos com escaladores mais fortes e experientes. Por fim, é na fase do declínio, caso haja, que o escalador abandona a atividade. Esse abandono pode ser por um longo período de tempo (afastado por vários anos) ou permanente, e ocasionado por motivos diversos. Embora eu tenha conhecido pessoas que abandonaram a escalada em algum dos outros estágios, foram pouquíssimos aqueles que entraram em declínio, depois de alcançada e estabelecida uma etapa mais desenvolvida de suas carreiras de lazer. Alguns se afastaram da prática em si, mas continuam sendo membros do grupo (pagando as semestralidades) e participam das discussões por *e-mails*, o que os coloca em um tipo de limbo do *serious leisure*. Esses sujeitos podem,

talvez, manter sua inserção no universo da escalada, excetuando apenas o núcleo, que é o ato escalar.

Stebbins (2007) ainda nos apresenta as “retribuições sociais”. São três formas de benefícios coletivos, resultantes da participação em um grupo ou em uma categoria de aficionados por um mesmo interesse central, ou por uma mesma manifestação de lazer significativo/*serious leisure*. A coesão social (*social attraction*) é oportunizada ao associar-se com outros participantes daquela atividade de *serious leisure*. É uma retribuição fundamental no cenário observado e mostrou ser um dos elementos mais importantes na participação da escalada e do GEEU como *serious leisure*. A realização coletiva (*group accomplishment*) e a contribuição para a manutenção e desenvolvimento do grupo, provenientes do esforço coletivo em realizar um projeto de *serious leisure*, como, por exemplo, criar e manter a existência do GEEU. O participante beneficia-se do sentimento de altruísmo, de ajudar um conjunto de ideias e interesses e de ser necessário nas ações deste coletivo. Esses aspectos mostraram-se de grande relevância no estudo do GEEU e toca as considerações centrais da presente pesquisa, ao representar a importância da participação coletiva na experiência de lazer. Ao longo do texto, foram, e serão, apresentados elementos que justificam essa importância, a qual voltaremos a discutir diretamente nas considerações finais.

3.3.2 - Voluntariado, participação ativa e o membro ideal no GEEU

A continuidade do GEEU depende, em grande parte, da atuação de seus membros em ações do grupo que não são a prática da escalada em si. O grupo deve ser gerido, representado, seus equipamentos necessitam de manutenção e vistoria frequentes. Agarras soltam-se da parede, os cadernos de assinaturas e controle de semestralidades esgotam suas páginas. As fitas de marcação de vias e os tubos de cola acabam, as cordas desgastam-se. Não existe, no grupo, alguém designado a responsabilizar-se pela administração desses fatores. Geralmente, alguém terá a iniciativa, seja para resolver o problema ou para solicitar que alguém em melhores condições ou mais habilitado o faça. Os próprios integrantes do GEEU recorrem ao termo “voluntário” para caracterizar tais ações. Outros termos que também acabam sendo difundidos no grupo são “pró-atividade”, relativo à tomada de iniciativas, “dar um *camon*” e “dar um talento”, relativo ao empenho nas ações voluntárias e no ato de cuidar de algo, respectivamente.

Uma reclamação recorrente nas discussões formalizadas do grupo, como nas reuniões de monitores e assembléias gerais, envolve o fato de alguns visitantes e membros “usufruírem” do GEEU sem dar ao grupo o retorno que é esperado.

[Durante a reunião dos monitores] o P. pediu fala e lembrou a todos para tomarmos cuidado com as pessoas que, por desaviso ou má fé, “acham que o GEEU é uma academia”. Em sua concepção, são sujeitos que são membros do GEEU mas agem como se estivessem numa academia, como a Onze A ou a 90 Graus, segundo suas próprias explicações. Para essas pessoas, como prossegue P., “os monitores são funcionários que estão ali ao dispor deles” [...] e “toda a manutenção do muro é feita, simplesmente, por alguém”. Disse, ainda, que “eles chegam, arrumam ali seus equipamentos, escalam, fazem seu treino e vão embora”. P. salientou que devemos procurar essas pessoas e explicar qual é exatamente o propósito do membro do GEEU [...].

Caderno de campo (escrito em tempo real durante reunião), 27/02/2012

No GEEU, espera-se que seu integrante participe do grupo não apenas escalando, mas também se envolvendo com outras ações. Essa forma sutil de coerção para o trabalho voluntário converge em algo como o *membro ideal* do GEEU. Esse modelo de membro corresponde ao sujeito que escala regularmente, preferencialmente é monitor, lê todos os e-mails enviados para a lista e está sempre presente no máximo possível de ações de manutenção e ampliação das estruturas físicas do GEEU. Como veremos ao longo dos próximos parágrafos, há uma sequência de fatores que evidencia a existência velada, não declarada ou mesmo inconsciente (no coletivo) do conceito de *membro ideal*.

Para Stebbins (2007), o voluntariado é ou pode ser uma manifestação de *serious*, *project-based* ou mesmo *casual leisure*. Isso dependerá das circunstâncias, do grau de envolvimento, e das expectativas do participante na ação voluntária. Como veremos adiante, a contribuição do membro para o grupo através da participação voluntária não é a prática central no GEEU (que é a escalada em si), mas é um elemento fundamental na experiência de lazer oportunizada por este ambiente:

A questão de ser voluntário para mim é bem natural. Eu fui voluntário em outros contextos também. No fim das contas fazer trabalho voluntário em uma atividade que você gosta te dá a oportunidade de fazer mais a atividade que você gosta. Não que eu faça pensando nisso, mas é o que acontece. Em relação ao geral aqui do grupo, acho que a galera manda bem, [mas] acho que muitas vezes eles exageram, querendo que seja um serviço perfeito, [...] eu acho que algumas pessoas que escalam acabam levando isso muito a sério, isso passa a ser um negócio muito importante para eles [...]. (J.)

Como se pode observar, a participação voluntária é de importância vital para o GEEU e é um fator amplamente debatido e valorizado entre vários integrantes. Os membros falam de uma “cultura” que precisa ser propagada, em prol do grupo e da escalada em geral:

O que é essa cultura que eu acho, na minha opinião, que é razoável. É uma cultura mais assim de grupo, né, de sei lá, de alcateia, de família. Você vê o coleguinha com problemas, você vai lá e ajuda, né. Você vê o coleguinha apertando agarra, você vai lá e oferece ajuda. É essa cultura, [de] quando for fazer via, fazer uma via mais fácil também, porque você começou no GEEU em vias muito fáceis, você não começou no GEEU escalando um 8a. Então alguém que vai começar vai precisar daquela via mais fácil. E é você que está na posição de fazer aquela via mais fácil agora. Isso eu acho que é uma cultura de grupo a ser promulgada, que é interessante. O zelo com o material do grupo, tanto os equipamentos de segurança quanto os equipamentos fixos, agarras, madeiras, essa coisa toda. Pessoal vê um parafuso no chão, pô, não vai chutar o parafuso ou jogar pra grama... pega, entrega a quem você acha que deve entregar, ou guarda no muro, mas não guarda tacando no armário. Guarda dentro do pote, porque alguém, uma hora, vai ter que catar aquilo. (F.)

[...] o propósito do grupo é divulgar a escalada e você não consegue divulgar mais a escalada do jeito que está. No mundo, a escalada é um esporte gigantesco e no Brasil é uma coisa ridícula. E se ficar só a gente escalando e não fazendo nada mais, não recebendo novato, acho egoísta. Eu entrei no grupo por causa da boa vontade de outras pessoas e acho que tenho o dever de fazer isso para os outros também. (L.)

Mas as ações mais complexas envolvem também algumas questões mais complexas em relação à participação voluntária no grupo. Não é possível apenas afirmar que há membros que “ajudam” e os membros que “não ajudam”, pois cada sujeito mantém seus próprios interesses e ambições junto ao grupo. Um importante fato que demonstrou a complexidade dessa questão foi a realização da segunda edição do “Campeonato Caipira de Escalada Esportiva”, ocorrido em 20/05/12⁴⁶, em uma parceria com o Centro Universitário de Excursionismo e Montanhismo – C.U.M.E. – de São Carlos (SP) e com o apoio e patrocínio de diversas empresas. Diversas ações rodearam este evento: para a realização da competição, todas as agarras foram removidas da parede. Muitos dos parafusos e chumbadores estavam danificados, o que acarretou em um trabalhoso esforço para a remoção destes. Após a realização da competição, os orifícios dos parafusos danificados foram preenchidos com cimento e receberam nova furação. A parede foi toda pintada com tinta bege, ocultando as marcas de borracha de sapatilha e restos de fitas de marcação de vias que se acumularam com o passar dos anos. As agarras foram lavadas, e

⁴⁶ A primeira edição ocorrera em 2008, também no muro GEEU.

gradualmente voltaram à parede através da montagem de novas vias. Todo o processo levou pouco mais de um mês. Como o muro estava inutilizado, sem agarras, poucas pessoas compareciam ao GEEU. Embora cerca de quarenta membros diferentes prestaram algum tipo de ajuda durante todo o trabalho, criou-se um incômodo entre os sujeitos mais ativos sobre uma alegada falta de adesão dos membros nas ações da reforma. De fato, vários frequentadores regulares não compareceram em nenhum momento para ajudar com a reforma. Muitos alegavam estar “apertados com o fim do semestre [letivo]”, ou simplesmente deixaram de comparecer durante a reforma e voltaram a frequentar quando esta foi encerrada. Tal fato resultou em uma reação por parte dos membros que estavam mais envolvidos com as intervenções físicas necessárias⁴⁷. Nas palavras de um destes, “tem gente que só aparece para escalar e nem aperta uma agarra que está girando”. Esse incômodo ocorrido entre os membros mais participativos efervesceu através da declarada sensação (por parte desses membros) de que o GEEU vem sofrendo com a perda da “cultura de ajudar”:

Está entrando essa cultura de uma coisa que não é minha, eu pago barato, 50 Reais por semestre pra usá-la... se quebrou, azar, e eu vou embora (em tom irônico), alguém vai arrumar, alguém vai ver isso aí. Entendeu? E antes não era assim. Antes não é que você pagava pra usar. Tipo, [...] você ajudava com 50 Reais, mas o espaço era seu espaço. Mas sei lá, as pessoas tratavam... quando entrei em 2010 eu tenho a ilusão de que as pessoas... 2009, 2010, as pessoas tratavam com um pouco mais de carinho, assim. Eu acho (pensativo). (F.)

O que faz alguns dos membros terem tal sensação de que a “cultura de ajudar” está se perdendo pode ser apenas uma divergência proporcional entre o número de membros envolvidos com o GEEU e o número de visitantes e membros pouco envolvidos. Evidentemente, isso refletirá na dinâmica do trabalho voluntário e mais um fator a ser levado em consideração ao pensarmos no já discutido processo de crescimento e transformação do grupo. Assim, como prossegue F.:

Com esse número crescente de pessoas, eu não sei, essa cultura é o seguinte: não é uma coisa que você fala e a pessoa “ah não, beleza, vou fazer”. Não é assim. É uma cultura, certo? Você tem que ficar falando! Até uma pessoa ou acreditar naquilo – “ah, realmente é assim que faz” – ou ela fala “não, não é assim, to cansado disso e vou embora”. Você precisa ficar batendo na tecla, ali. E pra você bater na tecla com cinco [pessoas] pra ter

⁴⁷ Pintura da estrutura do *boulder*, construção do telhado do *boulder* e pintura do piso na área do muro.

um dos desfechos é mais fácil do que com cinquenta, e pior, cinquenta periódicos! São cinquenta pessoas hoje, amanhã são outros cinquenta, enfim. Esse número crescente de pessoas [...] tem atrapalhado um pouco a passar essa coisa, assim.

No princípio de março de 2012, uma agarra soltou-se de uma das placas de madeira mais antigas, um episódio que viria a se repetir uma semana mais tarde. Assim, foi determinado pelos membros que o negativo ficaria interditado até que tal placa fosse substituída. Uma semana depois, ninguém ainda havia assumido a responsabilidade pela troca da placa. Acabei tomando essa iniciativa, por dois motivos. Por um lado, eu desejava adquirir o conhecimento e ter alguma experiência com a parte técnica da construção de ambientes artificiais de escalada. Ou seja, saber como lidar com a madeira, ferramentas, furações, parafusos, porcas, e como içar uma placa de quarenta quilos a oito metros de altura usando apenas os próprios equipamentos da escalada para erguer todo o peso do material. E, principalmente, seria uma boa oportunidade para observar a dinâmica dos integrantes do grupo na participação dessa ação. Solicitei ajuda a outros escaladores para ter uma lista de materiais necessários e suas especificações, fazer orçamentos, comprar, transportar, preparar e instalar tudo. Pela lista de *e-mails*, recebi as instruções sobre o quê comprar. Embora a cotação dos materiais seja a parte mais simples e rápida, foi justamente o momento em que recebi menos ajuda. Logo percebi que era necessário delegar tarefas aos integrantes do GEEU: P. ofereceu ajuda, mas não sabia como. Pedi que pesquisasse preços em algumas madeireiras. Em seguida, com orçamento em mãos, pedi a R. que fosse comprar e buscar a placa de madeira em uma loja em Campinas, com a sua *pick-up*. Orientei a R. que o tesoureiro do GEEU iria ressarcir-lhe os R\$120,00, e que ele deveria manter a nota fiscal do produto consigo para apresentar ao tesoureiro. Comprei o resto do material (parafusos, ferramentas, etc – sempre sendo ressarcido pelo GEEU) e lancei na lista de *e-mails* uma data e horário para a furação, corte e pintura da placa, bem como os materiais necessários que poderiam ser emprestados pelos escaladores (como uma ferramenta elétrica de corte). Dias depois, chegava o momento de convocar a todos para ajudarem na subida da placa. Quanto mais as ações desempenhadas se aproximavam de serem realizadas em grupo e no ambiente do GEEU, mais indivíduos envolviam-se com elas. As últimas etapas, como a preparação e a subida da placa, ocorreram no espaço da escalada e foram as que contavam com mais ajudantes, embora fossem as mais trabalhosas e demoradas. Para as etapas mais simples, mas que estavam afastadas das práticas cotidianas do GEEU, como orçar madeira pelo telefone ou comprar latas de tinta em loja de materiais de construção, poucos se dispuseram a ajudar.



Figura 7: Membros do GEEU aplicando verniz naquela que viria a ser a placa superior do negativo. A placa antiga pode ser vista ao fundo. Foto: arquivo pessoal

Além disso, com o *boulder* disponível para escalar, o negativo deixou de ser o elemento de maior dificuldade na parede do GEEU. E após a troca da placa de madeira, que só veio a ocorrer nas vésperas do Campeonato Caipira, havia pouca demanda para o negativo, já que aqueles que queriam treinar força e resistência poderiam fazê-lo no *boulder*. Mesmo com a placa instalada e o negativo liberado para o uso, pouquíssimos membros dedicaram-se a instalar as agarras. Por isso, foi somente no fim do período de observações dessa pesquisa, quase cinco meses após a subida da placa, que o negativo tomou sua forma ideal, preenchido de agarras. Além disso, toda a reforma da estrutura em geral do negativo⁴⁸ estendeu-se longamente, sendo concluído apenas em meados de julho, quatro meses mais tarde. Em junho, o membro A. relatava

⁴⁸ Além da instalação da placa de madeira, houve aplicação de tinta impermeabilizante nas demais placas.

alguns problemas com medidas e padrões dos parafusos utilizados, que comprei errados devido a um desleixo do vendedor. Em sua mensagem, aproveitou para escrever:

“[...] to ficando meio cansado de ver pouca gente ajudando, mta gente reclamando da estrutura e se lamentando da dificuldade em melhorar seu próprio nível de escalada. Será essas coisas estão relacionadas????[...] Novamente, se cada um ajudar com 15 min de sua ida ao GEEU, sobra bastante tempo p vc treinar e a obra é feita.”

Mensagem de e-mail, 19/06/2012

O que se ouvia de alguns outros membros, fora da lista de e-mails, era que a reivindicação de A. procedia, mas a maneira como cobrava a participação era discutível. Então, algumas semanas mais tarde, no fim de julho (ou seja, período de férias do ano letivo e no calendário da Unicamp), L. enviou a seguinte mensagem:

“Gostaria de saber se vcs estão esperando um e-mail meu xingando q ninguém tá nem aí pro boulder enferrujando (excluindo os poucos q ajudaram) ou o pessoal já tá se mobilizando pra proteger (zarcão) e pintar o boulder? [...] Precisa q pegue na mãozinha e ensine como faz? Não dá pra assumir a responsa? [...] Eu não curto xingar, mas parece q é só assim q funciona: eu tenho q ir na lista, xingar, me expor, levar xingo de volta, e aí a galera fica com o psico abalado e começa a se manifestar. [...] É um trabalho duro, mas alguém tem que fazê-lo. Dá mais 1 semana pra ver se carrega a ‘caixinha de rancor’ q eu rodo a baiana.”

Mensagem de e-mail, 24/07/2012

Instaurou-se, então, um clima de tensão no GEEU. De fato, mais membros compareceram às ações das reformas. Mas, por outro lado, o trabalho voluntário parecia coercivo, e não algo inerente às condições de participação do grupo, em que ‘ajudar o GEEU’ complementa o ‘escalar no GEEU’, que é o discurso propagado pelos monitores aos novatos. Pouco depois, no princípio de agosto, R. lançou um chamado mais sutil na lista de e-mails:

“as coisas acontecem devagar no GEEU, veja o caso do telhado do boulder, depois de 1 ano o telhado vai sair, faz 1 ano que o telhado é prioridade de gasto do geeu, mas pouca gente se dispos a trabalhar nele. [...] acho que em maio assumi a tarefa do telhado, devido a noticia de que a FEF iria doar as telhas, mas as telhas não poderiam ser jogadas la em cima de qualquer jeito. Então decidi bolar uma inclinação e fazer uma estrutura meia boca pra sustenta-lo, e ja que ia fazer a estrutura do telhado, aproveitei pra deixar a parte de tras do boulder pronta pra receber as placas, e então, depois de 3~4 meses o negócio ficou pronto pra receber as telhas. Fiz todo o trampo praticamente sozinho, comprar material contratar o serviço do soldador, acompanhar a soldagem(no primeiro dia até apareceu um pessoal pra ajudar, no 2º dia foi só eu e G.). Só no final depois de muito custo a galera deu um gas na pintura. [...] Agora o telhado pode ser instalado, mas ninguém tomou a iniciativa. Novamente tomei a dianteira. As vezes o pessoal deve pensar ‘ah... nunca mexi com telhado, nem sei o que é uma telha..vou deixar esse trampo pra quem sabe...’. Pois saibam, eu não sei o que é um telhado nem como instala uma telha, mas como gostei do boulder e pretendo treinar nele, vou dar um jeito de bota essa telha la em cima com super

bonder, amarrar com corda, durex... [...] o mesmo aconteceu com U., que deu um puta trampo pra botar aquele boulder de pé. [...] O mesmo aconteceu com nosso mestre W. que está de volta... adivinha como aquele armário do GEEU foi parar ali, e aquela arquibancada bonita, e aquele negativo bacana... [...] acho que o caso dessa parede não vai ser diferente... se ninguém assumir o trampo com vontade, o negócio não vai pra frente [...]"

Mensagem de e-mail, 10/08/2012

O membro J. prosseguiu sugerindo “*aumentar a semestralidade e contratar pessoas para resolver os problemas e/ou dar desconto/isenção para os monitores que botam a mão na massa*”. Em seguida, H. respondeu que haveria o risco de

“[...] ter uma galerinha achando que o GEEU é clube de escalada e que como ele tá pagando[,] a gente é obrigado a trabalhar pro cara. Acho que o trabalho (e incluo aqui a monitoria) tem que ser voluntário e temos que criar a cultura de que no grupo todo mundo tem que trabalhar. [...] A gente teve, e está tendo, um puta trampo no boulder (em especial o U. e o R.) enquanto tem gente que vem quase todo dia escalar no boulder e mal paga a semestralidade.”

Mensagem de e-mail, 10/08/2012

Em contraponto, o membro V. argumentou que “*devemos incentivar uma postura de proatividade, mas acho que o discurso da meia dúzia de trabalhadores está pesado demais. Cada um tem as suas motivações tanto para fazer as coisas quanto para não fazer*”. Dias depois, ao correr da discussão, V. voltaria a escrever, dizendo que “*Uma pessoa deve trabalhar no GEEU por se sentir membro consciente das necessidades do grupo e não porque existe um ambiente opressor [...], ou porque para ser membro é preciso trabalhar [...]*”. Mais tarde, através das entrevistas, alguns deles tiveram a oportunidade de exprimir, sem temor de represálias, suas opiniões. A fala dos entrevistados revela visões variadas sobre o incentivo ao voluntariado no GEEU e o seu possível caráter coercitivo:

Minha visão sobre o voluntariado é um pouco diferente, por isso eu não quis entrar muito na discussão [na lista de e-mails], eu acho que você não pode cobrar muito. Só que a pessoa tem que ter o mínimo de responsabilidade. Se você se compromete com algo, vai ter sempre alguém esperando. Se você [é monitor e] não vai, não avisa, não está nem aí, aquela pessoa que está esperando vai deixar de ser atendida. (C.)

Assim, aquele assunto do voluntariado... eu não sei... eu preciso da definição, o que é um trabalho voluntário, né? Complicado. Eu não acho que o GEEU precise de trabalho voluntário... precisa de trabalho semi-obrigatório mesmo. Por uma questão óbvia de organização do espaço, você sabe que não tem nenhum funcionário que vai fazer aquilo. Alguém tem que fazer aquilo. Por que tem que ser sempre o mesmo? Por que sempre essas pessoas, entendeu? Acho que já passou da hora de olhar e ver que são sempre os mesmos...

eu preciso estar lá, preciso ajudar. 50 Reais não paga quem está lá fazendo. Nesse sentido acho que o trabalho deveria não ser voluntário, deveria ser semi-obrigatório, deveria ser! Mas acho difícil isso. Quem vai fazer a organização? Quem vai fiscalizar isso? (F.)

Essas falas demonstram a responsabilidade que é esperada do membro do GEEU, com características de envolvimento que reforçam a proximidade da prática com o *serious leisure* de Stebbins (2007). As discussões sobre o tema do voluntariado, embora se desenvolvessem mais na lista de *e-mails*, também estavam presentes no ambiente do muro. Passadas as ações mais trabalhosas das reformas, bem como o clima de tensão e/ou coerção dos primeiros *e-mails*, falava-se, fora da lista, que o caráter do GEEU residia em reunir-se em um grupo, para “se divertir juntos e também trabalharem juntos em prol da escalada e do espaço [do GEEU]”. Com um discurso mais brando, V. diz que

[...] hoje, a pessoa que entra no GEEU, que participa ativamente do grupo, essa pessoa pega amor pelo GEEU. E é uma coisa que a pessoa quer cuidar para que nunca acabe, e foi esse sentimento assim que eu passei a ter pelo GEEU. Eu falava “não adianta ficar esperando pelos outros, vamos fazer”! E tem pessoas iguais, que têm o mesmo pensamento, que querem que a coisa funcione bonitinho, com toda segurança, com todo respeito e fazem essa integração.

Assim, todo o incômodo gerado ao redor da participação ou não dos integrantes nas ações do grupo (especialmente na manutenção do muro) é fruto das características do próprio GEEU: um grupo marcado pela iniciativa autônoma e voluntária em suas ações e intervenções, e que teve, durante o período das observações, o maior número de frequentadores em sua história. Os “gatos pingados” (como mencionado em algumas mensagens de *e-mail* durante a discussão apresentada anteriormente) cobram uma maior participação dos membros, causando uma divergência de opiniões. Com isso, emerge a questão da real participação no grupo: qual a distância que separa o *estar* no GEEU para escalar e o *estar inserido* no GEEU? Quais seriam as expectativas envolvidas neste processo? Marinho (2001, p. 18) já relatara um distanciamento semelhante:

Estou me remetendo inúmeras vezes à palavra grupo para designar os escaladores pesquisados pois é assim que eles se denominam; cabendo destacar, entretanto, que nem sempre eles se vêm enquanto grupo. Rodrigo [...], membro do GEEU e um dos atuais coordenadores, argumenta que um dos problemas refere-se àquelas pessoas que vêm ao muro, escalam apenas esporadicamente e acabam não fazendo parte de verdade do grupo.

No caso atual, essa inserção se dá a partir do convívio e da participação. A participação é pautada tanto no ato de escalar quanto na ação voluntária. O GEEU parece desejar membros envolvidos, não apenas com a escalada, mas em todos os do grupo. Posso dizer que

quem aparenta estar mais bem inserido no grupo é o sujeito que frequenta o muro duas ou três noites por semana, está sempre presente em suas ações e discussões, e é regular nas idas à rocha, nas viagens com outros integrantes do grupo e nas noites no *Star Trash*. É o tal modelo de membro *ideal*. Mas essa participação *desejável*, assim digamos, é restrita a poucos. Exige grande interesse e disponibilidade. W., ao relatar seu envolvimento com intervenções físicas no espaço do GEEU, ilustra essa restrição ao salientar uma grande demanda de tempo e energia:

[...] quando eu participei da última troca de placa foi, quer ver, acho que faz uns cinco anos, mais ou menos recente. Então aí eu também abracei a causa, vou abraçar a causa de trocar a placa. Eu tentei contabilizar mais ou menos quantas horas eu gastei do meu tempo, na verdade consumido, porque foi de boa vontade. Em torno de oitenta a cem horas, contando tudo, de ir atrás das coisas e tal. E nesses trabalhos, todo mundo que está envolvido, ninguém nunca cobrou gasolina, nunca cobrou sei lá, custos menores. Já aconteceu uma vez de o GEEU estar com dinheiro em caixa, acho que foi na construção do negativo, e pagou um lanche pra todo mundo. Levar um refrigerante, nossa, isso é muito em conta e faz uma diferença enorme!

Após toda aquela discussão sobre as reformas e a participação dos membros, T., uma integrante do grupo que já não frequenta mais o GEEU como fazia no passado, escreveu na lista de *e-mails*:

“Em função do meu momento de vida [...] estou frequentando o GEEU muito pouco mesmo [...]. Desde fevereiro que não consigo ir pra rocha. Eu queria muito ser capaz de ajudar mais nas mobilizações do GEEU, mas mal consigo tempo pra escalar. [...] tem horas em que eu leio estes emails todos e me sinto mal, me sinto quase que mal vista, mal recebida no grupo por aparecer lá 3x por mês e escalar um pouquinho e ajudar nada. [...] Eu acho que está faltando a galera se ligar que a situação de vida das pessoas que compõem o GEEU não é igual, não dá pra medir todo mundo usando a mesma régua [...]”

Mensagem de e-mail, 15/08/2012

A mensagem acima foi a última enviada à lista de *e-mails* na sequência daquela discussão. Infelizmente, não foi possível observar, ao fim do trabalho de campo, se toda a discussão sobre o voluntariado deixou algum legado ou influenciou, de alguma maneira, as ações do grupo. Os entrevistados também não souberam opinar, pois, quando questionados a respeito, apenas mantinham suas opiniões prévias, já colhidas ao longo do período em campo. Mas, após lidar com falas que expressavam visões tão contundentes, a ponderação ao redor dessas questões por parte de alguns entrevistados chamou a atenção:

Nem todas as pessoas querem ter esse grau de envolvimento, e você não pode obrigar. Acho que quem quer participa, quem não quer você tem que ao menos garantir algumas

coisas mínimas, que o não comprometimento daquela pessoa não atrapalhe o funcionamento do grupo. (C.)

Se ele quiser crescer um pouco mais, na minha opinião, tem que ter um funcionário público, da FEF, na gestão. Porque senão não dá pra ele se autogerir, porque as pessoas trabalham, e fazem isso voluntariamente, todo mundo faz seu estudo, sua graduação, seu mestrado, seu doutorado, então não dá pra ser um trabalhador oficial do GEEU sem ganhar nada. É complicado isso, mesmo com alguns problemas, com altos e baixos, aos trancos e barrancos, o GEEU se tornou a maior referência na escalada esportiva na região de Campinas, eu tenho certeza disso [...]. O GEEU como instituição de escalada é a primeira num ambiente universitário do país e nunca deixou de existir, porque não fez nenhum intervalo, teve academia que surgiu forte e sumiu. (W.)

Os discursos de C. e W. direcionam-nos a considerar que o GEEU, através de todo o debate e transições, é um modelo interessante e peculiar ao analisar a participação e envolvimento a uma prática coletiva de *serious leisure*.

3.3.3 - “O GEEU não é um curso de escalada”

Outro assunto que sempre é salientado nas reuniões de monitores do GEEU refere-se à necessidade de deixar sempre claro aos novatos que o grupo não possui caráter de curso de escalada. Em contraste à discussão do voluntariado, não existe maiores divergências nessa questão. Porém, dois fatores são relevantes nesse tópico: a aquisição do conhecimento específico como parte do universo de lazer da escalada e a responsabilidade envolvida, dado que há risco de acidentes. Basicamente, esse conhecimento é transitado entre os integrantes do grupo da mesma maneira como relatado por alguns durante as entrevistas:

Geralmente o escalador mais experiente do grupo, um cara que, sei lá, já tem bastante tempo de experiência, aprendeu com alguém, ou tem um amigo mais influente [...] vai passando essas coisas, né. A gente também lê, procura na internet, tem vídeos no YouTube mostrando como fazer várias coisas. (L.)

Não fiz nenhum curso, até tive algumas vezes vontade de fazer, mas sempre sou puxado pra trás por alguém falando “ah, não precisa, não sei o quê”, essas idéias tortas assim. Mas tenho vontade de fazer algum curso, de... em rocha principalmente, mas... não sei, acho que fui recebido por pessoas com muito boas orientações, assim. Que acho que foi o V., inclusive, e o L., acho, que me deram umas indicações boas. É... tipo, igual o V., né, ele falou que fez curso na época, curso de escalada, tal, enfim... me explicaram muito bem isso, como funcionava o GEEU, que o aprendizado... que não era um curso, né. O aprendizado passava ali com a experiência das pessoas que já escalavam há mais anos, tal... você meio que pegava no olho ali ou conversando com as pessoas, né. Então assim, eu sempre fiquei muito cabreiro com esse tipo de conhecimento, né, conhecimento assim, se for (inaudível) pode estar tudo errado, o cara pode estar ensinando besteira... então sempre fui muito precavido pra ir pra rocha, que é onde o nível de periculosidade é maior,

né. Mas sempre soube sempre também extrair bastante coisa assim, né, tentar avaliar, pesquisar em livro, internet, enfim [...]. (F.)

Como uma prática de *serious leisure*, o conhecimento é construído a partir do contato com outros praticantes, através de pesquisas por iniciativas próprias (na *internet* ou em publicações como livros e revistas especializadas), ou por divulgação entre os integrantes do grupo, especialmente na lista de *e-mails* ou no grupo do GEEU no Facebook. Os iniciantes, quando ainda totalmente leigos em relação à escalada, não sabem a dimensão do corpo de conhecimentos específicos dessa prática. A eles, é ensinado, *a priori*, apenas o básico necessário para escalar no GEEU: avisar ao *seg* quando estiver começando a escalar, evitar segurar a corda, manter a corda entre os braços, ser cuidadoso para não atrapalhar ou ser atrapalhado pelos outros escaladores que estiverem na parede, etc. No GEEU, o iniciante mais propenso a prosseguir com a prática irá naturalmente interessar-se a aprender a fazer os nós, a montar os freios, realizar a segurança, colocar e remover as cordas. Por um lado, eles começam a sentir-se parte do grupo, portanto querem auxiliar nessas tarefas; por outro, estão começando a entender que existe uma miríade de pequenos detalhes que exigem atenção e que fazem parte integralmente da prática da escalada.

Ao aprendizado desses aspectos não é um processo sistematizado, como seria em um curso de escalada. Quando F. fala sobre “ideias tortas”, ele se referia às opiniões contrárias aos cursos de escaladas, muitas vezes tidos como oportunismos comerciais em cima de uma prática cujos elementos intrínsecos (como o conhecimento) poderiam ou deveriam ser repassados através do convívio, tal como ocorre no cotidiano do GEEU. Em relação aos cursos,

[...] eu acho, assim, os cursos um pouco anti-éticos (rindo) porque eles põem... geralmente eles vendem muito pra quem quer começar a escalar, e quem está começando é muito cru. Não entendem, são milhares de coisas que o cara deveria saber que ele não sabe, não tem nem [como ter] dúvida. Você ensina o cara e ele não fica com nenhuma dúvida porque ele não faz idéia do que ta aprendendo [...]. Acho que curso de escalada tem potencial pra ensinar bem, mas o foco do mercado deles é o carinha que quer entrar na escalada, e eu acho anti-ético porque o cara não vai aprender direito porque não tem capacidade de absorver tanta informação ainda.

De fato, a existência de todo um corpo de conhecimentos específicos da escalada é um fator relevante na nossa compreensão dessa prática como uma manifestação de lazer significativo ou *serious leisure*. O interesse por informações relativas à prática é algo identificável em qualquer sujeito que tenha se vinculado à mesma. Seja em busca de dados sobre

equipamentos, locais para a prática, técnicas de segurança, formas de treinamento, ou mesmo para saber algo sobre a história do esporte ou do próprio grupo. Segundo Stebbins (2007), dificilmente uma prática de *casual leisure* obrigará ou permitirá que o participante lide com uma gama tão extensa de informações específicas como no *serious leisure*. Na escalada como *serious leisure*, o participante busca o conhecimento não só pelo deleite de complementar a sua experiência de lazer, mas também por questões de segurança:

[...] você consegue aprender muita coisa sozinho, tem gente que acha que sabe, e aqui no GEEU a gente dá mais atenção pra quem é novo, quem não conhece, quem tá aprendendo. Você fica sempre atento, até pelo senso de responsabilidade que eu tenho, me sentindo membro do GEEU. (B.)

Portanto, há a delicada relação entre conhecimento e segurança. Uma má orientação pode ocasionar em dificuldades inesperadas ou até mesmo em um acidente, que pode chegar a ser fatal.

3.3.4 - Uma prática excludente?

As observações indicam dois “tipos comuns” de membros assíduos do GEEU: um é homem ou mulher, entre 18 e 26 a 27 anos de idade, branco, estudante de graduação ou pós-graduação da Unicamp, residente em Barão Geraldo ou arredores. Começou a escalar no GEEU há um ano e talvez seja forçado a abandonar a escalada dentro dos próximos meses. Se for praticante há mais de dois anos, é provável que a prática da escalada já tenha se enraizado de tal maneira que dificilmente os eventos do curso da vida causarão um afastamento definitivo. Geralmente é atraído por qualquer modalidade da escalada, mas por conveniência e facilidade de acesso está mais envolvido com a escalada esportiva e de *boulders*. Chega ao muro de carro, bicicleta ou a pé, e já possui sapatilhas, cadeirinha e talvez corda e jogo de costuras. O outro tipo é homem, próximo ou acima dos 30 anos de idade, branco, ex-estudante, estudante de pós-graduação, funcionário da Unicamp ou profissional liberal, residente em outras regiões de Campinas. Praticante há anos, provavelmente começou a escalar fora do GEEU ou, se não, ao menos possui uma vivência da escalada fora do ambiente do grupo muito maior do que o primeiro tipo. Pode ser escalador de vias clássicas, esportivas ou *boulders*, mas é bem provável que tem uma preferência marcada por uma das modalidades. Usa o carro para ir ao GEEU e tem uma vasta gama de equipamentos, inclusive alguns que já estão tão desgastados que foram

relegados a usos secundários⁴⁹. É bem provável, também, que já tenha escalado em outros países, como Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Estados Unidos, França, Espanha, Portugal, etc.

Inegavelmente, é difícil encontrar, no GEEU (e de certa forma, na escalada em geral) sujeitos que se afastem consideravelmente dos estereótipos descritos acima. Aparentemente, isso ocorre por dois motivos cumulativos. Primeiro, no Brasil, a escalada é uma prática que possui um caráter excludente, por sua própria natureza. Mesmo que os equipamentos não tenham um preço exorbitante, o acesso aos locais para a prática, a necessidade de dominar conhecimento e treinamento específicos e mesmo a excentricidade das práticas ditas “de aventura” ou “radicais” tornam a escalada um mundo distante. Segundo, o GEEU está sediado no *campus* de uma grande universidade em um distrito de padrão relativamente alto, em uma cidade grande do estado de São Paulo. Isso faz com que o muro de escalada reproduza o caráter seletivo que o ambiente ao seu redor detém:

Tipo, a Unicamp já é um ambiente elitizado, né. Você vai lá no terminal Ouro Verde, sei lá, no bairro lá, no Ouro Verde. Pergunta se alguém... não, não vai vir pra cá escalar, entendeu. Eventualmente uma pessoa ou outra... (F.)

Esporadicamente, sujeitos que não correspondiam aos tais modelos ingressavam no grupo e permaneciam por algumas semanas. Exatamente como aconteceu em abril de 2012, quando um homem ao redor dos 45 anos de idade começou a frequentar o muro com seus dois filhos, de aproximadamente 15 e 12 anos e uma filha um pouco mais velha. Ou com um professor da rede pública de ensino básico, que conheci em setembro de 2012. E ainda com um grupo de jovens de outra cidade, que dividiam um carro para irem juntos ao muro em um dado dia durante a semana. Eram pessoas que, cada um ao seu modo, não se entrosavam com os demais integrantes do GEEU. Além disso, observei que o grupo também não se esforçava nesse sentido. Eles obtinham as instruções necessárias dos monitores e recebiam segurança como quaisquer outros. Mas, após tantos meses de observações, posso afirmar que esses indivíduos não correspondiam à expectativa geral do GEEU. De certa maneira, instaura-se uma discriminação contra aqueles que são provenientes de fora da “bolha” da Unicamp, cujos assuntos e fatos

⁴⁹ Mosquetões velhos passam a ser usados para transportar carga (água, comida, roupas para frio, botas) em escaladas clássicas; cordas velhas podem ser reaproveitadas para amarrar coisas em casa, no carro ou no acampamento na base das vias.

cotidianos parecem pouco interessar aos demais, o que os priva de uma parte fundamental da participação no grupo: as conversas descontraídas entre sujeitos de interesse em comum. Outro caso marcante foi o de Y., um militar de aproximadamente 35 anos de idade. Eu estava no muro em seus primeiros dias. “Ele é legal, mas muito acelerado”, disse L., referindo-se ao seu caráter expansivo, agitado, querendo mergulhar no mundo da escalada em um ritmo maior que o comum entre outros novatos. Ele queria conhecer tudo e todos no muro, o que parece ter incomodado algumas pessoas. Do meu ponto de vista como observador, acredito que um sujeito destoante da média do grupo querendo tornar-se um escalador e tentando agregar o máximo de valores possíveis em pouco tempo possa ter soado como um distúrbio aos demais integrantes do GEEU. Em poucas semanas ele já possuía todo o equipamento mínimo e havia completado um curso básico de escaladas e técnicas verticais. Não tardou para que ele começasse a “colar na galera”⁵⁰ em busca de viagens para escalar em outros picos. Embora tivesse uma personalidade carismática e confiável, Y. não parecia ser bem aceito.

[...] eu estava na base da [via] Cacaio, quando meu telefone tocou. Era um número desconhecido, e eu hesitei um pouco, mas acabei atendendo. Era o Y. perguntando se a gente estava na pedreira. Eu olhei para o M. e para a B. e ri, pois eles não gostam muito dele. Eu confirmei, e ele falou que em pouco tempo apareceria lá. O pessoal não gostou muito. A B. falou algo como “eu não to nem aí, vou fumar meu baseado na frente do seu amigo”⁵¹. Ficamos rindo pensando em qual seria a reação dele. Depois eu falei para ela relaxar, que ele tinha que estar entre nós, naquele momento, como um escalador, e não como um policial. [...] Y. chegou bem mais tarde, escalou só umas duas vezes e foi embora.

Caderno de campo, 26/02/2012

Os exemplos que citei referem-se a indivíduos que de fato chegaram ao GEEU. Mas existem aqueles que sequer se aproximam do muro, seja por não demonstrarem interesse, por presumirem que a escalada compõe um mudo distante ou por mera falta de informação, caso haja o interesse. Como dito por L.,

[O] GEEU é um pouco excludente porque é muito longe do resto do mundo, né, então [para] quem mora no centro de Campinas fica complicado... E acho que a divulgação do esporte é muito ruim. Pra eu achar o GEEU demorou... comecei a escalar em 2006, pra descobrir que tinha um grupo em Campinas... então falta divulgação, a divulgação do GEEU é ruim.

⁵⁰ Literalmente, tentar acompanhar os demais escaladores em suas atividades. Uma expressão que significa integrar-se ao grupo, estar atento às conversas e tornar-se familiarizado com os outros e vice-versa.

⁵¹ B. dizia, ironicamente, que ele era meu “amigo”, talvez por ela achar que eu era o mais tolerante com Y.. Tanto que ele procurava a mim quando queria obter informações sobre idas à rocha, viagens, etc.

Mas alguns membros do grupo parecem não perceber o caráter segregador dessa prática. Para R., “quando eu conheci o GEEU eu [...] não conhecia ninguém da Unicamp e o pessoal foi receptivo. Pra mim, parece que [o grupo] é aberto pra todo mundo”. De fato, o GEEU é aberto para todos, sem restrições. Mas, além de um distanciamento cultural (como exemplificado anteriormente) e das distâncias físicas de uma cidade grande, existem outros fatores dificultantes, como alguns outros entrevistados salientaram:

[o GEEU] é aberto a todo mundo, mas como muita coisa pública no Brasil, é assim: é aberto a todo mundo, mas acessar de fato nem todo mundo acessa. Não é porque a pessoa “está ali, né, não foi porque não quis”, não. Não tem meios pra entrar, né. Igual eu falei, é um esporte caro até, um esporte elitizado. Já teve várias ocorrências de pessoas que, sei lá, se desmotivaram porque faltou equipamento. Tava escalando de kichute e muitas das vezes o cara tinha dinheiro e falava “mas eu não quero gastar com isso”. Alguém que teve que largar por que não tinha dinheiro, na verdade, eu nunca conheci. Mas assim, é um desmotivante, né. E o fato da Unicamp já ser um ambiente elitizado... então eu não acho que é aberto, na prática, pra todo mundo. Apesar de teoricamente ser, inclusive a gente recebe, sei lá... esporadicamente aparecem pessoas away aí, de lugares X. a gente recebe numa boa, tranquilo, é pra isso mesmo. (F.)

[o esporte da escalada] é elitista, eu falei que ele tem natureza elitista e as pessoas se ofenderam, como se eu tivesse chamando a pessoa de elitista, não é isso. Mas é um esporte que você tem que ter corda, cadeirinha, sapatilha. Você vai desequipado pra rocha pra morrer lá? Então isso diminui um pouco o leque [...]. (W.)

Os custos envolvidos na preparação e na prática da escalada podem ser proibitivos para alguns, ou até mesmo podem afastar alguns interessados sem que eles realmente cheguem ao GEEU para conhecer a escalada. Nem todas as pessoas sabem de antemão que o grupo oferece o material básico para escalar no muro, algo que é recorrentemente citado pelos novatos. E como observou F., existem também aqueles sujeitos que chegam a desenvolver certo interesse pela escalada, mas não querem se envolver mais profundamente, não chegarão a desenvolver uma carreira de *serious leisure* nesse meio. Esses sujeitos querem escalar com alguma frequência, ter um contato com as pessoas do grupo, mas, por algum motivo, não estão motivadas ou atraídas a tornarem-se escaladores.

3.3.5 - Tempo, compromisso e prioridades

Marinho (2001, p. 87) alega que na prática da escalada no GEEU “não se evidencia o caráter de obrigação, nem de dever”. Porém, as observações demonstraram um cenário oposto. Como já foi discutido, o voluntariado e a preocupação com a segurança no GEEU já são claros

demonstrativos de tal caráter de obrigação e dever. Para Stebbins (2007), o compromisso é uma atitude relevante em relação ao *serious leisure*, embora não chegue a ser um elemento definidor de tal. Ao senso comum, sentimentos de compromisso e obrigação no lazer podem parecer ilógicos (STEBBINS, 1992), mas o autor destaca o que ele chama de "compromisso positivo", ou seja, o investimento de tempo e energia no lazer dado pelos seus participantes (STEBBINS, 2007):

Depois que eu comecei a escalar, assim, de uma forma mais apaixonada, assim, né, querendo evoluir mental e fisicamente [...], isso me tomou (ênfatizando) muito tempo, assim, muito tempo. (F.)

Não sei se isso é assim em outro esporte, eu fico muito impressionado como muitas decisões minhas ficam envolvidas com a escalada. [...]o impacto que isso tem na sua vida é bem grande. (J.)

Os entrevistados foram unânimes ao afirmarem que dedicam muito tempo (e outros recursos) ao mundo da escalada, e que essa exigência, por parte do lazer, acaba influenciando outras esferas da vida. Tal dedicação é indicativo do envolvimento do sujeito com a atividade, e aqui acredito que esse fator também seja uma das características mais relevantes do *serious leisure*. Ao elevar a importância de sua prática favorita no cotidiano, o sujeito possivelmente está encontrando nessa prática, então, os elementos que ele anseia para sentir-se satisfeito e em plenitude. Isso acontece pois o escalador vê-se envolvido com a escalada em diferentes momentos de sua rotina:

De todos os finais de semana e feriados do ano, no mínimo oitenta por cento deles eu vou fazer coisas relacionadas à escalada, certamente. Bastante tempo, lendo coisas, participando de lista, discutindo com as pessoas, treinando no GEEU. Todas as noites [em 2012], todas as terças e quintas [venho] aqui no GEEU. (B.)

Realmente a escalada te suga, a sua leitura, as coisas que você assiste, a questão do dinheiro, passa a ser tudo dedicado à escalada, a equipamentos e viagens, até a questão de relacionamento influencia muito. (J.)

[...] a gente acaba gastando tudo o que a gente ganha na escalada, diretamente ou indiretamente, com viagem, equipamento. Investimento de dinheiro, tempo, todo final de semana ou feriado você acaba indo pra um lugar de escalada em vez de sei lá, ir passar com a família. (R.)

Ao inserir-se no GEEU, o participante pode assumir algumas responsabilidades, como monitorias e ações de intervenções. A princípio, observei que o compromisso dos sujeitos com o desejo de desenvolver as próprias habilidades não parecia ser tão evidente. De fato, não observei um sentimento de obrigação como aquele gerado pelo clima de competição entre os

ciclistas (VARGAS, 2010), que encaravam sua prática como um treino sistematizado e, para manter o condicionamento, saíam para treinar mesmo se naquele dia não estivessem com vontade. A impressão inicial era de que os escaladores atendiam muito mais, ou praticamente apenas, ao simples desejo de escalar. Mas os participantes fazem uma relação direta entre um maior desenvolvimento das habilidades e um maior desfrute da prática:

[...] se você não tá treinando, se você não tá escalando sempre, você não consegue escalar muito, então quanto mais você escala, mais você escala. As outras coisas eu acho que você consegue equilibrar mais. Eu me interesso bastante por arte, por exemplo, mas não é uma coisa que eu precise ficar todos os dias lendo ou alimentando esse desejo meu. Na escalada, já não. (B.)

[Se ficasse um tempo afastado da prática de escalada] Eu tentaria compensar esse tempo que eu não poderia vir escalar praticando de alguma forma, ou em casa ou de algum jeito, eu ia tentar treinar sempre pra não perder o nível que eu estou atualmente. (R.)

Mas o discurso de alguém que se afasta da prática por um período relativamente curto lamenta, também, o fato de estar ausente nas atividades tanto quanto o déficit no rendimento devido ao afastamento. Ou seja, o fato de não estar presente junto ao grupo ou nas idas aos picos, já significa, de modo geral, não ter o prazer da escalada. Isso transparece em falas como a de T., que, em resposta a um convite à rocha, disse: “[...] quero ir na pedreira esse fim de semana, faz muito tempo que eu não escalo e acho que não tô conseguindo subir nem escada. [...] Tô com saudade da turma, também”. Ou também, no caso de N., que mesmo com o ombro lesionado e já afastado há meses da prática da escalada, não deixava de visitar a pedreira nos finais de semana e o muro do GEEU, para reencontrar amigos e distribuir betas das vias. Afastar-se da prática da escalada corresponde a afastar-se também desse círculo de sociabilidades. Como ocorreu com N., essas lesões às vezes não afastavam o indivíduo do grupo. Mesmo sem poder escalar, alguns deles continuavam frequentando o muro, seja para a “escalada teórica⁵²”, ou apenas para “dar um ‘oi’ pra galera”. Um dos membros assumiu um horário de monitoria, mesmo afastado por ordem médica devido a uma lesão – “o médico disse que eu não posso escalar, mas não falou nada sobre fazer segurança”, brincou.

⁵² Não chega a ser uma gíria, mas é uma brincadeira referente àqueles que ficam conversando e “dando betas” sem escalar.

Isso indica que dificilmente alguém irá ao muro do GEEU para “treinar”⁵³, sem vontade, apenas pela obrigação de manter ou progredir em seu rendimento atlético. O compromisso com a escalada é demonstrado, então, através do empenho na prática em si, ou se preparando para ela, estudando a seu respeito, e outras atitudes do gênero (STEBBINS, 2007), que estão relacionadas tanto com a escalada em geral quanto ao GEEU. É o que Stebbins (2001; 2007) denomina por empenho (*effort*), uma característica do *serious leisure* que o participante deve empregar no desenvolvimento da prática no mundo do lazer significativo. Isto envolve aquilo que reconheço como os quatro valores do *serious leisure* que são desenvolvidos ao longo da carreira de lazer: conhecimento, treinamento, experiência e habilidade. Esses valores são adquiríveis, intercambiáveis e acumuláveis em uma prática de *serious leisure*. Stebbins (2007) refere-se brevemente a esses itens, mas as observações trouxeram alguns dados que auxiliam na construção desses conceitos, especialmente no que se refere à progressão que os participantes buscam em seu envolvimento com a atividade. Escaladores que estão há mais tempo envolvidos com essa prática detêm, de modo geral, mais conhecimentos sobre os variados aspectos da escalada, como usos e tipos dos equipamentos, picos, domínio da técnica, etc. A habilidade física também é adquirida ao longo do tempo e envolve a superação de algumas barreiras – alguns escaladores têm mais força e resistência muscular, enquanto outros são mais leves e flexíveis; algumas vias, da mesma maneira, exigem mais força (especialmente os *boulders*), enquanto outras exigem movimentos mais delicados e precisos. E para cadear uma via de graduação mais forte, habilidades deverão ser desenvolvidas através de treino e alguma dedicação. Mas, evidentemente, esse aspecto não trata apenas de capacidades corporais. Como dito, existem, além disso, muitos equipamentos para situações específicas, e muitas técnicas que são necessárias em possíveis ocasiões de emergência (acidentes, resgates, abandono de vias em caso de chuva ou falha das proteções, falha do equipamento, etc.). O domínio do uso desses elementos constitui um corpo de conhecimentos que também exige treino para que seja incorporado e aperfeiçoado. No caso do membro do GEEU, envolve também os demais compromissos e responsabilidades com o grupo:

⁵³ “Treinar”, aliás, não é um termo que alcança o consenso no grupo. Alguns, independente do nível de habilidade, dizem que vão “escalar”. Outros reservam o termo “treino” apenas à escalada em ambientes artificiais, de forma que o que se faz em ambiente natural, na rocha, é o “escalar”, de fato.

Boa parte do meu tempo livre é dedicado a isso, né. Inclusive tem outras questões rotineiras do grupo, sei lá, mandar e-mail... ver se nego não tá morrendo lá, se não tá subindo pra se matar lá de cima, essas coisas... comprar não sei o que lá, essas coisas tomam muito tempo, assim... reunião dali, reunião de cá... são coisas que eu preciso fazer mas não gosto de fazer, né? Então assim, num contexto geral, né, olhando, sei lá, organização do grupo, olhando as discussões dentro do grupo, olhando o tempo de escalada mesmo, acho que tem tomado bastante tempo, sugado bastante tempo. (F.)

Entre tudo, portanto, esse compromisso é determinado pela prioridade da escalada entre as atividades cotidianas. Naturalmente, ao elevar a importância da escalada entre outras esferas da vida, alguns assuntos caem em detrimento:

Assim que cheguei ao muro, o V. veio me dizer, empolgado, que agora está com mais tempo livre e que quer escalar bastante. Falou que quer viajar para o Cipó, que quer ir na pedreira pelo menos uma vez durante a semana. Perguntei se ele não pretendia ir na casa da sua família [em outro estado], pois ele já havia comentado sobre isso. Pensou um pouco e disse algo como ‘ah, to na pegada de escalar’ e riu [...].

Caderno de campo, 26/05/2012

Durante esse breve diálogo com o escalador V., citei sua já declarada necessidade de passar alguns dias na casa de seus pais justamente para tensionar a questão da prioridade da escalada em detrimento de outros aspectos da vida. Esse embate revela um lado potencialmente conflituoso do *serious leisure*, em que é justamente o tal “compromisso positivo” que se torna, em dadas condições, não tão positivo para o participante ou para seus próximos. Stebbins (1992), embora não aborde tanto essa questão, menciona a interferência do envolvimento com uma prática de *serious leisure* nos relacionamentos pessoais, especialmente os conjugais. O atrito entre duas importantes esferas da vida é demonstrado pela fala de F.:

Ah, não sei... eu anseio muito que eu conseguisse que minha namorada se apaixonasse também pela escalada, seria bacana, assim... porque a vida a dois é complicada. Tipo, passo muito tempo do meu tempo psicológico com ela, assim. Então seria muito legal se tivesse uma esfera [em comum] dentro da escalada, né. A gente podia, inclusive, fortalecer laços, também. Acho que seria bacana, assim. Não que os laços não sejam fortes o suficientes, enfim. É uma coisa que eu anseio bastante [...]. Ficaria mais fácil pra mim e mais fácil pra ela. Faria com que ela participasse mais no meu cotidiano e eu no do dela, também.

Stebbins (1992) também alega, brevemente, que há casos em que a estabilidade familiar é colocada em risco devido à dedicação exacerbada dispensada ao lazer, uma situação que ultrapassa a aceitação e tolerância relatadas na fala anterior. Durante o período da pesquisa, destaco três casos ocorridos com integrantes do GEEU que exemplificam a influência do

universo de lazer no universo das práticas conjugais: A., que havia iniciado na escalada há pouco mais de um ano quando começou a relacionar-se com alguém de fora da escalada, e pouco a pouco abandonou o GEEU; de D., que começou a escalar ao iniciar um namoro com M., que já escalava há alguns meses no GEEU; ou o caso de R., que declaradamente gostaria de estar mais presente nas idas à rocha nos finais de semana, causando um conflito de interesses com sua namorada. “Acho que vou arrumar uma namorada que escala”, disse-me R., cujo tom de brincadeira não ocultava uma preocupação real. Da mesma maneira, a prática aficionada da escalada também influencia as amizades e a relação com a família:

[...] tem sobrado muito pouco tempo pra outras coisas. Basicamente meu tempo fica em estudar... que é meu trabalho, digamos assim, é... (pensando), e... escalar, e aí, tipo, sei lá, tenho minha namorada também, minha família, que a gente conversa, a gente se vê, enfim, essas coisas. Então fica mais ou menos distribuído aí. Tem os amigos também, e tal. Ultimamente eu to com poucos amigos fora da escalada, né. (F.)

Além dos relacionamentos, o hábito de priorizar a escalada também acarreta no detrimento de outras práticas do cotidiano, ou, ainda, resultam na ressignificação delas. Elementos destituídos de sentidos ganham novos significados ao serem associados à experiência do lazer significativo:

Eu sempre fiz yoga, antes de escalar, depois que eu comecei a escalar eu fiz slackline, comecei a correr também. Mas são coisas que eu faço para melhorar a escalada, que se eu não escalasse acho que não faria. Eu corro mais quando eu tenho uma viagem programada, então eu começo a correr um tempo antes. Eu praticava vôlei mas foi diminuindo até parar de vez e a escalada tomar o lugar, e hoje às vezes eu jogo vôlei, mas acho que não vale a pena pois eu posso machucar e deixar de escalar por causa do vôlei. (J.)

Mas nem sempre o envolvimento com o *serious leisure* resulta em um “descontrole” de seu alcance no cotidiano. Em vários momentos, é necessário rever as prioridades pessoais, mas que geralmente levam o lazer em consideração. O *serious leisure*, nesse caso, não é necessariamente excluído ou abandonado, mas sim protelado ou reposicionado.

Agora em 2012, eu me programei para fazer uma pós e também para trazer minha namorada para morar aqui em Campinas, [...] a gente tinha um projeto de se casar e ter um bebê no ano que vem, então eu coloquei outras prioridades e decidi que esse ano de 2012 era o momento de dar um tempo na escalada. Até porque se eu continuasse insistindo com a escalada podia ser que o meu corpo [lesionado] não se curasse, e eu fiquei com receio de nunca mais poder escalar. Então eu dei um tempo, mas estou voltando aos poucos, não parei totalmente. Só que durante a semana eu não tenho tempo por causa da pós, só aos domingos que eu estou livre e não são todos, mas eu pretendo escalar eternamente... e participando do GEEU. (V.)

[...] escalada, se você deixar, você fica pensando o tempo todo nisso. Mas se você tem interesse em socializar com outras pessoas diferentes das do meio da escalada, conhecer lugares diferentes que não tenham a ver com a escalada, ou estudar coisas diferentes, ou que você goste do seu trabalho e queira estudar alguma coisa relacionada ao seu trabalho... você tem que de vez em quando abrir mão da escalada pra conseguir fazer essas coisas. Por exemplo, você vai fazer uma prova porque você tem interesse em fazer um mestrado, ou mesmo no meu caso, eu tava terminando a graduação. Ao longo da minha graduação eu não pude escalar no GEEU porque ele só abria à noite, ao final da graduação eu não pude ficar escalando porque eu tava fazendo minha monografia. Naquele período eu tive que colocar na balança e deixar a escalada de lado pra fazer aquilo que era prioridade na época. Acho que só escalada, não sei se é ruim, mas uma pessoa que faz somente uma coisa só, só pensa numa coisa, é uma pessoa chata né. Um cara que curta muito ir na igreja, sai de casa vai pro trabalho, sai do trabalho e vai pra casa e vai pra igreja, o cara só sabe falar ou no trabalho dele ou na igreja, na escalada as vezes acontece isso, e você tem que se policiar pra se inteirar em outros assuntos [...]. Eu gostaria, eu acho, de dedicar meu tempo pra outras prioridades. Antes, quando eu não escalava, eu achava meio chato assim. Eu saía com a galera e pensava “essa galera só sabe falar em escalada, mano, a galera só pensa em escalada, só pensa nisso!”. Hoje em dia isso já não me incomoda mais. (B.)

Para Stebbins (2007), as atividades de lazer podem apresentar um lado obrigatório que seus participantes compreendem e vivenciam como parte do lazer. Isso é evidente nas falas dos entrevistados, e está profundamente relacionado com os fatores atitudinais da escolha do lazer e seu caráter significativo. Todavia, tal envolvimento pode não fazer sentido para o sujeito que é externo ao universo da escalada. E, como não poderia deixar de ser, a imagem do profundo envolvimento e adesão remete à relação entre lazer e trabalho ou ao próprio caráter de trabalho da prática. Como é compreendido pelos próprios participantes:

Tem gente que se apaixona pela atividade e coloca aquilo ou como atividade principal ou logo abaixo do trabalho, [em] que o trabalho é mais uma necessidade pra sobreviver, mas nem ta querendo trabalho. Por exemplo, no caso do Rodrigo [Raineri] e do Vitor Negrete, eles colocaram aquilo numa intensidade máxima, então a pessoa progride mais rápido e atinge um nível muito maior. (W.)

[...] É um trabalho tipo trabalho de hobby, um trabalho gostoso. É como mexer com madeira, você não ganha a vida mexendo com madeira, mas tem gente que gosta de mexer com madeira. Mas tu encara como trabalho, senão a peça de madeira que você quer fazer não vai sair, né? [...] Acho que eu me imponho metas, e isso, assim, às vezes é meio saudável, às vezes não... Saudável porque às vezes ajuda a crescer ali dentro, mas às vezes não porque você fica sobrecarregando demais [...] com possíveis metas que ainda não foram alcançadas, ou que tão longe de serem alcançadas, enfim. Então nesse sentido, de enxergar a coisa como um trabalho acaba sendo um negativo. Mas eu entendo, eu entendo essa negatividade, eu consigo lidar bem com ela porque não é meu ganha-pão. Então se eu

não consigo chegar eu falo “azar, eu faço outra meta, mais baixa e pronto”, não preciso fazer isso. (F.)

Com isso, é possível perceber que os sentimentos de obrigação e dever são comuns e aceitáveis entre os participantes, ainda que sejam encarados de algumas formas variadas. Para Stebbins (2007), obrigação é um aspecto atitudinal frequente do lazer (especialmente do *serious leisure*), mas sua ideia é “subconceitualizada” (STEBBINS, 2007, p. 72). Essa obrigação aceitável pode, portanto, ser parte do lazer, a qual motiva o participante devido às suas expectativas de satisfação durante a realização da atividade.

3.3.6 - Usos do GEEU

Ao confrontar as diferentes visões dos participantes do GEEU através das falas das entrevistas e das observações em campo, evidencia-se uma gama de sentidos atribuídos à participação no grupo de escalada estudado. Em um primeiro olhar, o GEEU é um grupo de praticantes de escalada, de pessoas reunidas ao redor de um interesse central. Mas como já fora notado uma década antes, por Marinho (2001, p. 21):

No começo do surgimento do GEEU, o objetivo primeiro era o de escalar. A opção pelo lazer limitava-se ao interesse de escalar por escalar, mas, atualmente, tem se apresentado um pouco diferente. Todos os escaladores pesquisados afirmaram que o muro representa, da mesma forma, uma opção de lazer, no entanto, voltada para diversificados interesses: alguns se limitam a treinar para campeonatos; outros preferem ir ao muro só para bater papo, saber das novidades; outros, ainda, fazem do muro um ponto de encontro para ir às rochas ou a algum outro compromisso e alguns, por fim, gostam (e fazem) de tudo ao mesmo tempo.

Como dito pela autora, o GEEU é um lócus que cumpre variados papéis na experiência de lazer de seus participantes. Os diferentes sujeitos da pesquisa demonstraram diferentes opiniões sobre seu lazer, mas sem, realmente, destoar amplamente em como esse lazer se efetua. No grupo, a prática em si da escalada, seus benefícios e suas satisfações individuais, a oportunidade de envolver-se com o voluntariado e ações construtivas, de adquirir e expressar conhecimentos, habilidades e experiências, e a possibilidade do sujeito situar-se em um meio específico com interesses em comum são fragmentos da experiência rica e idiossincrática proporcionada pela existência do mundo social do GEEU.

O esforço dessa pesquisa é apresentar o que é possível encontrar no grupo de escalada, mas toda uma outra pesquisa seria necessária para compreender o que novatos e curiosos buscam quando dirigem-se ao GEEU. Já para os integrantes estabelecidos no grupo, as falas das entrevistas e, sobretudo, as observações de campo, confirmaram as palavras de Marinho (2001). Em geral, o muro é o espaço da prática da escalada, para ambientalizar-se entre outros

escaladores e, de maneira secundária ou como consequência disso, é também um local para encontrar amigos ou estabelecer novos laços de amizade: para B., a escalada é, além de tudo, “um esporte muito sociável”. O relacionamento interpessoal no ambiente do muro (bem da escalada em geral) está conectado a duas características determinantes do *serious leisure* (STEBBINS, 2007; 2009): a existência de um *ethos* (*unique ethos*) que emerge ao redor da atividade central e a oportunidade de o participante desenvolver uma identidade pessoal e social (*distinctive identity*). Para Stebbins (2007; 2009), *ethos* corresponde ao espírito de uma comunidade de participantes de uma determinada atividade de *serious leisure*, manifestado através de atitudes, práticas, valores, objetivos e crenças compartilhadas entre esses participantes. Mais que isso, tal *ethos* representa uma rica subcultura – como a que enxergamos ao olharmos todo o universo da escalada. Nesta subcultura, a partir do *ethos*, oportuniza-se também a formação de uma rede de sociabilidade.

O pessoal do GEEU geralmente é muito gente boa. A escalada é uma coisa que eu gosto de fazer, mas eu também venho aqui pra parte social, né. Acho que as pessoas do grupo são muito importantes. Do meu ponto de vista, os grandes amigos que eu fiz recentemente foram na escalada... fora isso, não tenho muitas grandes novas amizades fora desse quesito [...]. (L.)

Eu acho que eu escalaria mesmo que não tivesse essa parte social forte assim, eu até gosto de ir e fazer a escalada sozinho, mas eu acho que a parte social é um ponto forte também. (J.)

Assim também vê Magnani (2002, p. 22) ao observar grupos de lazer, cujos integrantes “vão até lá para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças. [...] é assim que essa rede da sociabilidade vai sendo tecida”. O código de ética universal, a identificação entre os praticantes, as representações visuais expressadas nas fotografias e nos vídeos, os picos clássicos ao redor do globo, as notícias das últimas cadenas dos mitos da escalada, dentre tantos outros elementos que são universais no âmbito da escalada – e só da escalada – nos fazem pensar como as inúmeras outras atividades de *serious leisure* criam, igualmente, inúmeros outros universos de práticas e símbolos compartilhados em subculturas de lazer. Mas não basta apenas que os participantes estejam localizados sob a aura da escalada para que exista uma associação natural entre os sujeitos. Por se tratar de um mundo social, a escalada também conta com seus subgrupos sociais que facilitam ou distanciam a aproximação. Uma interessante observação foi feita por J., que, em entrevista, relatou:

[...] tem um espectro de escalador, [e] o tamanho da rocha é inversamente proporcional à sociabilidade, e isso é consistente em todos os lugares do mundo em que eu fui. Você está escalando um lugar, por exemplo, onde tem alpinismo, clássica e boulder, e todo mundo acampa em um lugar. A galera do boulder é a mais social, vive agitando, fazendo festa, tal. E isso vai de grau em grau: boulder, depois escalada esportiva, escalada tradicional, em móvel, né, e alpinismo. Isso é bem legal, assim. E eu percebi que o individualismo aumenta conforme o grau aumenta também. Acho que é uma simbiose, acho que as pessoas mais individualistas são mais propensas a se identificar com as práticas mais individualistas, e a própria prática direciona isso. (J.)

Isso remete, ainda, ao aspecto da construção da identidade. Fruto de todas as demais características do *serious leisure*, a identidade do escalador ou praticante de escalada é praticamente uma catarse proporcionada pela experiência do lazer significativo. Curiosamente, Stebbins não dedica muita atenção a essa relevante característica. Jones (2000) alega que aquele autor negligencia a importância da identificação e, conseqüentemente, da identificação social que o *serious leisure* provê aos participantes. Não restam dúvidas sobre a construção da identidade do escalador, cunhada sobre as próprias expectativas e realizações e reconhecida pelos seus pares, bem como por aqueles que não pertencem ao universo em questão.

Adentrar o GEEU como um integrante a ponto de sentir-se plenamente parte do grupo e tendo as bases para a construção de tal identidade exige, do participante, uma inserção junto ao grupo. Alguns dos entrevistados, que atualmente são membros atuantes e participativos no GEEU, relembram suas chegadas ao grupo e o processo de inserção:

Eu achei que foi mais demorado do que eu esperava, [...] [comparado às] experiências anteriores em outros grupos. Mas foi no sentido de não estar muito à vontade com, sei lá... eu não gosto muito da parte do top-rope, e na época o boulder não tinha os colchões direito... então você precisava se enturmar mais com as pessoas pra pedir seg, compartilhar colchão e tal... Então foi mais essas coisas, eu não gostava muito da parede e da estrutura (inaudível). Eu acho que se o boulder tivesse as coisas direitinho eu ficaria mais à vontade. (J.)

Quando cheguei foi tipo, tinha umas 3 pessoas, mais ou menos, que era o R., o L. e o L. [...]. Esses caras me parecem pessoas muito legais assim. E enfim, tipo, ficava mais assim xeretando eles, né, ficar mais perto, puxava assunto na medida do possível, e tal. E foi com eles que eu fui me enturmando [...]. E eu não sei, nunca tive muita dificuldade pra me enturmar com as pessoas, assim. [...] Salvo alguns membros mais velhos [...] que você, sei lá, você tem algum certo respeito, você sente uma certa dificuldade de aproximar. Mas isso com o tempo também acabei aproximando. (F.)

Além disso, ao pensar no GEEU como um grupo situado em um ambiente universitário e, como falado, formado em considerável parte por pessoas vinculadas à Unicamp, também pensamos que ele é mais um espaço de sociabilidade dentro do *campus*. Sempre pude

observar grupos de amigos que iam ao GEEU apenas para fazer algo diferente durante a semana, ou alguém que experimentava a escalada cedendo à insistência de algum amigo já escalador. Essas manifestações de lazer casual, tidas como uma vivência efêmera e ocasional, são distantes de todos os aspectos da experiência de lazer apresentados nesse texto. Embora, para alguns, uma permanência junto ao grupo represente também alguns sentidos importantes que não têm como interesse primordial a prática da escalada:

Ah, acho que uma coisa que o GEEU tem como papel sem ser escalada, como grupo, ele é a mãe assim dos avulsos da Unicamp, né. Pessoal que vem fazer mestrado de outro lugar, que não conhece ninguém, pessoal que vem... tipo eu que acabei a faculdade e voltei pra Campinas... Ah, “meus amigos moram longe, pra onde eu vou?”. Então GEEU é meio que uma mãe nesse sentido. Você vê muitos gringos que vão pro GEEU porque os caras estão lá perdidos, os avulsos da Unicamp, e não têm muito o que fazer e vai no GEEU, conhece a galera e acaba se enturmando com o pessoal da Unicamp, assim. (L.)

Exatamente dessa maneira, P., estudante estrangeiro ingressante em um curso de mestrado na Unicamp, encontrou no GEEU mais que uma nova prática corporal, mas um grupo de pessoas com quem poderia integrar-se:

Hoje conversei um pouco com o P., um [estrangeiro] que veio ao Brasil para fazer o mestrado e que parece ter encontrado algum acolhimento no GEEU. Tem ido bastante ao muro, algumas vezes nem vai para escalar. Ele já fez alguma amizade com o H., e hoje os dois estavam chamando o pessoal para ir a um forró [...]

Caderno de campo, 27/03/2012

E em nota mais recente, de agosto do mesmo ano:

Estava tomando café na saída do RU e encontrei o P., e parei para conversar um pouco com ele. Ele estava falando sobre alguma festa que foi com seus companheiros de laboratório, e disse que eles não são um bom grupo para sair junto, que as ‘conversas são sempre chatas’. Brinquei dizendo que ‘a gente da escalada é mais legal’ e ele concordou rindo, dizendo que realmente gosta de sair ou viajar com o pessoal do GEEU. Nunca estive com o P. na rocha [escalando], mas ele é presença constante com o pessoal da escalada nas noites [...]

Caderno de campo, 08/08/2012

O caso de P. é um exemplo de algo comum no GEEU, em que o muro deixa de ser o local da prática corporal e passa a ser um ponto de encontro entre amigos. Este é um fator que comprova que o GEEU é utilizado como um espaço de sociabilidade e convívio. Como ocorrido com P., os sujeitos também fogem de seus grupos de trabalho, estudos ou família, para encontrar

pertencimento eu seu grupo de lazer, onde encontram outras preocupações que não aquelas do cotidiano.

Ao falar de “sociabilidade” no grupo de escalada, resta uma sensação de que esse é um dos fatores mais importantes do GEEU. Mas, além de ser algo que agrega grande valor e significado à experiência de lazer, o convívio com outros escaladores também possui seus reveses. Em alguns momentos, o escalador deseja, apenas, destacar-se de todos esses valores anexos da escalada e concentrar-se em seu momento particular junto à ação de escalar:

Geralmente, quando eu estou indo escalar em São Bento, tá sempre indo o pessoal que tá começando. Daí eu vou escalar sabendo que eu vou ter que montar [equipar] uma via fácil pro pessoal subir e eu acabo deixando de lado alguns projetos que eu tenho, de escalar uma via que eu não consegui ainda. E às vezes isso pode atrapalhar um pouco a vontade de escalar, por ficar em função dos outros e não ter como fazer minhas coisas. (R.)

Eu observo que, sei lá, quando vou com menos pessoas pra rocha, assim, eu consigo concentrar mais ou consigo extrair mais daquele momento assim, sabe? Às vezes vai muita gente, naturalmente você acaba dando atenção pra muita gente, tal, e fica mais aquele momento piquenique assim, aquele momento... eu não sei, cara, assim, é como se fosse um dia de trabalho assim, sabe? É “eu vim cá fazer esse objetivo e vai ser feito...”. (F.)

Jones (2000) também sugere mais uma característica ao *serious leisure*: a importância da filiação a um grupo. Essa qualidade é um mais um elo entre a identidade social e o *serious leisure* (JONES, 2000) e é também uma das características mais relevantes observadas no grupo de escalada. Fruto dessa filiação, o grupo de praticantes de escalada cumpre a função de um *locus* de sociabilidade, construção de identidade e estilo de vida ao seu integrante, sendo isso até mais significativo do que os próprios desafios e prazeres oferecidos pela prática da modalidade esportiva em si. Somado à existência de um *ethos* (STEBBINS, 2007; 2009), clarifica-se a aproximação entre a definição do GEEU como um universo de práticas e as impressões desse grupo baseadas no *serious leisure*. A partir desse conjunto de significantes culturais particulares, cria-se uma rede de trocas através do interesse comum da escalada, que oportuniza aos seus participantes o pertencimento a um grupo que extrapola a notação de “grupo de escalada” a partir do momento em que as relações começam a tocar outras esferas, sejam no espaço do lazer ou não.

Proponho, ainda, outra característica, que está diretamente relacionada com os aspectos da identidade e filiação ao grupo e é fruto da maneira como cada indivíduo se posiciona no mundo da escalada e do GEEU: a formação e manutenção de um estilo de vida relacionado ao lazer. Minha pesquisa anterior com um grupo de ciclistas (VARGAS, 2010) revelou que muitos

desses praticantes cultivavam uma rotina que mimetizava a rotina de um atleta profissional, através de um cotidiano de treinamentos, investimentos financeiros e de tempo significativos ao assunto de preferência, privando-se de certas rotinas “desregradas” e que colocavam o condicionamento físico em risco. Ao redor disso, criava-se um estilo de vida calcado na imagem do mito, do competidor de alto rendimento. Entre os escaladores, não constatei esse tipo de idealização tão pronunciado, embora os grandes nomes da escalada sejam, de toda maneira, uma referência a certos hábitos e/ou comportamentos⁵⁴. Mas entre esse grupo, a prática de lazer também é determinante no estilo de vida, em que os símbolos e elementos da escalada não ficam reservados ao momento da escalada em si. Esses elementos demonstram que a existência em grupo e o exercício de uma identidade forjada dentro de um universo com seu ethos e suas idiossincrasias são um fator fundamental na formação de um mundo social como espaço coletivo da experiência de lazer.

3.4 - Uma noite de quinta-feira no GEEU

O texto a seguir é uma composição feita a partir de diversas passagens dos cadernos de campo. Embora não faça referência a um dia específico, pois não há nos cadernos nenhuma descrição verídica tão completa quanto essa, os eventos apresentados descrevem fielmente o cotidiano do muro de escalada e fatos ocorridos com o pesquisador em uma noite de escalada no GEEU, especialmente entre fevereiro e agosto de 2012. Nesse período, eu já gozava de um pleno entrosamento com os integrantes do grupo e de uma frequência de quatro visitas semanais ao muro, em média. Apresentarei diversos detalhes que demonstram as particularidades da prática da escalada no GEEU e do convívio entre os seus integrantes.

Às 18h, reúno meus pertences de estudos que estão espalhados em uma sala da FEF. Desligo o notebook e o guardo na mochila, dividindo espaço com a cadeirinha, saco de magnésio, um par de chinelos e uma bermuda. As sapatilhas de escaladas Mad Rock Joker, brancas com bolinhas pretas, estão penduradas por um mosquetão velho na parte externa da mochila. É uma quinta-feira, o clima está fresco e há um pouco de vento. Caminho rapidamente para o Restaurante Universitário, mais conhecido como “bandejão”, onde já sei que vou encontrar dois

⁵⁴ Vide o fato envolvendo o gengibre no café da manhã, mencionado no capítulo I.

amigos do GEEU. Enquanto jantamos, conversamos assuntos diversos e não falamos nada sobre escalada. Sem muita pressa, um deles diz “e aí, vocês vão pro muro hoje?”. Respondo que sim, que “hoje quero treinar resistência”. O outro amigo diz que vai “dar um pulinho na Biblioteca Central pra procurar um livro” e que depois vai “descer lá pro muro”. Tomamos um café na saída do bandejão e nos dirigimos para a FEF, enquanto o outro amigo vai cumprir suas últimas obrigações acadêmicas do dia na biblioteca. Na caminhada de poucos minutos que nos separa do muro de escalada, falamos sobre algumas discussões recentes na lista de *e-mails* do GEEU e como um dos membros se exaltou por ter se sentido ofendido, por algum motivo. “Hei, você viu o que rolou na lista hoje?”. Faço uma parada em um banheiro para escovar os dentes e vestir a minha bermuda.

Ainda de longe, vejo que o muro está bem cheio. São 19h30min. Há muitas pessoas tanto em frente à parede quanto no *boulder*. Um grupinho de rostos desconhecidos está atrás da arquibancada, provavelmente são novatos. Por um lado, sinto um desânimo por ter tanta gente, o que vai acabar me distraindo e atrapalhando os objetivos do meu treino de hoje. Por outro, empolgo-me pela possibilidade de uma noite agitada. Ao chegar ao muro, paro por um ou dois segundos no topo da pequena escada de dois degraus que passa por baixo do negativo. Olho para cima para certificar-me de que ninguém está nas primeiras placas do negativo, afinal não quero levar um susto com alguém caindo na minha cabeça. Desço os degraus e começo a cumprimentar um a um. Há um novato que eu conheci na semana anterior, mas cujo nome eu não me lembro. Está sentado bem no canto da mureta, sem cadeirinha. Aparentemente acabou de chegar e está meio sem jeito. Depois, um casal de novatos que eu mesmo recepcionei há alguns dias. Digo que é bom vê-los de volta ao muro. Adiante, um dos monitores está conferindo a lista de semestralidades com o tesoureiro, e atrás deles o outro monitor está fazendo segurança para alguém. Cumprimento todos. Sigo andando através do muro, e diante da corda do meio há três escaladores lendo uma via. Esses são alguns dos meus principais companheiros de rocha, e cumprimento-os com um “oi” rápido para não atrapalhar a leitura da via. Dois deles estão de chinelos, enquanto um está calçado com as sapatilhas. Provavelmente é o próximo na fila dessa corda. Mais à frente, o amigo que jantou comigo já está apresentando o GEEU para um grupo de quatro ou cinco novatos (aqueles que eu vi de longe), enquanto folheia o caderno de assinaturas em busca das páginas em branco. Outro escalador está por perto envolvendo as articulações dos dedos com esparadrapo, para evitar lesões. A imagem dos escaladores fazendo isso transparece

algo meio ritualístico, como parte da preparação. Volto-me para o muro e há dois outros companheiros de rocha fazendo travessias, e cumprimento ambos com tapinhas nas costas. Há pessoas espalhadas por todos os lados, e vou simpaticamente distribuindo “oi” para todo mundo. Encontro um espaço na mureta para deixar minha mochila, volto-me para a parede e olho para cima para ver quem está escalando. Vejo alguém que estava há meses sem ir ao muro em uma das cordas, parado, pedindo betas para o seu seg. Ele me vê e eu grito “ih, não acredito quem está aqui!”. Aproximo-me do *boulder* e apenas aceno para quem está mais perto. O pessoal do *boulder* parece bem entretido com um escalador forte mandando um problema aparentemente muito difícil. Não aperto a mão de ninguém, pois como ali o rodízio é rápido, todo mundo sempre está com a mão “suja” de magnésio. Na verdade, não cumprimento ninguém pois todos estão com as atenções realmente voltadas para o que acontece diante deles.

Volto para a minha mochila para pegar meu “equipo”. Um casal de escaladores que conheço bem está por perto e perguntam um desprezioso “e aí? Vamos escalar?”. Respondo que “hoje é dia de escalar até os dedos caírem”. Como jantei há poucos minutos, não tenho muita pressa em colocar minha cadeirinha e começar. O outro amigo que estava conosco no bandeirão chega ao muro. Alguém passa diante de mim com uma chave *allen* 5mm para apertar o parafuso de alguma agarra que girou. Um novato está ao meu lado procurando sapatilhas na caixa. Ele precisa de uma cadeirinha também, mas o GEEU só tem oito delas e todas já estão ocupadas. “Vai ter que revezar”, eu comento, mesmo sem ele ter perguntado nada. O monitor passa por perto e comenta “nossa, hoje tá cheio de novatos, você me ajuda com a seg aí?” e eu respondo, brincando, que “eu não vou ajudar nada não”, enquanto sento na arquibancada. Embora eu não vá calçar minhas sapatilhas agora, tiro os tênis e calço os chinelos. Esperei por esse alívio para os pés o dia todo.

Ponho as mãos no joelho para levantar-me, mas interrompo o movimento para olhar ao redor. Creio que há quase trinta pessoas só na parede, e talvez mais uma dúzia no *boulder*. Está realmente cheio. Levanto-me e vou para perto do negativo, onde acho que estão precisando de alguém para fazer segurança. Uma amiga escaladora já assumiu a corda. “Pode deixar que eu faço. Depois você faz pra mim? Quero dar um peguinha hoje, quero malhar aquela via azul ali”. “Beleza”, respondo, no exato momento em que aquele membro que passou com a chave *allen* pede para que eu segure tal ferramenta enquanto ele testa a agarra que acabou de ajustar. Sento ao

lado da amiga e pergunto sobre alguma ida à rocha no fim de semana. Ela fala alguma coisa sobre escalar em algum lugar que eu não conheço. Eu nem presto muita atenção, pois nesse exato momento eu reparo que alguém está fazendo a segurança de um jeito estranho, para não dizer incorreto. É um escalador que está há cerca de um mês no GEEU, mas que já tinha experiência anterior. Corrigir um iniciante é simples. Mas aconselhar alguém que já faz isso há tempos exige algum cuidado. Já presenciei até algumas discussões mais acaloradas no muro, entre dois escaladores experientes, sobre o uso dos mosquetões. Eu não sei o nome dele, mas me aproximo e digo “amigo, beleza? Cara, aqui no GEEU a gente preza por manter a mão de baixo sempre pra baixo, ok? Desculpa o toque aí, mas é pela segurança...”. Algumas pessoas chegam ao muro acostumadas com equipamentos automáticos⁵⁵ e acabam sendo um pouco displicentes, muitas vezes apenas por falta de informação. Volto para o lugar em que eu estava sentado, ao lado da amiga. Ela fala comigo e com outro amigo alguma coisa sobre hoje ser um dia bom para ir comer um hambúrguer e tomar algumas cervejas “com o pessoal” no Trash, depois do fechamento do muro. Isso tem sido praticamente uma tradição nas quintas. Fico observando alguém no topo de uma via e desvio o olhar para o céu estrelado. O dia não foi muito bom, mas a noite está agradável. Estou entre amigos e vou escalar.

Dali alguns minutos, assumo o freio da corda da esquerda para fazer segurança para a escaladora. Ela não vai mal, mas cai várias vezes no crux da via e a cada vez que ela falha eu ouço uma reclamação diferente: que está com o corpo frio, que a agarra está “babada” (úmida de suor), que o magnésio está acabando, que a sapatilha está meio larga no pé. Eu grito algo como “para de mimimi! Você tá indo bem, é só fazer o movimento!”.

Quando ela desce (sem ter conseguido passar pelo crux), eu faço alguns elogios e procuro me afastar rapidamente dali. Quero escalar, mas primeiro tenho que aquecer. Aprendi que posso ter um rendimento muito melhor se estou bem aquecido. Começo a fazer uma travessia um pouco desleixada, pegando em agarras fáceis. Alguns movimentos depois, começo a prestar atenção na conversa de alguém, que está falando sobre uma via do negativo. É uma via que eu gosto e que já domino bem todos os movimentos, mas falta a cadena. Abandono a travessia e interrompo a conversa alheia dizendo, empolgado “vamos malhar essa via? Vou aquecer e depois

⁵⁵ Existem alguns tipos de freios autoblocantes que impedem que a corda corra pelo freio mesmo que o segurança não esteja segurando a mesma.

a gente entra nela”, combino. Volto para a travessia, agora mais concentrado. Prossigo nesse exercício por alguns minutos, tendo que desviar de quem está escalando nas cordas ou de outras pessoas que também estão fazendo travessias. Em dado momento, pego em uma agarra que me faz lembrar outra via que estou “malhando”. Pauso nessa posição por alguns segundos, respiro fundo e decido tentá-la antes do negativo. Vou para a corda do meio e pergunto para quem está fazendo segurança: “e aí, tem próximo?”, e o sujeito, membro antigo do GEEU, responde: “o próximo é você!”. Fico surpreso por esta sorte em um dia tão cheio. Ato-me à corda, fechando o mosquetão no *loop* da cadeirinha, e confiro tudo duas vezes. Pergunto para o seg: “tudo ok?”. Paro diante da parede, na saída da via. Enquanto respiro fundo para concentrar-me, olho para as agarras, fazendo uma leitura rápida para relembrar-me da via. Volto-me para o seg, que está olhando para mim e me incentiva: “se cair eu te solto, hein!”. É uma brincadeira, claro. Acho que esqueço de rir, pois estou distante, pensando no crux, enquanto enfio as mãos no saco de magnésio. Passo muito mais magnésio nas mãos do que é necessário, mas isso faz parte do ritual necessário antes de escalar. Esse ritual, para mim, consiste em chacoalhar os pés, balançar a cabeça para os lados, exagerar no magnésio, soprar o excesso de magnésio nas mãos, sacudir os braços para baixo e repetir todo o processo quantas vezes forem necessárias até que eu me sinta concentrado. Respiro duas ou três vezes profundamente, e na última expiração procuro relaxar os ombros. Posiciono as mãos nas primeiras agarras, e faço o mesmo com um dos pés. Digo ao seg “escalando!” e, com um pequeno impulso do tornozelo do pé que está no chão, começo a escalada. A via inicia com um delicado trabalho de troca de mãos em uma agarra abaulada, que às vezes não consigo fazer. Passo por essa parte surpreendentemente sem muitas dificuldades, e sigo na via. Penso apenas nas agarras, no magnésio, no posicionamento dos pés. Quando eu era um iniciante, eu pensava também na altura e conferia quase que obsessivamente se o mosquetão estava fechado a cada movimento que eu realizava. Mas agora consigo permanecer mais concentrado, sem apertar excessivamente as mãos e tendo mais confiança no posicionamento dos pés sobre as pequenas agarras. Estou em uma via graduada em 7b, que nunca cadenei, mas que venho tentando há algumas semanas. O que me distancia de um iniciante, nesse momento, é que sei como economizar minha energia, como posicionar meu corpo de maneira pouco óbvia, como manter o equilíbrio. E claro, sou capaz de travar em um pequeno reglete, com as mãos em forma de concha. E assim é o crux: uma sequência de regletes com pés altos, que exigem equilíbrio e

um pouco de força. Apenas uma fração da minha atenção está voltada para a corda, para o seg ou para quem escala nas cordas que estão em ambos os lados. Alguém grita “Vai! Boa!”, mas não sei se é para mim. Pouco importa. Gosto de escalar com as pessoas olhando, sinto-me motivado, mas prefiro que elas permaneçam quietas, sem gritar betas ou incentivos.

Consigo fazer o movimento do crux. Saindo dele, pego em uma agarra um pouco ruim, mas grande e que me permite descansar um pouco. Passo magnésio nas mãos e posiciono pé direito sobre uma agarra que está na altura do meu quadril para fazer os últimos dois movimentos da via. Eu poderia fazer isso de outra maneira, sem subir o pé tão alto, mas para a minha estatura essa decisão é razoável. Em uma fração de segundo, sinto a agarra sobre a qual estou pisando se mover; tento aliviar o peso sobre o pé mas a agarra que estou segurando com ambas as mãos é ruim demais para que eu possa me sustentar nela. A agarra de pé acaba girando um pouco eu caio. Logo após o crux. Já caio com as mãos na cabeça, soltando um palavrão e gritando para qualquer um que estiver ouvindo: “Girou! Pode me descer! Não, espera, joga a chave aí pra mim”. Um dos membros ouve o pedido e diz que vai pegar a ferramenta. Enquanto aguardo, fico olhando a via, sentindo um misto de satisfação e frustração. Passei o crux mas não cadenei. O colega escalador arremessa a chave *allen* para mim, e eu só consigo pegá-la na segunda tentativa. Aperto o parafuso da agarra com um pouco de raiva, culpando-a por ter perdido a cadena daquele 7b. O movimento do crux, cheio de regletes pequenos, é doloroso demais para as articulações dos dedos e prefiro deixar outra tentativa para mais tarde. Peço para o seg me descer. Uma vez no chão, procuro tirar as sapatilhas, apertadas, o mais rápido possível, enquanto respiro esbaforido sentado sobre a mureta. Penso que seria bom esparadrapar os dedos em uma próxima tentativa nessa via, para não forçar tanto as falanges. Continuo sentado por alguns segundos e sinto um desânimo. Mas lembro que meu objetivo hoje era realizar um treino de resistência. Muitos estão habituados a fazerem seus treinos de resistência, mas, honestamente, acredito que quase ninguém saiba, nem eu, exatamente o que isso significa. Para mim e para a maioria dos escaladores do grupo, isso corresponde a treinar em vias mais fáceis, mas por mais tempo e mais vezes. Assim, vou para próximo do negativo.

“E aí, vamos trabalhar esse ‘negas’?”, é o convite que recebo de uma escaladora que ali está presente. Como ela já estava pronta e descansada, faço segurança para ela, e minutos mais tarde, para outros dois escaladores. Em seguida, um iniciante ousou querer experimentar o negativo logo em seu primeiro dia. Eu digo que ele pode tentar sem problemas, mas que se ele

cair logo no começo, vai “ficar pendulando até amanhã. Tem certeza?”. Assim, ele desanima e eu fico um pouco aliviado, discretamente, pois já estava ansioso para escalar o negativo. Uma das pessoas para quem fiz segurança se oferece para assumir o freio e assim começo a escalar. Sigo todo aquele ritual de sacudidas de pés e mãos, magnésio e respiração. Ao chegar à primeira placa, realizo um movimento longo para alcançar logo o “telefone”, uma agarra em formato de alça, parecida com um fone de um aparelho de chamadas antigo. De canto de olho, vejo que chega mais um grupinho de novatos. É fácil identificá-los: chegam juntos, um pouco receosos, sem saber exatamente a quem devem se dirigir. Enquanto estou com o corpo posicionado horizontalmente abaixo do teto do negativo, segurando apenas por uma mão enquanto enfio a outro no saco de magnésio, percebo que um dos recém-chegados aponta para mim, talvez surpreendidos. “Nossa, olha o cara ali!”. Por um pouco de exibicionismo, realizo um movimento muito plástico, torcendo todo o corpo para alcançar uma agarra alta e permitindo que meus pés escapem das agarras que estavam apoiados. Por uma fração de segundo, valho-me apenas das mãos e braços para manter-me pendurado no negativo. Para os leigos da escalada, deve parecer que eu estava fazendo algo muito difícil. Para mim, nem tanto. As agarras que eu segurava eram tão “boas” que, como costumamos dizer, “dava pra dormir nelas”.

Prossigo em meu treino, escalando o negativo mais seis ou sete vezes ao longo da noite. Nos intervalos entre as escaladas, como uma maçã, busco e bebo água, converso com alguém. No fim, estou tão cansado que já quase não consigo mais manter a mão fechada segurando as agarras, nem mesmo as melhores. Há um pedaço de pele insistindo em abandonar o meu dedo médio da mão direita, cortesia de uma agarra muito áspera no teto do negativo. Alguém se despede dizendo que já são quase dez e meia. Quase todos os iniciantes já foram embora. Alguém pergunta em voz alta “E aí, vamos fechar o muro e bora pro Trash?”. Alguns ainda querem escalar mais uma via, outros, que chegaram mais tarde e que estão no *boulder*, parecem nem ter ouvido o chamado. Eu, dado por satisfeito, vou para perto da minha mochila e retiro minha cadeirinha, como em um gesto que sinaliza que por hoje não quero mais escalar nem ficar “por conta” de fazer segurança. Guardo todo meu equipamento, mas continuo de chinelos. Só calçarei o tênis logo antes de partir.

Não mais que cinco minutos depois, começamos a desfazer os nós das cordas. Retiramos os freios, mosquetões e colocamos todos juntos sobre a mureta. O monitor junta

algumas sapatilhas do GEEU que estão espalhadas, bem como algumas cadeirinhas; “tem que lembrar de pedir pro povo pra guardar quando terminar de usar”, reclama. Retiramos as cordas de escalada puxando-as por uma corda mais fina, o cordim, atadas por um nó. Com a ajuda de quase todos que estão presentes diante da parede – agora apenas uns oito – guardamos no armário tudo que é do GEEU. Alguém esqueceu um agasalho. “Deixa no armário, depois eu lanço na lista”, diz um dos monitores. Alguém se despede, desculpando-se por não poder ir ao trailer conosco hoje. Algumas pessoas continuam escalando no *boulder*, mas como o único pertence do GEEU que eles usam são os *crashpads*, que são guardados dentro da estrutura do *boulder*, o monitor já pode trancar o armário. “Depois eu colo lá”, diz alguém enquanto retira esparadrapos dos dedos. Já são quase 23h quando nos dirigimos à saída da FEF, fazendo uma parada em uma torneira que fica próxima ao estacionamento, para lavar as mãos. Quatro pessoas ficaram no *boulder*, terminando seus treinos e começando a guardar seus pertences. Saindo da FEF, subo na minha moto e vou para o Star Trash, enquanto os demais vão a pé. É uma caminhada de cinco minutos, não mais. Como cheguei primeiro, já aviso que “hoje tá vindo muita gente” e o garçom junta duas mesas. Alguns do grupo já são conhecidos pelo pessoal do trailer. Quando os escaladores chegam, todos se sentam e alguém pede duas cervejas e o cardápio, embora cada um já saiba o que vai pedir. Com muita fome, já peço direto no balcão um hambúrguer completo. Volto à mesa. A conversa à minha esquerda é sobre escalada, aparentemente algo sobre uma nova corda que alguém comprou, que é mais leve e de menor espessura. À direita, falam sobre um filme de ação recém-lançado no cinema. Olho através da mesa e meu olhar cai sobre um iniciante que já está bem entrosado no grupo. Lanço algum elogio pelo seu progresso, e comento sobre como ele consegue entrar em vias que não são tão básicas já em sua terceira semana de escalada. Na verdade, meu elogio é dirigido à maneira com que ele está se envolvendo com o GEEU e com as pessoas do grupo. Aos poucos, alguns outros membros que ficaram no *boulder* chegam e juntam-se a nós, bem como outros dois escaladores que não estavam no muro hoje, mas que sabiam que estaríamos ali para um lanche. Com uma mesa totalmente composta por praticantes de escalada, podemos usar livremente os termos técnicos mais intrincados nas conversas. O iniciante não deixa de perguntar sobre aquilo que ele não entende.

Alguns vão embora, outros continuam até o fim. Estou entre esses. Pouco antes de 1h da manhã, pagamos a conta e nos despedimos. Já temos a escalada para o fim de semana combinada, em um pico em outra cidade, a já organizamos os carros e caronas. Além disso,

graças às explicações de alguém, aprendi uma ou outra coisa nova sobre a parte técnica da escalada e ouvi algumas boas histórias. Mas também conversamos muito sobre assuntos totalmente alheios à escalada. Na próxima quinta-feira, sem dúvidas, todo esse roteiro se repetirá.

4 - Considerações Finais

Naturalmente, muitos fatos pareceram estranhos em minhas primeiras semanas de observação. Ao fim da pesquisa, como apresentado no texto, posso estabelecer uma compreensão mais total daqueles fatos estranhos. Alguns são muito específicos da escalada, enquanto outros parecem estruturais e universais na experiência do *serious leisure*. Leigos e observadores externos muito provavelmente sequer suspeitam que muitos desses fatos são dotados de tantos sentidos e significados. Assim, apresento, a seguir, as primeiras impressões (dos primeiros seis meses de observações) e retomo o estranhamento inicial em campo, incluindo alguns daqueles elementos que mais tarde viriam a revelar outros significados. A opção por apresentar esse relato na parte final da pesquisa pode parecer paradoxal. Mas, neste momento, o leitor já está familiarizado com as peculiaridades da prática da escalada e as formas de adesão pelos seus aficionados⁵⁶.

“Sapatilha tem que ser bem apertada no pé. Mas bem apertada mesmo”. Enquanto a monitora propagava esse mito para mim, eu revirava os calçados do GEEU em uma caixa de plástico, igual àsquelas de transportar frutas no mercado. Procurava alguma que não tivesse um furo na ponta, ou que não estivesse com a sola solta. Fiquei um pouco descontente, admito, pois o *site* do grupo dizia que eles tinham todos os equipamentos, e eu estava procurando por uma sapatilha “bem apertada” numa caixa praticamente cheia de lixo. Hoje compreendo que as sapatilhas disponíveis no GEEU são tão velhas por três motivos: primeiro, não são itens de segurança, então não há problema se estiverem velhas; segundo, elas foram doadas por escaladores quando já estavam bem gastas e não serviam mais para o uso na rocha; e terceiro, como todas as pessoas que *fazem* o GEEU têm suas próprias sapatilhas, ninguém se importa, na prática, em como estão as condições das coisas naquela caixa, voltadas para os iniciantes. A minha favorita era um modelo bem simples da marca Quechua, cujo solado já apresentava alguns buracos que eu tentei, em vão, tapar com fita *silver-tape*. Se eu chegava ao muro e havia outra pessoa usando essa sapatilha, eu esperava ou pedia para revezar. Ou eu desistia. Mas não havia

⁵⁶ O texto a seguir é uma revisão das anotações dos cadernos de campo decorrentes dos primeiros seis meses de observações. Estão mesclados trechos dessas anotações com reflexões posteriores.

outra sapatilha na caixa que ficava “bem apertada no pé”. Eram sempre muito grandes, muito pequenas ou estavam sem condições de uso.

Ainda durante aqueles primeiros dias, falei sobre a minha pesquisa para um colega de disciplinas na Faculdade de Educação. Ele comentou algo sobre ter começado a escalar em outra cidade, e que poderia ceder-me suas sapatilhas, pois estavam há anos guardadas e sem uso. No dia 28/04 ele trouxe os calçados para eu experimentar: era exatamente o mesmo modelo da Quechua que eu usava no GEEU. E ficaram “bem apertadas no pé”! Esse era o meu primeiro e único equipamento de escalada. E era justamente aquele mais pessoal, aquele que sempre é recomendado para ser “a primeira compra” para os iniciantes. Assim, pude ir à Pedreira do Garcia pela primeira vez, com uma cadeirinha emprestada. Ter uma sapatilha criava em mim uma maior sensação de pertencimento à escalada. Eu possuía algo material daquele mundo, quase que como se eu tivesse em minha posse um objeto sagrado, de culto. Eram as minhas sapatilhas, que me proporcionaram uma progressão na técnica dos movimentos, que me livrava do aborrecimento de ter que usar um equipamento de uso compartilhado do GEEU. Mas havia um problema: essa sapatilha era idêntica (porém com pouco uso) a dois pares que havia disponíveis no GEEU. E ninguém mais tinha um modelo daquele. Como eu ainda era uma cara nova, conhecendo e conhecido por poucas pessoas, ninguém, aparentemente, havia associado que eu era um membro proprietário de uma sapatilha que era apenas igual às do muro. Em três ocasiões, fui abordado sobre estar indo embora levando comigo sapatilhas do muro. Em duas delas, os monitores foram cuidadosos e disseram: “essa é a sua sapatilha?” e “olha, sapatilhas iguais às do muro!”. Mas na primeira ocasião, o sujeito não foi tão delicado e, repreendendo-me, disse em tom alto: “opa, opa! Vai levar a sapatilha do muro!?”. Eu afirmei que elas eram minhas e, mesmo sem necessidade, eu mostrei suas etiquetas, que eu guardava na mochila. Para evitar novos constrangimentos, adquiri um par de cadarços verde-fluorescente. Isso não só destoava a minha sapatilha das demais, mas também criava um elemento identitário que me ajudou a ser mais facilmente reconhecido no muro. O “cara dos cadarços” era um iniciante, mas não mais totalmente novato. Em agosto de 2011, após quatro meses junto ao GEEU, finalmente adquiri o restante dos equipamentos essenciais. Através do *site* da Mad Rock, uma marca estadunidense de produtos de escalada, encontrei boas promoções e efetuei a encomenda de um *kit* contendo cadeirinha, bolsa de magnésio, uma bola de tecido preenchida com o pó de magnésio, dois

mosquetões, um freio e uma fita solteira. Em uma segunda encomenda, solicitei um novo par de sapatilhas, pois as anteriores, que ganhei, eram tão básicas que, mesmo eu ainda sendo um iniciante, já não atendiam mais às demandas das vias em que eu entrava. A expectativa pela chegada das encomendas do exterior é comum entre os escaladores e recorrentemente vira um assunto a ser debatido no muro ou na mesa de bar. Todo mundo acaba virando um pouco especialista em taxas aduaneiras e outras burocracias da importação. Ainda assim, a espera e as taxas compensam os preços proibitivos praticados no Brasil.

Sendo ainda um estranho na escalada, algumas coisas que eu ouvia no muro do GEEU me surpreendiam. Em meados de maio de 2011, G. comentou algo a respeito de alguns amigos e membros do grupo que trancaram a matrícula de seus cursos de graduação durante o semestre para escalar. Como eu ainda conhecia muito pouco sobre as maneiras com que é dada a prática da escalada, ingenuamente acreditei que esses sujeitos trancaram a matrícula para escalar no muro do GEEU, o que, obviamente, era injustificável. Eu ainda não compreendia, e também não era um *habitus* incorporado em mim, que os escaladores viajam com tanta frequência e com tanta naturalidade. O fato de um conjunto de amigos alugar uma residência em São Bento do Sapucaí para ter como base em suas viagens aos picos locais era algo inimaginável entre outros grupos de participantes em práticas de lazer que eu já conhecia como integrante ou como pesquisador. Isso já revelara que algo diferente havia entre minhas experiências de vida anteriores comparadas aos praticantes de escalada e aos estudantes da Unicamp, em geral. Surpreendia-me essa facilidade com que esses sujeitos têm para deslocarem-se da rotina, ter a iniciativa de dividir um carro e ir escalar em outros locais. Isso viria a mostrar muito sobre as peculiaridades desse grupo, tanto em relação aos aspectos positivos, como a mobilidade e atitude características dos escaladores, quanto negativos, como a dificuldade de acesso e exclusão àqueles que não dispõem dos recursos necessários. Contribuindo para esse estranhamento, a chegada em uma universidade de grande visibilidade como a Unicamp, mostrou-me um fluxo grande de intercambistas, algo com o que eu também não estava acostumado. Boa parte deles já eram praticantes de escalada em seus países de origem, alguns, inclusive, oriundos de países em que a escalada é mais difundida e estabelecida, como Espanha, Colômbia, Alemanha e Estados Unidos. A convivência com muitos estrangeiros no GEEU era, particularmente, uma experiência um pouco exótica, a princípio.

Ao longo do primeiro semestre de 2011, quando dei início ao trabalho de campo, minha rotina de idas ao GEEU era bem diferente de como seria nos semestres posteriores. Eu frequentava o muro uma ou duas vezes por semana, quase sempre no horário diurno. Conhecendo poucas pessoas, eu permanecia cerca de uma hora, no máximo uma hora e meia, por dia. Com o passar dos meses, comecei a conhecer mais membros do grupo, aproximei-me um pouco mais de alguns deles, enquanto minhas habilidades na escalada gradualmente iam evoluindo. Em menos de dois meses, eu permanecia por cada vez mais tempo no muro do GEEU, pois eu conseguia escalar um volume maior (já não me cansava tão rápido), e, durante os momentos em que me recuperava entre as entradas em uma via e outra, eu conversava com os escaladores que lá estivessem. Não tardou muito para que me ensinassem a fazer a segurança – o que ocorreu no dia 15/04/2011, pela monitora C. – era algo que eu ansiava aprender. Naquele momento, eu percebi que, sabendo operar os freios e fazer segurança, eu poderia me sentir útil junto ao grupo, enquanto isso me permitiria me desvencilhar mais rapidamente da imagem de iniciante. Em algumas tardes ou noites eu ia ao muro e apenas ficava realizando segurança. Era uma boa forma de me entrosar. Durante as férias letivas de julho de 2011, foi lançado na lista de *e-mails* o habitual chamado para monitores do semestre seguinte. Perguntei à G., monitora nos horários diurnos, o que era necessário para ser um monitor. “Saber abrir o muro, fazer os nós, montar os freios, receber as pessoas, fazer segurança, depois desmontar e guardar tudo”, disse. Quando soubemos que o outro monitor do outros horários diurno, F., estava prestes a viajar para um intercâmbio no exterior, G. me perguntou se eu estava interessado em ser monitor junto a ela no semestre seguinte, e que ela me ensinaria os procedimentos que eu deveria conhecer. E assim o fez tão logo o semestre letivo começara. No dia 12 de agosto de 2011 recebi uma das cópias da chave do armário do GEEU. Era um passo interessante como pesquisador, pois eu estava ascendendo em uma escala de inserção no GEEU. Naquele momento, a sensação é de que eu estava seguindo um bom caminho rumo a essa inserção no grupo. Eu era monitor, tinha alguns equipamentos básicos e já havia ido à rocha em uma ou outra ocasião, inclusive estando com vários integrantes do GEEU em uma viagem de um fim de semana para um pico de *boulder*.

Gradualmente abandonei os horários diurnos, passando a visitar o muro à noite. Eu já conhecia alguns dos membros mais frequentes, enquanto para alguns outros eu era totalmente desconhecido. Mas em pouco tempo, já no último trimestre de 2011, eu me tornara uma figura

comum de se ver no muro à noite. Sempre presente e disposto a ajudar os monitores com a abertura e fechamento do muro e também sempre atento a quem precisava de uma seg, tornei-me mais conhecido de todos. No fim do ano, quando o clima começou a ficar muito quente, aleguei à G. que me sentia muito mal escalando durante o dia, devido ao calor, e desertei da monitoria diurna. Esse foi, brevemente, o meu processo de inserção como novato e iniciante, como pesquisador e a base da construção da minha identidade como escalador. Todos esses eventos fizeram parte, então, do processo de incorporação do *habitus* da escalada e do GEEU que mais tarde me permitiria compreender as disposições mais intrincadas do grupo como uma manifestação de lazer e traçar seus meandros em um diálogo com a *Serious Leisure Perspective*.

Ao demonstrar a complexidade do universo da escalada e do GEEU, evidencia-se que não são as sensações ou o *status* promovido pela ação central, apenas, que constituem a atração e motivação para a participação na atividade. Mais que isso, é a atuação no grupo de escalada que provê uma extensa e profunda carga de sentidos e significados ao participante, que preenchem uma existência individual. O sujeito encontra, além do prazer da atividade, a oportunidade de forjar uma identidade, de compartilhar valores com seus pares, de empreender ações outrora inalcançáveis, de estipular e alcançar suas próprias metas e seus próprios desafios. Muitas vezes os escaladores visitam o GEEU não para escalar, mas apenas para desfrutar esses elementos consubstancializadores. Marinho nos contempla com uma amostra disso, ao falar do “prazer de estar junto [ao grupo] à toa [...]. Esse tipo de satisfação é percebida naqueles escaladores que passam pelo muro apenas por passar; sem nenhum outro objetivo, conversando ou apenas observando” (MARINHO, 2001, p. 85). Ao fazer parte do GEEU, o participante dispõe-se a viver a experiência de lazer territorializando e sendo territorializado, ou seja, contribuindo para a constituição, manutenção e transformação desse pequeno mundo; e, do mesmo modo, sendo influenciado e transformado por ele na medida em que ocorre sua imersão. O campo demonstrou diversas maneiras através das quais esse esquema de influências mútuas se efetiva. O GEEU é usufruído de várias formas, tanto pelos seus membros quanto pelos visitantes ocasionais, como um espaço de prática da escalada e de convívio e sociabilidade. As variadas maneiras com que o grupo é visto por seus integrantes correspondem aos diversos sentidos que fazem deste um grupo plural em seus significados. Porém, foi possível também observar que o GEEU não é tão plural quando identificamos o seu *membro ideal*, aquele que contribui para a manutenção e o

crescimento do grupo e que não destoa das características gerais dos seus integrantes. Essa idealização gera uma forma sutil de exclusão e coerção dentro do grupo.

Ao fim do trabalho, identificam-se quatro fatores fundamentais que configuram as práticas exercidas no GEEU como ações de lazer diferenciadas, significativas, que as situam no espaço do *serious leisure*: o desenvolvimento e a dedicação à prática da escalada em si; a existência de um mundo social e suas relações internas, com características particulares e os códigos e as linguagens praticadas no seu interior; a própria participação nesse grupo/mundo social, suas exigências e benefícios e o equilíbrio entre a influência exercida por esse fator na vida de seu participante e sua prioridade; e todo o corpo de conhecimentos necessários para que o participante possa desfrutar de todos os elementos desse universo de lazer. O *serious leisure* e as noções de experiência de lazer e lazer significativo mostram como essas manifestações podem, portanto, assumir um papel relevante no curso da vida do sujeito que dele participa. O lazer torna-se, assim, uma opção às tradicionais instituições da sociedade – como família, religião, trabalho, nação e etnia – como um meio formador de sentidos e significados. Nesse momento, argumento que, ao deixar de ser um constructo subjacente aos citados acima, o lazer ascende em uma escala de importância. Quando o sujeito desfruta de alguma forma de lazer significativo, este se torna um parâmetro destacado, mas não separado de sua vida.

De maneira geral, a *Serious Leisure Perspective* demonstrou, através de suas categorias, que as atividades de lazer podem variar desde ações casuais de curta duração a até compromissos empenhados ao longo da vida. O quadro teórico possui suas virtudes e fraquezas no estudo do lazer. Embora ofereça uma classificação e explicação de todas as atividades e experiências de lazer (STEBBINS, 2007), essa pretensão do autor acaba por tornar-se uma fragilidade em suas proposições. Stebbins, ao longo de sua obra, cria muitas categorias na tentativa de englobar todas as situações possíveis, acabando por gerar uma sistematização rígida e confusa em categorias estanques. Seja como for, pode-se refletir sobre manifestações de lazer (especialmente as de *serious leisure*) tendo em vista a SLP, mas sem necessariamente ater-se a todas as categorias criadas por Stebbins, ou destacando apenas aquelas que forem mais relevantes para cada caso.

Após 40 anos de desenvolvimento e recebendo a maior parte de suas contribuições a partir de um mesmo estudioso, a SLP é coerente em seus argumentos e também válida, como

mostramos aqui através de um diálogo com os dados de campo. Talvez falte uma profundidade crítica na obra de Stebbins, que tem teor muito descritivo e, como dito, classificatório. Ainda assim, é uma grande contribuição para a área dos estudos do lazer. É importante ressaltar que, embora não tenha um olhar tão crítico e multifacetado sobre o lazer como Rojek (1995), Stebbins deixa transparecer em sua obra que o lazer não é algo de todo positivo e benéfico. O autor reconhece que o envolvimento com o *serious leisure* pode ocasionar consequências negativas para o participante, seja em relação à família, ao matrimônio ou ao trabalho (STEBBINS, 2007), ou em relação à atuação em práticas de *serious* ou *casual leisure* consideradas como desviantes (ROJEK, 1995; STEBBINS, 2007). Ao longo da pesquisa, procurei agregar alguns elementos ao corpo de conhecimentos da SLP: a sugestão de Jones (2000), acerca da importância da filiação ao grupo, e uma maior atenção sobre a construção do estilo de vida, da identidade e em relação aos quatro valores do *serious leisure* que são desenvolvidos ao longo da carreira de lazer (conhecimento, treinamento, experiência e habilidade).

Uma questão emerge desse trabalho e resta como sugestão para uma futura análise. O envolvimento com o grupo de escalada representa uma participação tão ampla em um universo específico que é possível hipotetizar que essa experiência de lazer pode representar uma realidade alternativa, que oportuniza uma fuga da vida real. Nessa forma de simulacro, o participante cria uma vida em que ele pode estipular e alcançar suas próprias metas, conviver apenas com pares que comungam interesses em comum, sentir-se realizado e provido de uma identificação cunhada através do exercício de uma prática de seu interesse.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. Tempo Livre. In: _____. *Palavras e sinais: modelos críticos* 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

BANNWART, Flávio. **História**. 1998. Disponível em: <<http://www.geeu.wsystem.com.br/quem-somos/historia>>. Acesso em 17 mar. 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, v. 19, n. 1, pp. 20-28.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

FREIRE, Teresa; FONTE, Carla. Escala de atitudes face ao lazer em adolescentes e jovens adultos. **Paidéia**. 2007, v. 17, n. 36, pp. 79-87.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**. 2003, v. 46, n. 2, pp. 423-444.

JONES, Ian. A model of serious leisure identification: the case of football fandom. **Leisure Studies**. 2000, v. 19, n. 4, pp. 283-298.

LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia-Antropologia**. 3 ed. Trad. Anna Hartmann Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2002, v.17, n. 49, pp. 11-29.

MANNING, Philip. Three Models of Ethnographic Research: Wacquant as Risk-Taker. **Theory & Psychology**. 2009, v. 19, n. 6, pp. 756-777.

MARINHO, Alcyane. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva**. 2001. 122 f. Dissertação. Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.

MARSKI FILHO, Davi Augusto. **Pesquisa sobre o Perfil do Escalador**. 2009. Disponível em <<http://www.marski.org/component/content/article/6-diversos-geral/210-pesquisa2009>>. Acesso em 02 ago. 2012.

OLIVEIRA, Saulo. **Lazer sério e envelhecimento**: loucos por corrida. 2010. 101 f. Dissertação. Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Saulo; DOLL, Johannes. Serious Leisure. **Movimento**. 2012, v. 18, n. 1, pp. 325-338.

ROJEK, Chris. **Decentring Leisure**: rethinking leisure theory. Londres: Sage, 1995.

ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes (orgs). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

STADNIK, Adriana Maria Wan; CUNHA, António Camilo; PEREIRA, Beatriz. Ginástica geral: uma proposta para a educação física escolar. In: VI EDUCERE - Congresso Nacional de Educação PUCPR - Práxis, 2006, Curitiba. Anais do VI EDUCERE - Congresso Nacional de Educação PUCPR - Práxis. Curitiba: PUCPR, 2006. pp. 861-874.

STEBBINS, Robert. **Serious leisure**: a conceptual statement. **Pacific Sociological Review**. 1982, v. 25, n. 2, pp. 251-272.

_____. **Amateurs, professionals and serious leisure**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1992.

_____. Serious leisure. **Society**. 2001, v. 38, n. 4, pp. 53-57.

_____. Career and life course: leisure as process. In: **LSA Newsletter**, n. 6, 2004.

_____. **Serious leisure**: a perspective for our time. New Brunswick: Transaction Publishers, 2007.

_____. **Leisure and consumption**. Common ground/separate worlds. Palgrave Macmillan: New York, 2009.

_____. **Interview** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Gabriel Vargas em 07 jul. 2010.

UNRUH, David. The nature of social worlds. **The Pacific Sociological Review**, 1980, v. 23, n. 3, pp. 271-296.

VARGAS, Gabriel Rocha. **Competição e lazer no esporte**: aliados ou rivais? Um estudo sobre a prática dos ciclistas competitivos amadores do município de São João del-Rei - MG. Relatório de pesquisa – Programa Institucional de Iniciação Científica. Universidade Federal de São João del-Rei, 2010.

VILLELA, Jorge Mattar. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. **Mana**. 2002, v. 8, n. 2, pp. 220-222.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Esclarecer o Habitus. **Educação & Linguagem**, 2009, v. 10, n. 16, pp. 63-71.

_____. Habitus as topic and tool: reflections on becoming a prizefighter. **Qualitative Research in Psychology**. 2011, v. 8, n. 1, pp. 81-92.

WHYTE, William Foote. **Learning from the field**: a guide from experience. Berverly Hills: Sage, 1984.

Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Escalada e *serious leisure*”, de responsabilidade do pesquisador Gabriel Rocha Vargas. Esse projeto tem por objetivo reconhecer alguns aspectos da prática da escalada, de forma que a pesquisa deverá contribuir para a área dos estudos do lazer. A pesquisa tem se desenvolvido por meio da integração e atuação do próprio pesquisador junto ao Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp (GEEU). Durante a pesquisa, o pesquisador reflete sobre a relação dos integrantes do grupo com a escalada e sua prática e realiza entrevistas com temas relacionados ao objetivo aqui apresentado. As entrevistas serão gravadas em áudio e apenas o pesquisador terá acesso às gravações, mas você também poderá ter acesso ao seu próprio registro, caso queira. Você será identificado por um número ou nome fictício, para que sua identidade seja preservada.

A pesquisa não apresentará qualquer risco ou desconforto, e você poderá se sentir livre para desistir de participar e retirar seu consentimento a qualquer momento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador, com a instituição ou com o grupo de escalada, pois sua participação é livre e voluntária. Você poderá também pedir, a qualquer momento, esclarecimento sobre a pesquisa e seus métodos. Não haverá nenhuma forma de ressarcimento, pois sua participação na pesquisa não o levará a ter custos.

Duas vias do presente termo deverão ser assinadas caso o praticante aceite participar da pesquisa, sendo que uma ficará sob sua posse. Em caso de dúvidas, favor entrar em contato com o prof. Gabriel Rocha Vargas, ou ainda, em caso de denúncia, ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa.

Pesquisador Responsável: Prof. Gabriel Rocha Vargas

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF – UNICAMP).
Programa de Pós-Graduação.

Endereço: Rua Alexandre Cazelatto, 610 cs. 8, Betel – Paulínia – SP

Telefone: (19) 8216-1541 e-mail: gabrielrvargas@gmail.com

Comitê de Ética da UNICAMP: Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 - Caixa Postal 6111
13083-887, Campinas – SP. Fone (019) 3521-8936 e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Estou ciente e autorizo a pesquisa,

Local: _____ Data: ____/____/____

Nome: _____

Idade: _____

R.G. _____

Anexo II – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP

PROJETO DE PESQUISA

Título: Escalada e lazer sério: o desenvolvimento de carreiras de lazer em um microcosmo esportivo

Área Temática:

Pesquisador: Gabriel Rocha Vargas

Versão: 1

Instituição: Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP

CAAE: 02517412.7.0000.5404

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 25149

Data da Relatoria: 22/05/2012

Apresentação do Projeto:

Este estudo lança um olhar sobre os mecanismos envolvidos na participação espontânea de indivíduos em uma determinada atividade de lazer, descrevendo as experiências e representações construídas pelos participantes tendo em vista a perspectiva do lazer sério.

Objetivo da Pesquisa:

Conhecer o processo de adesão à prática da escalada e sua significação, ações que serão entendidas aqui como o desenvolvimento de uma carreira de lazer por parte do participante.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O autor refere que não haverá riscos aos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O autor refere que não haverá riscos aos participantes e que também não haverá Benefícios do estudo aos participantes.
Discordo dessa assertiva pois a participação nas entrevistas e discussões que se seguirão, fará o participante do grupo reavaliar suas opiniões e sua inserção social no esporte de lazer coletivo. Per si já será um benefício, essa chamada a questionamentos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

de acordo.

Recomendações:

Inserir nos benefícios a importância do pensar em relação a inserção do praticante no grupo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado.

CAMPINAS, 22 de Maio de 2012

Assinado por:

Carlos Eduardo Steiner